



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FÁBIO MANUEL CARVALHO BERNARDINO

**O Segredo de Fátima:
Ensaio de hermenêutica teológica**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor José Jacinto Ferreira de Farias, SCJ

Lisboa
2013

*Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque
escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste
aos pequeninos.
(Lc 10, 21)*

Introdução

O presente trabalho de dissertação procurará abordar, de forma simples e sucinta, um dos temas que, na Igreja em Portugal e no mundo, mais tem dado aso a reflexões e especulações de diversa ordem no último século: o chamado *Segredo* de Fátima. Da nossa parte, contudo, pretendemos uma aproximação teológica fundamentada na fé da Igreja e no contributo de diversos autores católicos, com credibilidade reconhecida pelo próprio Santuário de Fátima, nomeadamente através das suas participações em congressos teológicos.

O caminho da humanidade através dos tempos está permeado de sinais sobrenaturais, que influenciam o desenrolar dos acontecimentos humanos e acompanham o caminho do mundo, surpreendendo crentes e descrentes. «Estas manifestações, que não podem contradizer o conteúdo da fé, devem convergir para o objecto central do anúncio de Cristo: o amor do Pai que suscita nos homens a conversão e dá a graça para se abandonarem a Ele com devoção filial. Tal é a mensagem de Fátima, com o seu veemente apelo à conversão e à penitência, que leva realmente ao coração do Evangelho»¹.

O *Segredo* de Fátima constitui, assim, uma luz para a Igreja e para o mundo, que irradia na história da humanidade a partir daquela que é considerada «a mais profética das aparições modernas»². A Mensagem, na sua profundidade, parte da situação histórica da Igreja, toca nas raízes do homem, nas suas interrogações mais profundas, que dizem respeito às origens e aos destinos humanos, apresenta na sua pessoa um tipo antropológico luminoso e iluminante da caminhada cristã, propõe indicações muito significativas para a espiritualidade³.

Começaremos por uma breve exposição de alguns argumentos mais ousados da crítica anti-fatimida, aos quais tentaremos contrapor uma perspectiva que sublinha a dimensão figurativa da linguagem e da literatura presente em toda a Mensagem, especialmente no que ao *Segredo* diz respeito.

¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* in *Memórias da Irmã Lúcia I* – Apêndice III (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2006¹²) 197.

² BENTO XVI, *Regina Coeli de 13 de Maio de 2007 – Santuário de N. S. Aparecida, Brasil* in *L'Osservatore Romano* – Edição Semanal em Português, N. 20 (1.952) 277.

³ Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima. Uma luz sobre o futuro do mundo* (Lisboa: Paulus 2008) 29.

Num segundo capítulo, olharemos os principais aspectos, literários, históricos e espirituais, que fundamentam a credibilidade do *Segredo*, partindo sobretudo da *Documentação Crítica de Fátima* e destacando o testemunho dos próprios videntes.

Finalmente, analisaremos o texto do *Segredo* propriamente dito, nas suas três partes constituintes, assim como outros documentos a ele referentes. Poremos em destaque os grandes temas teológicos a que faz referência, evidenciando a luz que significam para a Igreja e para o mundo de hoje.

Com este trabalho, não é, pois, nossa pretensão acrescentar novidade à reflexão até agora desenvolvida no âmbito do tema, mas reunir alguma da produção teológica, com vista a uma clarificação daquilo que realmente, através da revelação do *Segredo* às três crianças de Fátima, Deus quis e quer revelar ao mundo de hoje.

Capítulo Primeiro:

A problemática do *Segredo* de Fátima

Antes de iniciarmos uma abordagem teológica ao *Segredo* de Fátima, considerámos oportuno, de forma muito breve, apresentar, citando, alguns dos argumentos críticos mais provocadores, na linha da oposição à versão da Mensagem como é apresentada e interpretada pela Igreja Católica.

Num segundo ponto, evidenciaremos algo que estas perspectivas porventura não tiveram em conta: a índole literária que trespassa toda a transmissão da Mensagem de Fátima, nomeadamente na *Documentação Crítica*, em particular nos interrogatórios aos videntes, e nas *Memórias da Irmã Lúcia*.

Procederemos, assim, a uma preparação mais sólida para a análise dos testemunhos das três crianças após as aparições e dos textos do próprio *Segredo*, escritos por Lúcia anos mais tarde.

1.1 – A crítica anti-fatimida

Exporemos, neste ponto, o pensamento de cinco autores anti-fatimidas, abordando conteúdos de cinco diferentes obras, que ordenámos por ordem cronológica de publicação.

Por não serem, de todo, estes os nossos pontos de vista, citaremos em larga escala os argumentos em questão.

1.1.1 – João Ilharco

João Ilharco é dos primeiros autores a apresentar, detalhadamente e com provas, uma crítica anti-fatimida, partindo da própria história contada acerca das aparições e da sua mensagem. Na sua mais representativa obra sobre o presumível fenómeno, *Fátima Desmascarada*, o historiador começa por evidenciar a falta de credibilidade que Lúcia, a

mais velha dos três videntes e também a protagonista na transmissão dos mesmos, mereceria, tendo em vista as suas condições intelectuais e culturais:

«É fácil avaliar a profunda deformação mental que a intensa catequese, a que foi submetida, devia ter produzido no cérebro débil duma criança de seis anos, que desconhece as mais elementares noções das realidades – criança tão ignorante e tão inconsciente que, quatro anos depois, a acreditarmos no que se lê em “Jacinta”, não compreende o que sejam meses e anos e não sabe distinguir uns dos outros os dias das semanas.

A mãe, que lia alguma coisa, à noite entretinha os filhos falando-lhes das aparições de Lourdes e de La Salette e lendo-lhes fabulosas histórias nas páginas do “Velho Testamento” e de “A Missão Abreviada”. Para Lúcia, por esta razão, o trato directo entre divindade e os homens era facto corrente, uma verdade absoluta»⁴.

Aproveitando esta inocência de Lúcia, alguém teria, assim, proporcionado a sua “reclusão” num convento, para que toda a suposta revelação da Virgem aos Pastorinhos fosse sendo rebuscadamente elaborada por mentes mais astutas:

«Se a vidente é um transmissor e propagador de mensagens divinas, era racional e lógico que a deixassem permanecer em contacto com toda a gente, como testemunho vivo dos desejos de Deus. Usando da maior prudência, as autoridades eclesiásticas obstam a que tal aconteça.

Quando realizadas fora dos conventos, as aparições, na maioria dos casos, têm por únicas testemunhas crianças ignorantes, inconscientes e crendeiros, a quem é facilímo mistificar. Uma vez que a aparição é declarada digna de crédito, a vidente é rigorosamente sequestrada do mundo e enclausurada num convento. Onde num mágico e poderoso cadinho será transformada em “coisa morta que os outros conduzirão”.

Os que aprovam o milagre farão da vidente uma criatura totalmente passiva, que deixará de pensar por si»⁵.

Uma obra surgida em 1938, e depois ampliada em 1942, intitulada *Jacinta*, da autoria do Dr. Galamba de Oliveira, é para este crítico a primeira apresentação da nova história de Fátima, que teria sido elaborada ao longo de cerca de vinte anos, com o absoluto silêncio da parte da agora Irmã Lúcia, obrigada a aceitar esta nova configuração da mensagem, pela qual teria de dar a cara. Um livro que, na opinião de João Ilharco, «excede, de longe, tudo o que a mais fértil imaginação poderia conceber nos domínios da ficção»⁶.

⁴ J. ILHARCO, *Fátima Desmascarada* (Coimbra: 1971) 37.

⁵ J. ILHARCO, *Fátima Desmascarada* 42.

⁶ J. ILHARCO, *Fátima Desmascarada* 197.

O carácter de novidade trazido pelas novas declarações contradiria, em muito, os episódios do já remoto ano de 1917:

«A verdade, porém, é que Lúcia, em 1917, nada ocultou – excepto o “segredo” – do que sabia acerca das aparições. A respeito da primeira, a que foi dada a aparência de real, contou o que viu e ouviu. Pode suspeitar-se de que à aparição realizada em 19 de Agosto, no Valinho, foi dada, igualmente, a aparência de real. No dia das outras quatro, Lúcia nada presenciou nem ouviu, e limitou-se a repetir, sob a ameaça de castigos divinos terríveis, aquilo que os autores do sobrenatural de Fátima lhe ensinaram para ela dizer»⁷.

Lúcia teria assim sido instrumentalizada pelos verdadeiros “autores fatimidas”, para se apresentar como a autêntica autora dos relatos das aparições:

«A nova história é obra exclusiva dos autores fatimidas. E a juntar às demais provas, há uma de valor absoluto: quando o bispo de Leiria fez depor Lúcia em 1924 no inquérito canónico aos acontecimentos da Cova da Iria – depoimento prestado sob juramento religioso -, Lúcia não pronunciou uma palavra que se relacionasse com a história posta a correr vinte anos após as aparições»⁸.

O autor procura deixar bem patente de que esta nova história é absolutamente nova e totalmente desconhecida por quem quer que seja, inclusive a própria Lúcia, o que favorece naturalmente a sua tese de que foi inventada e apresentada como se tivesse realmente acontecido, duas décadas antes:

«Da nova história, no decurso dos vinte anos que se seguiram a 1917, nunca ninguém soube nada de nada: nem os pais dos videntes, nem os irmãos, nem os vizinhos.
E Lúcia, anteriormente a 1938, também não conhecia dela uma palavra»⁹.

Insiste na impossibilidade desta nova composição ser da autoria de Lúcia, que, dadas as suas incapacidades intelectuais, nunca seria capaz de inventar e compor daquela maneira o conteúdo supostamente revelado pela Virgem. Este seria apresentado de formas diversas segundo os gostos de cada autor:

«Ora se Lúcia é possuidora duma instrução intelectual reduzidíssima, não podem ser da sua autoria as revelações que lhe são atribuídas, visto que

⁷ J. ILHARCO, *Fátima Desmascarada* 197.

⁸ J. ILHARCO, *Fátima Desmascarada* 200.

⁹ J. ILHARCO, *Fátima Desmascarada* 202.

muitos dos trechos, que as constituem, chegam a alcançar certo brilho literário. E como os autores fatimidas sabem que o texto das revelações lhe não pertencem, cada um lhe dá a forma que mais lhe agrada, como é fácil verificar»¹⁰.

Um sinal desta manobra dos autores fatimidas constatar-se-ia na tentativa de justificação, colocada no punho de Lúcia, da memória que ainda guardaria dos factos, não obstante o tempo decorrido depois dos mesmos:

«Os redactores dos discursos empenham-se em fazer crer que Lúcia possui uma memória prodigiosa. Alguns autores fatimidas chegam a atribuir a Lúcia esta *ingénua e modesta* explicação:
- “Como é, não sei. O nosso bom Deus, que reparte os dons que lhe apraz, repartiu comigo este bocadinho de memória e por isso só ele sabe como é”. Ora a memória prodigiosa de Lúcia é *made in Fátima* e saída da mesma retorta de que surgiu a nova história»¹¹.

1.1.2. – *Moisés Espírito Santo*

Na óptica de Moisés Espírito Santo, historiador e etnólogo, as revelações em causa têm origem numa corrente islâmica, o *fatimismo*, nome inspirado na filha do Profeta Maomé, Fátima, que seria depositária de um segredo confiado pelo pai.

«O Segredo procedia do Profeta que o transmitiu a Fátima e esta ao marido (Ali) ou, então, veio do Profeta que o passou a Khadijja , sua primeira esposa e confidente e ela passou-o a Fátima (...). Fátima passou o Segredo a Ali que disse: “Eu sou Ali, o sinal do todo-poderoso. Eu sou o primeiro e o último. Eu sou o manifestado e o encoberto. Eu sou a face de Deus. Eu sou a mão de Deus. Eu sou o lado de Deus. Eu sou aquele que no Evangelho se chama Elias. Eu sou o que detém do Segredo do Enviado de Deus”»¹².

O autor define assim o *fatimismo* como um movimento espiritual islâmico que privilegia o visionarismo, as revelações particulares e outras capacidades sobrenaturais nos crentes:

«O fatimismo (ismaelismo, chiismo) medieval é o universo do delírio visionário. Teofanias (aparicação de entes divinos), ubiidade e telepatia são o *pão quotidiano* dos iniciados.

¹⁰J. ILHARCO, *Fátima Desmascarada* 203.

¹¹J. ILHARCO, *Fátima Desmascarada* 275.

¹² M. ESPÍRITO SANTO, *Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima*, (Universidade Nova de Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões 1995) 223.

Também para os chiitas actuais, que vivem na presença do Imam Oculto, o *conhecimento* e a *visão* do Imam, de uma maneira ou de outra, são necessários. (...) Esse conhecimento processa-se por meio de sonhos e de acontecimentos visionários porque o Guia glorioso pode manifestar-se aos seus mais fiéis amigos”. (...) A maneira como é vivida esta presença ou iluminação é um *segredo selado e um tesouro escondido* da Ciência de Deus e que se deve ocultar aos que não são dignos”. A literatura e a piedade popular chiitas abundam em narrações de aparições em que o crente *encontra o seu Imam* no momento dum grande desespero, num lugar sagrado, num lugar solitário, num caminho, no momento duma decisão importante. Uma grande variedade de textos relatam testemunhos de pessoas que puderam encontrar o Encoberto sob os traços dum jovem cuja fisionomia e caracter se assemelhavam aos de Jesus»¹³.

Para este autor, o *segredo* da Cova da Iria tem relação profunda com este tipo de mensagens secretas, originárias da referida facção islâmica. Para além da coincidência do nome da filha de Maomé com o da freguesia portuguesa, o próprio lugar “Cova da Iria” é assim denominado devido a anteriores visões que terão ocorrido ali. Aliás, a palavra *Iria* deriva de *riya*, termo que significa *ver-se* ou *ver-se num espelho*¹⁴, o que, como conta a Irmã Lúcia, se passou também com as três crianças em 1917¹⁵. Moisés Espírito Santo argumenta a estranheza desta mensagem secreta para os três pastorinhos com a incoerência e as poucas certezas do seu próprio testemunho:

«A ideia de uma mensagem secreta deixada pela Senhora da Cova da Iria tem ares de ser uma ideia exógena posta a circular no local e que as crianças adoptaram; talvez viesse das bandas de Ourém, em Julho ou Agosto. Passando a ser o mote das aparições, os videntes não souberam dizer quando e em que circunstâncias o Segredo lhes foi comunicado. Lúcia disse ao cônego Formigão: “Parece-me que foi da 2º vez (Junho)” enquanto Jacinta respondeu: “Cuido que foi em Julho”. Ora, se a Senhora lhes tivesse transmitido uma mensagem e lhes recomendasse que não a revelassem, o momento seria melhor memorizado (não pensariam senão nisso). O pároco ao corrente do falatório dos vizinhos – metade adeptos metade refractários – e que interrogou as crianças depois de cada dia 13, “só soube que havia um segredo, pela primeira vez, em 13 de Agosto” e pela via do administrador do concelho quando este se apresentou na sua residência para levar os videntes a fim de lhes extorquir, precisamente, o Segredo. Na fase clerical do culto acabou por se dividir em três partes e ser entregue ao papa. Compreendemos esta *démarche* da Lúcia: uma vez que o público reclama o segredo e sendo ele intransmissível (como podem estas coisas ser ditas aos transeuntes?) teve-se de inventar um segredo-mensagem»¹⁶.

¹³ M.ESPÍRITO SANTO, *Os Mouros Fatimidas* 193.

¹⁴ Cf. M. ESPÍRITO SANTO, *Os Mouros Fatimidas* 218.

¹⁵ IRMÃ LÚCIA, *Memórias I* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2006¹²) 174.

¹⁶ M. ESPÍRITO SANTO, *Os Mouros Fatimidas* 237.

Este crítico considera ainda a possibilidade da influência de uma obra literária existente na casa da família de Lúcia. Uma das fortes probabilidades é o livro *Missão Abreviada*, do Padre Manoel Couto (séc. XIX), então bastante popular. A mãe teria assim o hábito de ler à filha algumas passagens¹⁷.

Contudo, uma outra hipótese bastante admitida por este estudioso é a de que o livro existente na casa seria um outro:

«Seria diferente o conteúdo do livro que existia na casa de Lúcia? Como saber? Por enquanto aproveita-se o título... *Missão*. É provável, isto sim, que no remoto tempo dos Mouros fatimiditas de Ourém circulasse também na serra d'Aire, no interior da Missão (*daw'a*) do missionário (da'i), um livro secreto de teologia fatimida, chamado qualquer coisa como *Missão* contendo de forma abreviada para uso do povo a ciência secreta dos Guias divinos, a relação entre Fátima e Maria, etc., ou o Livro árabe dum certo Odeifa, como o dos Mouriscos de Granada, com o segredo dos sinais da desocultação de Ali ou Elias»¹⁸.

1.1.3 – Pe. Mário de Oliveira

Analisando de perto a obra de Mário de Oliveira, *Fátima, nunca mais*, uma compilação de artigos acerca deste fenómeno que agitou a sociedade e a Igreja em Portugal, fica também evidente uma dura crítica a todo o movimento gerado à volta de Fátima. Na sua opinião, fundamentada, estas supostas aparições não passaram de uma montagem, por conveniência da hierarquia da Igreja Católica.

O famoso autor remonta assim aos primeiros anos após as aparições, argumentando que, ao não acreditar nelas, retoma a mesma atitude da própria Igreja Católica, antes de 1930:

«Na verdade, durante 13 anos, também ela [a Igreja Católica], não acreditou nas aparições de Fátima. E podia ter-se apressado a reconhecê-las, porque, até então, eram já muitos os milhares de pessoas que acorriam a Fátima, entre 13 de Maio e 13 de Outubro, de cada ano. E, inclusive, havia já ocorrido o chamado “milagre do sol”, no dia 13 de Outubro de 1917»¹⁹.

Associa esta aprovação canónica das aparições à mudança de regime no país, da Primeira para a Segunda República:

¹⁷ Cf. M. ESPÍRITO SANTO, *Os Mouros Fatimiditas* 238.

¹⁸ M. ESPÍRITO SANTO, *Os Mouros Fatimiditas* 239.

¹⁹ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* (Porto: Campo das Letras 1999) 10.

«Porém, só em 1930 é que a Igreja Católica reconhece Fátima. Um reconhecimento oficial a que não terá sido alheio o facto de ter saído vitorioso o golpe militar de 28 de Maio de 1926.

O novo regime, obscurantista católico, saído deste golpe militar e presidido pela dupla Salazar-cardeal Cerejeira, carecia de uma coisa assim, para mais facilmente se implantar nas populações. A Senhora de Fátima, com a mensagem retrógrada, moralista e subserviente que lhe é atribuída e que, ainda hoje, vai tão ao encontro da generalidade dos nossos funcionários eclesiásticos católicos e do paganismo religioso-católico das nossas populações, vinha mesmo a matar. Nem sequer era preciso esforçar-se por arregimentar as populações à volta do clero. Bastava ir ao seu encontro, todos os meses em Fátima.

Vai daí, em lugar de continuar a demarcar-se do fenómeno e até a hostilizá-lo, a hierarquia maior da Igreja Católica, em 1930, mudou radicalmente de estratégia e reconheceu-o e canonizou-o, como sobrenatural»²⁰.

Vê assim, neste reconhecimento, motivações de lucro a vários níveis:

«Terá percebido nessa altura [a hierarquia católica] que, se não adiasse mais esse reconhecimento, os lucros seriam enormes, como, efectivamente, foram. Lucros financeiros. Lucros políticos. Lucros clericais. Lucros eclesiástico-católicos»²¹.

No fenómeno de Fátima, cuja popularidade aumentava exponencialmente, a hierarquia católica teria, pois, um instrumento eficaz contra presumíveis inimigos da sua influência na sociedade:

« (...) esta nova atitude da hierarquia maior da Igreja Católica veio revelar-se, igualmente, como um verdadeiro trunfo contra a República de 1910. E contra a liberdade. Contra a autonomia individual. E contra todas as outras Igrejas não católicas. Contra a maçonaria. E contra a laicidade e a cidadania, então incipientes»²².

O pior, segundo este contestatário sacerdote, é a traição ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo em que se revelou esta mudança de estratégia:

«Uma traição que acabou por desfigurar completamente o Cristianismo, tal como o próprio Jesus Cristo o inspirou com a sua prática e palavra, no sentido de que ele materializasse, na história, a via de realização humana integral, saudavelmente incómoda, como o sal da terra, e libertadoramente subversiva, como a luz do mundo (Mt 5)»²³.

²⁰ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 10.

²¹ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 10, 11.

²² M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 11.

²³ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 11.

Os pastorinhos são tidos como as principais vítimas deste “embuste”, e o protagonismo de Lúcia como uma evidente instrumentalização, por parte da Igreja e do Regime, para manipular e impor a “mensagem” da Senhora:

« (...) Talvez por ser a mais vigorosa e menos impressionável, conseguiu sobreviver a todo aquele terror que a Senhora de Fátima materializava e materializa ainda hoje.

Entretanto, alguns clérigos mais fanáticos do catolicismo obscurantista e moralista de então – eles viam nas “aparições de Fátima” não a presença do demoníaco, como elas efectivamente são, mas sim a presença do divino, e até um verdadeiro milagre do céu – haviam conseguido arrastar a pequenita Lúcia, poucos anos depois de 1917, para fora da sua aldeia e encurralaram-na, primeiro, no Asilo de Vilar, no Porto, e, depois, num convento da Galiza. Foram ao ponto de lhe arrancar o nome (é o mesmo que tirar-lhe a identidade) e passaram a chamar-lhe – imagine-se – Irmã Maria das Dores. Ao mesmo tempo, proibiram-lhe que alguma vez falasse a alguém das “aparições”.

O terreno estava, pois, mais do que preparado para obter desta antiga “vidente” uns relatos bem mais completos das “aparições”, os quais, duma vez por todas, impusessem Fátima à Igreja e ao mundo. E, se bem o pensaram, melhor o fizeram.

Deram ordens à irmã Dores (actualmente, ela é, de novo, Lúcia), sempre em nome, é claro, do voto de obediência, para que ela escrevesse. E até lhe forneceram, antes de cada relato, orientações muito precisas sobre o que ela deveria escrever. Finalmente, corrigiram-lhe os textos que ela manuscreeveu, para que pudessem ser publicados sem erros e com boa pontuação. Tudo muito isento como se vê!...»²⁴.

A ironia do autor deixa transparecer bem a sua posição acerca destes escritos, aos quais se deu o nome de *Memórias da Irmã Lúcia*. Obra fundamental para a compreensão das revelações de Fátima, as *Memórias* seriam fruto, não das verdadeiras memórias de Lúcia sobre os factos ocorridos, mas do arranjo dado por estes “clérigos mais fanáticos” que, com o passar do tempo, teriam acrescentado diversos elementos à “mensagem”, remetendo a sua autoria para a Irmã Lúcia. Os críticos de Fátima passaram assim a designar por “Fátima II” esta nova configuração do testemunho dos videntes dada pelas *Memórias*:

«(...) um livro bizarro e delirante, mas imprescindível para se entender Fátima e a sua Senhora. Os relatos do livro surpreenderam tanto os críticos de Fátima que estes passaram a chamar-lhes “Fátima II” tão diferentes eles eram dos relatos primitivos de 1917, que, por isso, passaram a ser referidos

²⁴ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 12.

como “Fátima I” e que não passam, estes últimos, de curtos depoimentos, mais ou menos ingênuos, das três crianças ditas “videntes”.

(...)

Violentemente sequestrada da sua aldeia, poucos anos depois das pretensas “aparições”, encurralada mais ou menos à força num convento sob um nome que nem sequer era o dela e acompanhada por confessores fanáticos e beatos que viam sobrenatural em tudo, ao mesmo tempo que tinham uma histérica fobia por tudo o que fosse Mundo e República, laico e secular, liberdade de consciência e cidadania, eis que a pobre rapariga de Fátima [Lúcia] passou a ser um brinquedo nas mãos deles, a cujos olhos, para cúmulo, todos os processos a utilizar eram legítimos, desde que servissem para ajudar a derrotar mais depressa e mais eficazmente a República e todos os outros “supostos” inimigos da Igreja Católica»²⁵.

Para mais, segundo este crítico, o tipo de religião incutido por estes escritos em nada se identifica com o verdadeiro cristianismo, de acordo com o Evangelho. Revela-se, antes, na sua total oposição:

«(...) que valor probatório gozam essas Memórias da Irmã Lúcia? Que credibilidade merecem? Tomar a sério o que lá está escrito e edificar sobre estes relatos, manifestamente delirantes, a base da religião de Fátima não é uma injúria à Fé cristã e ao Evangelho de Jesus Cristo? Não é um insulto a Deus, pelo menos, àquele Deus que se nos revelou plenamente em Jesus de Nazaré, e em Maria, sua mãe carnal e exemplar discípula?

Mas a verdade é isto que continuamos hoje a ver em Fátima. Ou seja, vemos a Senhora de Fátima ser cultuada, como a grande deusa da Serra d’Aire, e, embora este culto tudo de demoníaco e nada de cristão e de humano, é, sem dúvida, às Memórias da irmã Lúcia e aos seus demenciais delírios que ele vai buscar todo o seu fundamento»²⁶.

As diferenças são, segundo esta visão, de tal ordem, que tanto a imagem do Deus de Fátima, como as de Jesus e Maria presentes na mensagem contradizem totalmente a verdade com que o autêntico cristianismo as apresenta:

«A leitura destes escritos deixou-me, evangélica e teologicamente, horrorizado. Nem a Senhora de Fátima da “vidente Lúcia”, tal como ela se lhe refere, corresponde a Maria, mãe carnal de Jesus e a sua melhor e mais perfeita discípula, nem o Deus dos seus textos corresponde ao Deus que nós, cristãos e cristãs, reconhecemos e proclamamos e que se revelou definitivamente na pessoa de Jesus de Nazaré, o ressuscitado que, antes, havia sido crucificado.

Digamos que o deus das Memórias da Irmã Lúcia tem tudo a ver com o deus do Templo de Jerusalém, em nome do qual, o próprio Jesus foi condenado à morte e executado, por o ter posto em cheque, em nome de outro deus, de misericórdia e de perdão, sem religião e sem templo, a quem ele, numa intimidade ainda hoje desconcertante para nós, tratava por “Abbá”, uma

²⁵ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 13.

²⁶ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 14.

expressão aramaica que diz mais, infinitamente mais, do que “Pai” ou “Paizinho”, como os tradutores da Bíblia costumam traduzir para as diversas línguas hoje faladas»²⁷.

A partir destas considerações gerais anti-fatimidadas de Mário de Oliveira, percebe-se a sua posição acerca do “Segredo” de Fátima, que claramente rejeita como verdadeiro. Num dos seus textos, ao referir a abordagem do “segredo” pelo então teólogo e Cardeal Joseph Ratzinger, que aceitou e valorizou os escritos da Irmã Lúcia, mostra a sua estranheza por esta aceitação pacífica por parte do Prefeito para a Congregação da doutrina da Fé:

«Mas o mais estranho é que o próprio cardeal Ratzinger, em vez de desfazer, duma assentada, todos os equívocos que por aí proliferam, deitou mais algumas achas para a fogueira e, assim, alimentou ainda mais esta espécie de delírio generalizado em que alguns, pelos vistos, insistem em fazer-nos viver.

(...)

Na verdade, Ratzinger, como teólogo que é, tem obrigação de saber que nem Deus, nosso pai e mãe, nem Maria, a Mãe de Jesus e nossa companheira e irmã, existem para andar por aí a brincar às aparições e segredos com certas pessoas mais ou menos neuróticas e sexualmente reprimidas.

Pelo contrário, a paixão de Deus sempre foi dar-se inteiramente a conhecer aos seres humanos, para que todos eles, mulheres e homens, tomem consciência de que são filhos seus e filhas suas, chamados, por isso, a viver em radical igualdade uns com os outros e em fecunda e universal fraternidade, tanto económica, como social e política.

Para tanto, nem hesitou em fazer-se, um dia, Deus entre nós e conosco, na pessoa do Seu filho, Jesus de Nazaré, o Cristo»²⁸.

Sobre a visão do Inferno, a primeira parte do *Segredo* de Fátima, este crítico não vê mais que uma projecção da imagética popular alimentada pelas pregações da altura e muito particularmente por uma catequese baseada no livro *Missão Abreviada*. Cita, pois, o Pe. Oliveira Faria, um sacerdote natural da região de Fátima, também ele adverso a este tipo de mentalidade tradicional:

«”Julgo – sublinha, depois o Padre – que o Deus da maior parte do nosso povo ainda é do Antigo Testamento. Mas o nosso povo não tem culpa disso. O catecismo que recebeu, feito à base do livro ‘Missão Abreviada’, era, ao tempo das aparições de Fátima, praticamente a única *Bíblia* que andava nas mãos do povo, lá na minha terra, em Ourém e em Fátima”»²⁹.

²⁷ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 15, 16.

²⁸ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 110.

²⁹ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 85.

Na descrição que a Irmã Lúcia faz do Inferno, nas *Memórias*, está, assim, segundo estes críticos, espelhada a concepção presente já na *Missão Abreviada*:

«Por sua vez, o livro “Missão abreviada” descreve assim o Inferno: “É um lugar no centro da Terra; numa caverna profundíssima cheia de escuridão, de tristeza e horror, cheia de labaredas de fogo e nuvens de espesso fumo; lá estão os pecadores atormentados com os demónios, bramindo e uivando como cães danados. São atormentados por um fogo o mais devorante”»³⁰.

Desta forma, na óptica deste autor, fica fora de questão qualquer aproximação teológica ao *segredo* de Fátima. Este não passaria, assim, de uma invenção enquadrada nas supostas revelações da Virgem Maria, de maneira a tornar mais densa a sua mensagem, de forte cunho tradicional e anti-modernista, contudo nada evangélica.

1.1.4 – Fina d’Armada e Joaquim Fernandes

Fazemos agora referência à posição da historiadora Fina d’Armada e do sociólogo Joaquim Fernandes, na sua obra conjunta *Fátima, nos Bastidores do Segredo*.

Dispensamo-nos de abordar a argumentação, apresentada pelos autores, segundo a qual o fenómeno de Fátima estaria intimamente relacionado com manifestações ovnilógicas. Centramo-nos assim, neste ponto, mais na sua óptica relativa ao *segredo* e na forma que, segundo eles, o *segredo* tomou à medida que foi sendo interpretado e “adoptado” pela Igreja Católica.

«Será que os acontecimentos de Fátima teriam alcançado tamanha repercussão sem a existência de um segredo?»

Foi o segredo, qual bola de neve, que galgou fronteiras e deu às aparições de Fátima uma dimensão internacional. Hoje, os estrangeiros que visitam Portugal, incluem Fátima no seu roteiro, fazendo dela um ponto de romagem obrigatória. É um centro de espiritualidade, onde se respira uma sensação de paz, de plenitude, em que a pequenez humana se liga com o infinito, com o universo. Fátima fascina porque reúne mistério, devoção, política e Cosmos»³¹.

Tal como Mário de Oliveira, cuja posição apresentámos anteriormente, também estes dois críticos aceitam a divisão do conteúdo da mensagem de Fátima em duas

³⁰ M. OLIVEIRA, *Fátima Nunca Mais* 86.

³¹ F. D’ARMADA – J. FERNANDES, *Fátima, nos Bastidores do Segredo* (Lisboa: Âncora Editora 2002) 179.

etapas, Fátima I e Fátima II. A primeira corresponde ao simples e “rudimentar” relato das aparições e a segunda ao “recheio” doutrinal com que, anos depois, é impregnado esse mesmo relato inicial:

«Podemos aceitar a opinião de alguns, que houve DUAS Fátimas. A Fátima UM corresponde aos factos de 1917. E a Fátima DOIS, que se impôs com a publicação das *Memórias da Irmã Lúcia*, em 1942, foi-se estabelecendo a pouco e pouco sobretudo a partir da mudança de regime político, em 1926, e do aparecimento dos jesuítas como confessores de Lúcia, em 1927. Digamos que a Fátima UM é de uma dimensão extra-humana, marcada pela espontaneidade ingénua da principal vidente. A Fátima DOIS é conventual, dotada de uma mensagem de matriz jesuítica e anticomunista, gerada pelo ambiente ideológico do salazarismo. A Igreja Católica não «aparece» em Fátima UM, mas tem a ver com a edificação de Fátima DOIS.

As duas primeiras partes do segredo surgiram na Fátima DOIS e são mesmo o seu suporte. São muito convenientes para a política de direita de alguns países ocidentais, à época. Silenciam o fascismo europeu, Hitler, Mussolini, o extermínio de seis milhões compatriotas da Virgem (Nossa Senhora era judia para quem já o tenha esquecido), a bomba americana de Hiroshima, mas diaboliza a Rússia como fonte de erros e promotora de guerras.

O terceiro segredo não parece ser exactamente o da Fátima UM e nada tem a ver com a Fátima DOIS; daí o desencanto e a incompreensão.

O que, geralmente, os mais ou menos devotos conhecem destas aparições é a Fátima DOIS. Por um lado, os documentos iniciais ficaram secretos. Por outro, o Bispo de Leiria, em 1921, tomou as rédeas das aparições e integrou-as no corpo doutrinário e devocional da Igreja Católica»³².

1.1.5 – Aurélio Lopes

Para finalizar esta sucinta apresentação de alguns argumentos críticos da história contada de Fátima e particularmente do *segredo*, expomos agora brevemente a posição de Aurélio Lopes.

Numa perspectiva mais debruçada sobre o estudo antropológico da religião, o autor coloca a suposta existência de um *segredo* de Fátima dentro dos contornos de um fenómeno muito comum às diversas religiões, antigas e actuais. Caracteriza assim as comunicações privadas, normalmente surgidas no contexto de *aparições*:

«São, muitas vezes, mensagens de aviso e alerta, face a um desvio devocional ou comportamental ou um institucional religioso que tende para a estagnação e formalização e para um domínio, cada vez maior, da letra da lei.

Não admira, assim, que a comunicação se revista de contornos de rotura, quantas vezes, até revolucionários. Feita de anúncios de futuros castigos,

³² F. D'ARMADA – J. FERNANDES, *Fátima, nos Bastidores do Segredo* 183.

revelações, mensagens, profecias e segredos, sempre ignotos e misteriosos. Fátima, como vimos já, não foge à regra»³³.

Segundo este autor, o conhecimento do futuro sempre foi, em todas as sociedades, alvo de grande atenção, e o seu alegado sucesso, condição de excepcionalidade sempre prodigiosa:

«Por isso, sibilas e pitonisas avultavam, há milénios, no mundo mediterrâneo. Áugures diversos observavam, em tempos idos, atentamente, os voos das aves, os fígados dos animais sacrificados, a disposição de paus ou ossos lançados por xamãs, druidas ou feiticeiros. Por isso, ainda recentemente, a nossa tradição popular proliferava de práticas adivinhatórias da mais variada natureza, destinadas a levantar um pouco o véu do destino (quase sempre considerado previamente determinado), nomeadamente naqueles aspectos tradicionalmente considerados determinantes; se tardava o casamento, se se casava ou não e com quem, se se viria a ser feliz ou infeliz, rico ou pobre, a morrer tarde ou cedo, quantos filhos se teria, etc... (...) A sua revelação é, contudo naturalmente interdita. A não ser, é claro, em ocasiões muito especiais, a confidentes muito especiais!»³⁴

O anúncio do fim da Primeira Guerra Mundial, presente nas revelações de Fátima, não teria de forma nenhuma correspondido à realidade, «porque veiculado por uma pobre adolescente, inculta, embora convicta da sua singularidade, não se encontrava dotado dos mecanismos preventivos necessários, que pudessem obstar à sua eventual desacreditação»³⁵.

As primeiras declarações dos videntes de Fátima, sobretudo de Lúcia, apontavam, com efeito, o dia 13 de Outubro como data do final da guerra, tal como a Virgem supostamente o anunciara nesse mesmo dia: “*a guerra acaba hoje; esperem cá pelos militares muito em breve*”. O certo é que afinal o conflito não terminara nesse dia, o que terá criado uma onda de consternação, sobretudo entre aqueles que interrogavam os pastorinhos. Estes, da afirmação peremptória desta data precisa como sendo a do término da guerra, passam a admitir uma possível confusão ou falta de memória da sua parte, que foi justificada com o cansaço dos interrogatórios³⁶.

Este crítico põe em destaque o que Lúcia afirma anos mais tarde acerca deste tema:

³³ A. LOPES, *Videntes e Confidentes. Um estudo sobre as aparições de Fátima* (Chamusca: Edições Cosmos 2009) 271.

³⁴ A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 272.

³⁵ A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 272.

³⁶ Cf. A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 272 - 276.

«Por exemplo, em 1924, Lúcia deporá num inquérito com esse propósito e aí afirmará, tentando (dir-se-á) dourar a pílula: “*parece-me que a Senhora disse: a guerra acaba hoje, mas minha prima Jacinta disse-me em casa que a Senhora falou assim: convertam-se que a guerra acaba dentro de um ano!*”

Tudo isto, não esqueçamos, quando Jacinta tinha falecido já há muito e, há muito se sabia, naturalmente, quando tempo, ainda tinha durado a guerra.

(...) Insustentáveis ou não, tais adequações acabarão por, à falta de melhor, atenuar a incongruência de uma inexatidão de facto, extremamente gravosa da credibilidade dos fenómenos.

Incongruência que, afinal, só poderia acarretar duas explicações: ou a *Senhora* mentiu ou enganou-se (e deste modo não seria uma divindade) ou Lúcia mentiu ou enganou-se e, deste modo, punha em causa a fiabilidade não só das aparições mas, e principalmente, nos diálogos aí travados, de que é, quase em absoluto, única sustentadora»³⁷.

Ao falar do *terceiro segredo*, ou seja, da terceira parte do segredo, este autor põe em destaque o papel determinante que este teve para impor Fátima no competitivo mundo das taumaturgias marianas³⁸. Associa também o facto de serem três as partes deste segredo com a simbologia mágica, mítica e arcana presente em muitas culturas, assim como na tradição popular do nosso país e ainda na própria Bíblia³⁹.

Compara as revelações de Fátima com as de La Salette e de Lourdes e faz daquela uma cópia destas, nomeadamente no que respeita à questão dos *segredos*:

«A inclusão de segredos que transformam os videntes em confidentes das divindades (papel ainda mais relevante) tinha sido ensaiada já em *La Salette* e depois em *Lourdes* e, embora sem sucesso absoluto, o modelo havia de revelar, bem, o seu potencial.

Em *La Salette*, os dois segredos respeitavam ao sofrimento do Papa e ao regresso da Inglaterra ao seio da Igreja Católica. O primeiro, só com muito boa vontade podemos entender como um segredo; pois não há-de sofrer o responsável máximo por uma religião cujo desígnio é, afinal, a expiação pelo sofrimento? O segundo, estamos ainda à espera que se concretize!

Os dois foram revelados a pedido expresso do Papa e depois de uma intervenção nesse sentido, com certeza decisiva, da própria Virgem Maria!»⁴⁰.

Mais uma vez, como na questão do término da guerra, o autor advoga que houve uma elaboração doutrinal do conteúdo deste segredo, mas que há também, ao mesmo tempo, uma grande obviedade de incoerência no processo de apresentação desse conteúdo, por parte de Lúcia e dos responsáveis da hierarquia católica. Com efeito, a

³⁷ A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 276.

³⁸ Cf. A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 279.

³⁹ Cf. A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 280, 281.

⁴⁰ A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 281.

mensagem do segredo ter-se-ia alterado ao sabor dos acontecimentos e dos diferentes contextos histórico-sociais que vão surgindo:

«Contudo, só em 1941, tal temática adquirirá contornos de elaboração e adequação doutrinária, embora naturalmente contextualizados pela conjuntura temporal. Fica-se assim a saber que o *primeiro segredo* é, não só uma descrição do Inferno, mas inclui, ainda, uma vertente profética, que a sua divulgação, posterior aos acontecimentos, permite ser agora mais certa!

“A guerra vai acabar {a Primeira Guerra Mundial assinale-se} mas no reinado de Pio XI, começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida sabei que é o grande sinal que Deus dá”. Fala ainda da consagração da Rússia (na altura a “grande besta”) e do recorrente sofrimento do *Santo Padre*.

Se acreditarmos que estas revelações são oriundas de 1917, apesar de (por insondáveis desígnios divinos) só se terem tornado públicas depois dos acontecimentos se terem verificado então, teremos igualmente de admitir que os mesmos não só previram o início da Segunda Guerra Mundial, como também a aurora boreal que a anunciou e, ainda, que o papa que reinaria nesse tempo teria o nome de Pio XI!»⁴¹.

Reforça a ideia de que todo o secretismo desenvolvido à volta do conteúdo do *terceiro segredo* permitiu o aumento da curiosidade e do interesse pela mensagem de Fátima. A popularidade deste fenómeno começa assim a associar esta terceira parte do segredo a algo terrível e apocalíptico.

«Poder-se-á dizer, assim, que a mais-valia da estratégia fatimita resulta de um (voluntário ou involuntário) refinamento do processo. Se os segredos de *La Salette* se desvalorizaram porque se revelaram e *Lourdes* apresenta três mistérios cuja determinância se dilui na sua tripla qualidade, Fátima irá mais longe; revela dois deles (suficientemente místicos e universais para revelar o ignoto restante): restando assim o famoso “terceiro segredo”, cuja natureza ordenativa corresponde sempre na tradição europeia, como vimos, ao elemento determinante.

Os mistérios divinos ficam assim concentrados numa só dimensão potencial, necessariamente prodigiosa; necessariamente terrífica, necessariamente apocalíptica.

É afinal, o último, o derradeiro; consubstanciador de todos os medos e tenebrosas possibilidades.

Cuja revelação anunciada se há-de remeter para 1960 e cuja guarda será confiada “ao bispo de Leiria (...) em carta lacrada”.

Como se sabe, tal acontecerá por não acontecer, perpetuando-se, assim, a eficácia do secretismo durante mais algumas décadas»⁴².

⁴¹ A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 282, 283.

⁴² A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 283, 284.

Desta forma, na visão deste autor, terá sido já esperada, para alguns, a desilusão completa e geral a respeito do *terceiro segredo*, quando, em 2000, este foi revelado:

«Em Maio de 2000 (e numa decisão que mostra bem o apego milenarista da Igreja), o terceiro segredo foi finalmente revelado, sendo a impressão resultante (já esperada, aliás) a de que a montanha parira, efectivamente, um rato!

O esperado apocaliptismo não se concretizou, transmutando-se, o mesmo, num frustrado episódio de pontifício. Recaiu o dito, como era admissível, em João Paulo II, o papa mártir, já nessa altura em processo anunciado de canonização, relacionando-o com o atentado que sofrera em 1981 (quase vinte anos antes) na Praça de S. Pedro»⁴³.

1.2 – A Mensagem de Fátima, como “construção” literária

Depois de apresentada uma panóplia de argumentos críticos de desconstrução do conjunto da Mensagem de Fátima, e mais especificamente do *segredo*, detemo-nos agora na clarificação da dimensão verbal e literária da transmissão dos mesmos pelos videntes, e depois pela própria Igreja. É esta constatação que nos levará a perceber muitos dos pontos mais controversos da Mensagem, abordados em larga escala pela crítica anti-fatimida, como atrás vimos.

1.2.1 – A “esquematização” da linguagem na Mensagem de Fátima

Primeiro que tudo, há que ter em conta que qualquer verbalização é um esquema (do grego *skhema* = figura). Na verdade, um esquema, por ser linguagem e discurso, não pode deixar de recorrer a um procedimento retórico, a recursos figurativos, quer o seu enunciador disso tenha consciência ou não. O esquema é figura enquanto corporização da própria linguagem, enquanto discurso e portanto composição, isto é, organização dos elementos mais destacados da experiência, postos segundo uma ordem e um entendimento a que o colocar em linguagem sempre obriga⁴⁴.

⁴³ A. LOPES, *Videntes e Confidentes* 285.

⁴⁴ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições. Uma aproximação à mensagem de Fátima do ponto de vista da literatura* in *Actas do Congresso Internacional de Fátima Fenomenologia e Teologia das Aparições* (Santuário de Fátima 1998) 441, 442.

A literatura, enquanto este trabalho da linguagem, é uma forma de se dizer, num dado momento e num dado tempo, o que se é, é uma forma que é discurso, composição, organização rítmica e semântica de um certo universo de figuras. É por isso que podemos falar do “mundo” de um autor, tendo em conta todos os seus recursos retóricos ou estilísticos.

A literatura é, desta forma, figuração que limita, reduz, põe em esquema, mas é ao mesmo tempo expansão, libertação, compreensão, revelação e desvendamento. O que, por sua vez, não pode ser dito, o inefável, o indizível, o impronunciável, o que não cabe nos limites da linguagem, não escapa aos condicionamentos da própria linguagem, que é “casa do ser”, mas também “casa prisão”, no dizer de Martin Heidegger e Fredric Jameson, respectivamente⁴⁵. Aqui está, com efeito, o mistério da linguagem humana, que «é igualmente o mistério da literatura, que tantas vezes não chegamos a compreender, pois não aceitamos facilmente que o que queríamos só clareza, transparência, possa ser também ausência, apagamento, escondimento da obscuridade que somos»⁴⁶.

A linguagem é assim rememoração, reprodução do que se julga saber ao dizê-lo pela primeira vez, mas que nota uma contínua construção e clarificação, interrogação e dúvida, como se cada discurso fosse uma nova experiência. Rememorando, descrevendo o que já se sabe, com outros esquemas, outras figuras e outros discursos, alarga-se a própria experiência, descobrindo-a de outro modo e descobrindo-se a si mesmo como “ser em linguagem”⁴⁷.

A palavra “mensagem” pode ser tanto utilizada para referir uma notícia ou um breve recado como para referir uma informação codificada. A mensagem distingue-se do significado de um enunciado porque «é de ordem socio-psicológica», ela «depende em parte da situação de enunciação e em parte das capacidades de descodificação do destinatário»⁴⁸, ou seja, nunca está isenta de um enquadramento discursivo espaço-temporal. Como núcleo de um processo comunicativo, a mensagem é a mais complexa e elaborada das seis funções da linguagem presentes em qualquer acto verbal, e a mais destacada na linguagem dita literária, precisamente porque com a linguagem literária se

⁴⁵ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 442.

⁴⁶ M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 442.

⁴⁷ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 443.

⁴⁸ M. ANGENOT, *Glossário da Crítica Contemporânea* (Lisboa: Editorial Comunicação 1984) 149.

acentua a auto-referencialidade da mensagem, o concentrar em si mesma a própria representação do que significa⁴⁹.

«O que chamamos a Mensagem de Fátima é ainda e continuará a ser o resumo, a figuração discursiva, da experiência extraordinária de três crianças, experiência rememorada vezes sem conta na revolução das suas vidas, nos interrogatórios a que foram submetidas, rememorada ainda pela Irmã Lúcia na redacção das suas memórias, experiência a que só remota mas intimamente acedemos como na interpretação de um enigma, uma tentativa de descodificação, uma significação que se descobre vida»⁵⁰.

Na *Documentação crítica de Fátima*⁵¹, estão presentes os primeiros interrogatórios realizados aos videntes e testemunhas. O problema relativo a estes textos, à partida testemunhos de uma verbalização, é precisamente o facto de serem já um relato do que terá sido uma transmissão oral, o que implica já uma interpretação. Esta, por mais fiel que procure ser, não evita alterações esquemáticas, que são por sua vez a figuração de outras interpretações. Perde-se efectivamente a possibilidade de aceder à mais primária verbalização do que realmente se terá passado nas aparições. De facto, já em finais de Maio de 1917, Lúcia falara no assunto e parece certo que não estaria completamente à vontade na referência ao mesmo, dado o medo que a assaltava em que a julgassem mentirosa⁵².

Há pois ainda que ter em conta que o mais importante das aparições para os Pastorinhos, o sentido que adquirira para eles a espantosa experiência por que tinham passado, fosse desde logo, de certo modo, silenciado. Este aspecto traria com efeito não poucas consequências. Na verdade, no que toca à interpretação dos discursos, houve uma espécie de desentendimento básico entre o que os interrogatórios tentaram averiguar e o que o fenómeno presenciado pelas crianças nelas tinha provocado. Para os adultos, qualquer certificação da veracidade do fenómeno parecia pois ter de ser da ordem da factualidade, o que provocou desde logo um desajuste na esquematização da visão, ou seja, na tradução ou figuração em linguagem da mesma⁵³.

A especialização figurativa foi primordialmente para as crianças da ordem de uma fortíssima impressão afectiva e cognitiva⁵⁴, como se pode sobretudo constatar pelo

⁴⁹ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 443.

⁵⁰ M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 443.

⁵¹ DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I. INTERROGATÓRIOS AOS VIDENTES - 1917 (Santuário de Fátima 1992).

⁵² Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 3.

⁵³ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 444, 445.

⁵⁴ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 444.

efeito que teve de imediato em Jacinta. A pequena pastora, deslumbrada pela beleza experienciada, não conseguiu calar a notícia do acontecimento, como tinha prometido aos primos⁵⁵. Contudo, e espantosamente, o seu primeiro gesto foi logo, sem dúvida, cognitivo, apesar da sua tenra idade. Assim que a visão desapareceu, compreendeu que os três não poderiam voltar a rezar o terço simplesmente como uma obrigação, mas acima de tudo com verdadeira devoção⁵⁶. Este comportamento mostra que, mais do que o deslumbramento, Jacinta apreende, nessa visão, um sentido.

Assim, se por um lado os interrogatórios procuraram averiguar os detalhes da imagem visível (feito do vestido, altura e cor da saia e do manto, posição da Senhora), por outro lado o que realmente estava presente nas crianças era a força, a luz, que emanava da visão, ou seja, o modo como essa força lhes dava paz e um profundo entendimento do próprio ser. Poder-se-ia, com efeito, afirmar que este desentendimento provocou desde o início uma espécie de clivagem entre o sensível e o inteligível da visão, o que não poderia deixar de afectar a interpretação da mensagem⁵⁷.

Também entre imagem e alegoria se radicalizou a diferença, com o desentendimento ocorrido. A alegoria constitui-se pois como descrição visualizada de um sentido, conceito ou ideia, corporizando-se nela a própria mensagem; é uma personificação simbólica, em que as referências indirectas patenteadas aparecem como que clarificadas, iluminadas em todos os fragmentos da imagem. Neste sentido é que se refere a visão como revelação, no sentido de descrição de um conhecimento, que naturalmente se opõe ou pelo menos se sobrepõe à aparição como simples emissora de um recado⁵⁸. Este último terá sido, com efeito, o modo mais imediato com que se entendeu a mensagem, a avaliar pelos interrogatórios, por exemplo no que diz respeito à data do fim da guerra⁵⁹.

Quanto às *Memórias da Irmã Lúcia*, escritas, as quatro primeiras, entre 1935 e 1941, e as outras duas entre 1983 e 1993, não ignoram a questão da factualidade, ao tempo já indiscutível pelo menos no seio da Igreja. Contudo, contextualizando o sentido daquilo que nas aparições se transformou em Mensagem, as *Memórias* fazem aceder ao que os interrogatórios não averigam e permitem também uma percepção mais aprofundada da esquematização alegórica. Esta que só se entende em função de

⁵⁵ *Memórias I* 44, 45.

⁵⁶ *Memórias I* 45.

⁵⁷ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 445.

⁵⁸ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 445.

⁵⁹ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 24.

linguagens institucionalizadas, como a da Igreja e a da literatura, o que lhe confere uma marca de historicidade, fazendo com que frequentemente se oponha ao símbolo, este mais atemporal e universal⁶⁰.

1.2.2 – Da memória oral à fixação escrita nas *Memórias*

Há que ter em conta que a expressão oral pode existir, e existiu de facto, sem qualquer escrita, mas nunca o contrário. Isto remete-nos com efeito para o mundo cultural das três crianças, que é ainda fronteiro entre o que se pode classificar como uma tradição oral e uma escrita. A sua informação e o seu conhecimento do mundo remetia para um universo de oralidade. Como exemplo desses conhecimentos, constata-se a dificuldade em localizar temporalmente o mês e mesmo o ano das aparições do anjo, uma noção da passagem do tempo baseada nas estações do ano, nas culturas feitas, na temperatura atmosférica, que obrigava a diferentes tempos da saída e da recolha do rebanho⁶¹.

Na vida familiar dos três pequenos pastores, nomeadamente de Lúcia, embora existisse este contacto directo com uma cultura predominantemente oral, existia também um contacto intenso, ainda que indirecto, com a escrita da tradição canónica da Igreja. Na verdade, alguns dos seus familiares sabiam ler e escrever⁶², tanto que precisamente a sua mãe orientava sessões de doutrina e catequese para os filhos e para as outras crianças⁶³.

Quanto à memória de Lúcia, a própria admite que tinha relativa facilidade em aprender os ensinamentos que lhe transmitiam, sem contudo ser capaz de os ensinar aos seus primos⁶⁴. Como não sabia ler nem escrever, não estava ainda capaz de uma mínima abstracção exigida para poder transmitir não só a letra, que tão bem sabia e queria que os outros aprendessem, como também o sentido da letra, que não poderia explicar sem a reproduzir *ipsis verbis*.

Desta forma, Lúcia, que aprende a ler e a escrever já depois das aparições, apresenta-nos, nos textos das *Memórias*, uma escrita que vai melhorando claramente entre a primeira Memória, de 1935, e a sexta, de 1993. Contudo, esta escrita nunca está

⁶⁰ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 445.

⁶¹ Cf. *Memórias I* 168, 169, 170.

⁶² Cf. *Memórias I* 68.

⁶³ Cf. *Memórias I* 69.

⁶⁴ Cf. *Memórias I* 42.

isenta das marcas de uma memória oral, já que foi numa cultura oral ou oralizada que a experiência foi vivida e que é transmitida por escrito nas *Memórias*. Foi pois por processos muito específicos de fixação oral que Lúcia terá memorizado o que então se passou e que ela viveu de forma profunda⁶⁵.

Acontece então que esta memória não é precisa quanto à linguagem ou à factualidade, mas sim quanto ao sentido percebido. Isto faz com que as pequenas alterações dos relatos das crianças aquando dos interrogatórios não se possam constituir como prova da menor veracidade dos factos. Aliás, também não o seriam só por si as repetições exactas... A Irmã Lúcia refere várias vezes esse entendimento de coisas que as palavras poderiam não reproduzir bem, a par da marca profunda que nela deixavam:

«Mas, nestas coisas sobrenaturais, não é de admirar, porque elas gravam-se no espírito de tal forma que é quase impossível esquecê-las. Pelo menos, o sentido das coisas que elas indicam nunca se esquece, a não ser que Deus o queira também fazer esquecer»⁶⁶.

«O sentido de tudo que digo é exacto. Na maneira de me exprimir não sei se trocarei alguma palavra por outra, como por exemplo: Quando falávamos de Nossa Senhora. Agora não recordo bem os momentos em que empregávamos a frase duma maneira ou de outra. E assim alguns outros pequenos detalhes que me parece não terão importância maior»⁶⁷.

Importa pois estabelecer, na análise dos textos, a diferença entre um texto literário comum e um texto relativo a um testemunho de experiência sobrenatural, como o são as aparições.

Na literatura, projecta-se o impossível em função do possível ou imaginável, de modo que tudo pareça ter realmente acontecido e seja portanto crível. Já no que respeita às aparições, o facto de, neste caso, as crianças terem acedido a uma dimensão sobrenatural e portanto conhecerem como realidade o que para os outros não era sequer crível nem demonstrável, torna-lhes quase impossível e até insuportável a sua verbalização⁶⁸.

No interrogatório do pároco de Fátima que se seguiu à aparição de Julho, pode constatar-se a dificuldade que Lúcia sentiu em abordar o cerne da mensagem naquele dia transmitida:

⁶⁵ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 447.

⁶⁶ *Memórias I* 182.

⁶⁷ *Memórias I* 131, 132.

⁶⁸ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 448.

«- O que é que me quer?
 - Quero-te dizer que voltem cá no dia 13.
 E disse mais:
 -“Rezem o terço a Nossa Senhora do Rozario que abrande a guerra que só ela é que lhe pode valer.”
 Eu disse mais:
 - Tenho aqui por pedido se vossemecê converte uma mulher do Pedrogam e uma da Fátima e se melhora um menino da Moita.
 Ela disse que os convertia e melhorava entre um ano.
 Eu disse:
 - Faça um milagre para que todos se acreditem.
 - D’aqui a tres mezes farei então com que todos acreditem.
 - Não me quer mais nada?
 - “Não, eu por mim agora não te quero mais nada.”
 Eu disse-lhe:
 - Pois eu por mim tambem não quero mais nada.
 Depois ela foi-se para o lado nascente e eu disse ao povo:
 - Olhem para ali \para a ver/, para o lado onde ela ia.
 O povo voltou-se.
 Era exatamente a mesma que tinha visto das outras vezes.
 Tinha aqui um pedido se vossemecê levava para o ceu um homem da Atouguia o mais depressa melhor.
 - Levo-o.»⁶⁹

Pelas *Memórias*, sabemos que esta foi a aparição da visão do inferno⁷⁰, longe de ser aflorada no diálogo descrito. Em várias passagens das mesmas, existem referências à dificuldade de Lúcia em explicar o que se passara além do recado dado, do qual mesmo assim queria «reservar algumas coisas que (...) desejaria fossem lidas somente nos limiares da eternidade»⁷¹.

Assim, enquanto crianças, os pastorinhos encontraram na resistência à curiosidade dos diversos inquiridores uma provação, que ofereciam como outras provações que já praticavam. Lúcia contudo parece não lidar calmamente com a situação, uma vez que o limiar entre o que gostaria de guardar segredo e os segredos que deveria guardar era causa de inquietação e escrúpulos, o que prova a dificuldade que sentia ao expressar a experiência vivida:

«Até aqui, fiz quanto pude para ocultar o que as aparições de Nossa Senhora, na Cova da Iria, tinham de mais íntimo. Sempre que delas me vi obrigada a falar, procurei tocar-lhe ao de leve, para não descobrir o que tanto desejava reservar»⁷².

⁶⁹ DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 13-15.

⁷⁰ Cf. *Memórias I* 176, 177.

⁷¹ *Memórias I* 34.

⁷² *Memórias I* 190.

Isto percebe-se também pela alegria sentida quando o Pe. António de Oliveira Reis, um dos primeiros inquiridores a perceber mais do que os simples averiguadores de factuaisidades, lhe disse:

«O segredo da filha do Rei deve permanecer oculto no fundo do seu coração»⁷³.

Aquando da averiguação dos factos, era impossível falar de um modo crível da luz que os inundou e de como se viam a si próprios nessa luz... Mais fácil seria, com efeito, falar da visão de uma Senhora e de como ela estava vestida, o que lhes queria, o que lhes pedia e prometia.

Perante a descrença do pároco, que não descartava a possibilidade de existir um engano do demónio⁷⁴, e de sua mãe, que não acreditava nas revelações⁷⁵, Lúcia viu-se amargamente tentada a negar a própria realidade, a ponto de se dispor a não comparecer no local das aparições⁷⁶.

Observada esta prova que Lúcia enfrenta perante a solicitação para divulgar a sua experiência, é curioso notar que recorre aos mesmos artifícios de linguagem da literatura para, nas *Memórias*, nos dar conta dessa mesma rememoração. Ao relatar o que mais profundamente recorda do seu ambiente familiar antes das aparições, durante as aparições e depois das aparições, conta uma história, «ficcional pela sua articulação lógica mas não fictícia porque autenticada pela narração de uma narradora fiável – termos narratológicos que importava clarificar numa análise detalhada»⁷⁷.

Pode assim afirmar-se que as *Memórias*, sendo um texto escrito, testemunham todavia uma linguagem oral, caracterizada pelo seu modo realista de narrar, patenteando ao próprio leitor o concreto da vida. Com efeito, destacam-se, na percepção desta narração, dois domínios distintos: «o das palavras como som e não como visão, tão próprio de uma tradição oral e o de uma construção que recorre precisamente aos artifícios da oralidade»⁷⁸.

Numa cultura predominantemente oral, o transporte do som tem especial importância, ao acentuar o carácter de evento que as palavras transportam ou

⁷³ *Memórias I* 35.

⁷⁴ Cf. *Memórias I* 85.

⁷⁵ Cf. *Memórias I* 83.

⁷⁶ Cf. *Memórias I* 85, 86.

⁷⁷ M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 450.

⁷⁸ M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 450.

reproduzem, retirando-lhes a dimensão visual, tão marcada na escrita. Desta forma, há diálogos nas *Memórias* que não são a reprodução exacta da troca de frases como conversa mas o pôr em cena de acontecimentos, assim como há sumários narrativos que não resumem apenas o acontecimento, mas nos colocam diante dele⁷⁹.

Não admira, pois, que haja repetições e pequenas deslocções cronológicas, porque o que estas memórias contam é a transformação por que tudo passa e não apenas a reacção de crença ou a dúvida das pessoas e os pedidos constantes feitos às crianças, que não se poupavam a esforços para a todos atender. Evidencia-se a alteração da vida familiar que imediatamente se segue às aparições: os campos pisados, as culturas perdidas, a intromissão das pessoas numa privacidade que desaparece, a revolução da vida, de hábitos, de preocupações e, de modo muito intenso, o conhecimento do sofrimento, a sua aceitação, o início do cumprimento de uma mensagem intuída, que mal se imagina como terá sido realmente vivida. As repetições são, de facto, um modo de dar ênfase ao acontecido, não uma redundância da escrita. Todo o processo oral de transmissão de informação perpassa nas *Memórias*: o carácter agregativo do discurso, em vez do processo analítico e progressivo; as fórmulas e menemónicas tão presentes nas jaculatórias aprendidas e algumas repetidas até à exaustão; a narração de situações e a ausência de um discurso abstracto. Na última *Memória*, recorre-se à intertextualidade bíblica⁸⁰ como comentário exemplar e complemento reflexivo de todos estes eventos rememorados⁸¹.

Enquanto nas *Memórias*, a Irmã Lúcia coloca em cena uma sequência de acções e acontecimentos «cuja articulação lógica interliga causa e consequência, um antes e um depois, num conspecto de verossimilhança»⁸², nos Interrogatórios, falta um fio condutor que nos faça perceber o que realmente aconteceu e o efeito desse acontecimento. Nestes textos, «o enunciador, ora é o interrogador, ora Lúcia; as declarações desta estão cortadas aqui e ali por comentários que não sabemos se são transcrição em discurso indirecto do que ela terá dito ou simples observações do interrogador»⁸³. Pode pois afirmar-se que estes interrogatórios são notas de algumas perguntas feitas e respostas dadas, sem contudo permitirem perceber a mensagem trazida pelas aparições.

⁷⁹ Cf. M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 450.

⁸⁰ Cf. *Memórias II* 97.

⁸¹ M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 450, 451.

⁸² M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 451.

⁸³ M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 451.

Quanto ao destinatário das *Memórias da Irmã Lúcia*, escritas por obediência ao Bispo e a ele dirigidas em primeiro lugar, presume-se que o “leitor ideal”, ou seja, «aquele que melhor pode abarcar a intenção da narradora, deva ser alguém integrado numa tradição eclesial que a aceite e compreenda»⁸⁴:

«Sem ordem e sem estilo, como diz a Irmã Lúcia, as *Memórias* dão-nos afinal uma rememoração figurativa da mensagem só entendida se a situarmos na linguagem própria da Igreja e na linguagem da literatura, ainda que a escrita nos dê notícia das marcas de cultura oral.

Traduziu Lúcia tudo o que aconteceu entre Maio e Outubro de 1917 em Fátima? Provavelmente não, mas deu-nos a possibilidade, na verbalização desse acontecer, de compreendermos o efeito social, espiritual, material que a experiência dos três pastores provocou.

Deu-nos sobretudo a rememoração de uma mensagem em que a palavra mistério só é compreendida quando vivida mais do que explicada»⁸⁵.

⁸⁴ M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 451.

⁸⁵ M^a. L. A. FERRAZ, *A linguagem verbal das aparições* 452.

Capítulo Segundo:

A credibilidade do *Segredo*

Passaremos agora à análise das primeiras referências ao *Segredo*, sobretudo nos apontamentos da designada *Documentação Crítica de Fátima*, visto ser o registo bibliográfico mais próximo da experiência sobrenatural das crianças. Aí procuraremos evidenciar, nos interrogatórios aos videntes, a presença, seja do *Segredo* propriamente dito, como comunicação divina e posteriormente como texto escrito por Lúcia nas suas três partes, seja de toda uma vivência profunda do Transcendente, que move ao silêncio.

Constataremos, nestes testemunhos, os sinais desta mesma experiência vivida pelas três crianças, que precede e serve de pano de fundo a toda e qualquer revelação figurativa ou simbólica, demonstrando também a sua autenticidade.

2.1 – O *Segredo* como texto escrito

Aquilo a que se chama *Segredo de Fátima* é constituído por um conjunto de dois documentos, escritos pela Irmã Lúcia, respectivamente em 31 de Agosto de 1941 e 3 de Janeiro de 1944. O primeiro foi integralmente publicado pela primeira vez na obra de António Maria Martins, *Memórias e cartas da Irmã Lúcia*. O segundo, que em 1957 fora entregue pelo então Bispo de Leiria, José Alves Correia da Silva, foi publicado em brochura da Congregação para a Doutrina da Fé, em Junho de 2000.

A questão colocada prende-se então com a ligação existente entre estes dois documentos e aquilo que as crianças videntes de Fátima chamavam, a partir de Julho de 1917, “o segredo da Senhora”⁸⁶, ou seja, a verificação da autenticidade original daquilo a que actualmente se designa por *segredo de Fátima*.

⁸⁶ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 57, 58, 90, 92, 114, 115, 136.

2.1.1 – *Um único Segredo em três partes*

Os dois documentos referidos são complementares. O primeiro contém as duas primeiras partes do segredo e o segundo a terceira parte. Ao decompor o segredo, no primeiro documento, em «três coisas»⁸⁷, a vidente não afirma ainda que se trata de um só segredo, embora diga já lhe ter sido confiado todo o conteúdo de modo seguido⁸⁸. Ao dar ao segundo documento o título *A terceira parte do segredo revelado a 13 de Julho de 1917 na Cova da Iria - Fátima*, a Irmã Lúcia reconhece assim que se trata de uma única peça oral e mental, visual e auditiva, a qual consta de três partes distintas mas complementares.

O conteúdo pode ser descrito sumariamente como uma declaração oral, correspondente à segunda parte, entre duas visões sem palavras. De facto, na primeira parte não há qualquer palavra revelada, apenas se descreve uma visão, e na terceira, para além da descrição de uma visão, só aparece a palavra “penitência”, repetida enfaticamente três vezes⁸⁹.

2.1.2 – *Antecedentes da redacção do Segredo*

As duas primeiras partes do segredo foram escritas uma segunda vez, antes de 25 de Novembro ou 8 de Dezembro de 1941, datas em que a Irmã Lúcia remeteu ao bispo de Leiria os cadernos da Quarta Memória, onde junta, no final da segunda parte do segredo, uma nova frase: «Em Portugal, se conservará sempre o dogma da fé, etc»⁹⁰, pelo que esta segunda parte tem duas redacções um pouco diferentes.

Estes escritos, complementares entre si, têm pelo menos um antecedente parcial, no rascunho de uma carta que Lúcia preparou para enviar ao Papa Pio XII a 24 de Outubro de 1940. Neste escrito, em discurso directo, a vidente dava conta da conclusão do que, daí a um ano, escreveria como *segunda parte do segredo*.

Do rascunho, destaca-se o seguinte:

«Em 1917, em Fátima, na parte das manifestações que temos designado com o nome de Segredo, dignou-se a Santíssima Virgem revelar o fim da guerra

⁸⁷ Cf. *Memórias I* 121.

⁸⁸ Cf. *Memórias I* 120, 121, 122, 176, 177.

⁸⁹ Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* in L. GUERRA (Org.), *O “Segredo” de Fátima* (Fátima: Reitoria do Santuário de Fátima 2004) 28.

⁹⁰ *Memórias I* 177.

que então afligia a Europa, e anunciou outra futura que começaria no reinado de Pio XI. Para impedir, disse: *Virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem os meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz. Se não, espalhará seus erros pelo Mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados. O Santo Padre terá muito que sofrer. Várias nações serão aniquiladas. Por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz»⁹¹.*

Na carta que acabou por enviar ao Papa, com correcções sugeridas pelo Bispo de Leiria, em 2 de Dezembro do mesmo ano, Lúcia diz sensivelmente o mesmo acerca do segredo, mas agora só em discurso indirecto⁹². No rascunho e na carta, dá conta de que, pelo menos no seguimento de uma revelação em 1926 e uma aparição em 1929, ocorridas em Pontevedra e Tuy, na Galiza, por várias vezes envidou esforços através do confessor e fez mesmo chegar a Pio XI alguns pedidos, acerca da devoção ao Imaculado Coração de Maria e da consagração da Rússia, mencionadas no segredo. De facto, existem cartas da Irmã Lúcia, pelo menos a partir de 1927, em que ela recomenda a devoção dos cinco primeiros sábados, em louvor do Imaculado Coração de Maria. E já em Maio de 1930, escreve ao seu confessor:

«Se não me engano, o bom Deus promete terminar a perseguição na Rússia, se o Santo Padre se dignar fazer, e mandar que o façam igualmente os bispos do mundo católico, um solene e público acto de reparação e consagração da Rússia aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria...»⁹³.

O assunto diz respeito ao segredo, mas não há referência ao mesmo, e muito menos transcrição. A mesma reserva manifesta-se noutras cartas escritas pela vidente, como por exemplo uma de 21 de Janeiro de 1935 e uma de 18 de Maio de 1936.

Assim, toma-se como muito provável que a primeira redacção do segredo propriamente dito date realmente dos anos 1941 (primeira e segunda partes) e 1944 (terceira parte). O facto da Irmã Lúcia, na carta que enviou a Pio XII em 1940, ter desistido de empregar o discurso directo, manifesta a sua mudança de parecer, no sentido de uma melhor preservação do conteúdo do segredo, até mesmo diante do Papa.

⁹¹ Cf. A. M. MARTINS, *O Segredo de Fátima e o Futuro de Portugal nos Escritos da Irmã Lúcia* (Porto: Simão Guimarães 1974) 178.

⁹² Cf. A. M. MARTINS, *O Segredo de Fátima e o Futuro de Portugal* 181.

⁹³ Cf. A. M. MARTINS, *O Segredo de Fátima e o Futuro de Portugal* 167.

Uma vez que não são conhecidos quaisquer documentos com o segredo escrito, nem antes de 1941 nem depois de 1944, estas são as datas em que o segredo começou a existir e foi fixado sob forma escrita⁹⁴.

2.2 – Uma versão oral anterior

Quando o *Segredo* foi fixado por escrito, passavam 24 a 27 anos desde que aparecera a notícia de que as crianças guardavam um segredo confiado por Nossa Senhora. Não tendo o mesmo sido escrito nesses anos, pode-se interrogar se houve, nesse espaço de tempo, uma história oral do segredo.

O que interessa perceber é o que a própria Lúcia viu e ouviu em 1917, já que é dela que viríamos a receber o segredo. Contudo, uma vez que os três pareciam falar de uma mesma coisa, é legítimo procurar também indícios de variação nas expressões de Jacinta, que viu e ouviu, e de Francisco, que viu. Os videntes foram frequentemente interrogados acerca da existência do segredo e muitíssimo pressionados a revelar o seu conteúdo, como consta nos interrogatórios do pároco de Fátima, o padre Manuel Marques Ferreira, nos do Cónego Manuel Nunes Formigão e nas *Memórias da Irmã Lúcia*.

Relativamente à afirmação oral da existência de um segredo logo aquando das aparições, muitos documentos o provam com clarividência. As crianças nunca o desdisseram, antes, inúmeras vezes afirmaram que o segredo lhes foi confiado, como o provam os interrogatórios feitos aos três:

A Lúcia:

«- É certo que te disse um segredo, proibindo que o revelasses a quem quer que fôsse?

- É certo.

- Diz respeito só a ti ou também aos teus companheiros?

- A todos tres.

- Não o podes manifestar ao menos ao teu confessor?

- (A esta pergunta guardou silencio, parecendo um tanto enleada e julguei não dever insistir, repetindo a pergunta)

- Consta que, para te veres livre das importunações do sr. administrador, no dia em que foste presa, lhe contaste, como se fosse o segredo uma cousa que o não era, enganando-o assim e gabando-te depois de lhe teres feito essa partida: é verdade?

⁹⁴ Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 30, 31.

- Não é; o sr. administrador quiz realmente que eu lhe revelasse o segredo, mas como eu não o podia dizer a ninguém, não lh'o disse, apesar de ter insistido muito comigo para esse fim. O que fiz foi contar tudo o que a Senhora me disse, excepto o segredo, e talvez por esse motivo o sr. administrador ficasse julgando que eu lhe tinha revelado também o segredo. Não o quiz enganar»⁹⁵.

A Jacinta:

«Ouvii o segredo a Nossa Senhora. Da 2ª vez, no dia de Stº António. É para serem felizes e bons.

É para bem de todos tres. Não é para serem ricos. Não é para irem para o Ceu.

Não pode dizer o segredo.

Nossa Senhora disse que não dissessem nada do segredo.

Tinha as mãos erguidas. Às vezes tem as palmas voltadas para o céu.

Se o povo soubesse o segredo, ficava triste»⁹⁶.

E a Francisco:

«- Ouviste o que a Senhora disse?

- Não ouvi nada do que a Senhora disse.

- Quem te disse o segredo? foi a Senhora?

- Não foi; foi a Lúcia.

- Podes dizê-lo?

- Não o digo.

- Não o dizes porque tens medo da Lucia; receias que ella te bata, não é verdade?

- Não.

- Então porque o não dizes? Porque é peccado?

- Se calhar, é peccado dizer o segredo.

- O segredo é para bem da tua alma, da alma da Lúcia e da da Jacinta?

- É.

- É para bem da alma do Sr. Prior?

- Não sei.

- O Povo ficava triste se o soubesse?

- Ficava»⁹⁷.

Analisando os documentos no geral, conclui-se que os mesmos dão conta de algumas divergências orais entre os três protagonistas e mesmo em Lúcia, a vidente principal. Olhando para a história dos três, sabe-se que ainda viveram juntos até à morte de Francisco, em Abril de 1919, e que Lúcia ainda conversou muito com Jacinta até ao falecimento desta, em Fevereiro de 1920. As questões que podem pôr-se a este

⁹⁵ *Do primeiro interrogatório do Dr. Manuel Nunes Formigão a Lúcia* in DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 57, 58.

⁹⁶ *Do relatório de um diálogo do Dr. Formigão com Jacinta* in DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 92.

⁹⁷ *De um interrogatório do Dr. Manuel Nunes Formigão a Francisco* in DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 136.

propósito são: se terá havido uma versão oral entre os três com ou sem alguma evolução, ou seja, se alguma vez terão rememorado as imagens vistas e repetido as palavras ouvidas, e se tinham mais algum segredo para além do que acabou por chamar-se o *Segredo de Fátima*, de modo que esse termo possa ter sido usado por eles em sentido plural ou mesmo inequívoco⁹⁸.

As *Memórias* dão-nos conta que entre as crianças houve conversas acerca do segredo, e sobretudo acerca dos seus elementos visuais. Demonstra-o o seguinte diálogo entre as duas primas, onde fica patente a forte impressão que a visão do inferno causou em Jacinta:

«- Por que é que Nossa Senhora não mostra o inferno aos pecadores? Se eles o vissem, já não pecavam, para não irem para lá! Hás-de dizer àquela Senhora que mostre o inferno a toda aquela gente (referia-se aos que se encontravam na Cova da Iria, no momento da aparição). Verás como se convertem.

Depois, meio descontente, perguntava-me:

- Porque não disseste a Nossa Senhora que mostrasse o inferno àquela gente?

- Esqueci-me – respondia.

- Também me não lembrei! – dizia com ar triste»⁹⁹.

Uma mesma atitude da mais nova dos videntes se exprime nestas conversas acerca da visão dos sofrimentos atribuídos ao Papa:

«- Não viste o Santo Padre?

- Não!

- Não sei como foi! Eu vi o Santo Padre em uma casa muito grande, de joelhos, diante de uma mesa, com as mãos na cara, a chorar. Fora da casa estava muita gente e uns atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias. Coitadinho do Santo Padre! Temos que pedir muito por Ele.

(...)

- Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente, a chorar com fome, e não tem nada para comer? E o Santo Padre em uma Igreja, diante do Imaculado Coração de Maria, a rezar? E tanta gente a rezar com Ele?

Passados alguns dias perguntou-me:

- Posso dizer que vi o Santo Padre e toda aquela gente?

- Não. Não vês que isso faz parte do segredo? que por aí logo se descobriria?

- Está bem, então não digo nada»¹⁰⁰.

⁹⁸ Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 33.

⁹⁹ *Memórias I* 123.

¹⁰⁰ *Memórias* 126, 127.

Lúcia conta que também Francisco terá tido uma visão aterradora, que ele exprimiu assim:

«- Era um daqueles bichos grandes, que estavam no inferno, que estava aqui a deitar lume»¹⁰¹.

Tendo sido pressionados, compreende-se que possam ter conversado sobre o segredo e mesmo combinado entre si como o haviam de o ocultar¹⁰². A única testemunha dessas conversas, Lúcia, não refere pois qualquer versão oral do conteúdo propriamente dito, mas fornece elementos acerca de outros aspectos conexos.

2.3 – Aspectos históricos do surgimento do *segredo*

Debruçamo-nos agora sobre alguns aspectos históricos concretos da presença do conceito de “segredo” nos inícios das revelações às três crianças. Como base, teremos os seus próprios testemunhos, presentes nos primeiros interrogatórios e relatórios, que hoje compõem a *Documentação Crítica de Fátima*, e também as *Memórias* de Lúcia.

2.3.1 – A primeira notícia

Relativamente ao momento da primeira notícia do segredo, o Relatório do Pároco de Fátima, com data de 6 de Agosto de 1918, refere que ouviu falar pela primeira vez do segredo no dia 13 de Agosto de 1917, precisamente quando o administrador de Vila Nova de Ourém apareceu em sua casa pedindo que interrogasse as crianças sobre o segredo:

«(...) que lhes não restam duvidas, mas que vêm a minha casa para eu interrogar as creanças – que estão a chegar – sobre um segredo, (primeira vez que ouvi fallar no segredo) que ellas dizem que a Senhora lhes disse, mas que não lhes revelaram (...). Pergunto-lhe se a Senhora tinha dito algum segredo. Responde que sim; mas, que m’o não diz»¹⁰³.

¹⁰¹ *Memórias* 157.

¹⁰² Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 33.

¹⁰³ DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 261.

O pai de Francisco e Jacinta, a 28 de Setembro de 1923, referindo-se ao dia 13 de Agosto de 1917 e narrando a presença do administrador em sua casa:

«Ouviu-se n'essa ocasião fallar n'um segredo»¹⁰⁴.

Lúcia conta todavia que, já antes de 13 de Agosto, fora a Vila Nova de Ourém por ordem do administrador, com o fim de ser interrogada acerca do segredo:

«Na Administração, fui interrogada pelo Administrador, na presença de meu pai, meu tio e vários outros senhores que não sei quem eram. O Administrador queria forçosamente que lhe revelasse o segredo e que lhe promettesse não voltar mais à Cova (de) Iria. Para conseguir isto, não se poupou a promessas e, por fim, ameaças. Vendo que nada conseguia, despediu-me, protestando que o havia de conseguir, ainda que para isso tivesse de tirar-me a vida. A meu tio passou uma boa repreensão, por não haver cumprido as suas ordens, e lá nos deixaram vir para nossa casa»¹⁰⁵.

Com estes testemunhos, conclui-se que a notícia do segredo foi dada antes do dia 11 de Agosto, pelo que o mesmo tem de ser referido ou após a aparição de Julho ou após alguma das duas anteriores. Uma vez que não há provas em contrário, confirma-se o tempo após 13 de Julho de 1917, data da revelação do *Segredo* às crianças pela Virgem Maria¹⁰⁶.

2.3.2 – O primeiro divulgador

No que toca ao conhecimento sobre o primeiro dos três videntes a anunciar o segredo, o único depoimento que se encontra data de 28 de Setembro de 1923 e pertence a Olímpia de Jesus, mãe de Francisco e Jacinta. Depois de evocar as três primeiras aparições, faz, sobre a primeira vez que ouviu falar num segredo, a seguinte referência:

«Quando a Jacinta começou a dizer que sabia um segredo comunicado por Nossa Senhora, começou a ser chamada a várias partes, mesmo fóra da freguesia. Segundo afirmava a pequena, o Francisco não ouviu o segredo e fôra a Lucia que lh'o dissera da parte de Nossa Senhora. O Francisco, pedindo-se-lhe para revelar o segredo, declarou que nem que o matassem o

¹⁰⁴ *Do depoimento de Manuel Pedro Marto* in DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA II. PROCESSO CANÓNICO DIOCESANO (1922 -1930) (Santuário de Fátima 1992) 67.

¹⁰⁵ *Memórias I* 89.

¹⁰⁶ Cf. *Memórias I* 120, 121, 122, 176, 177.

poderia dizer. Aconteceu por varias vezes serem interrogados e offerecerem-lhes riquezas para o dizerem e elles respondiam que nem que lhes offerecessem o mundo inteiro o poderiam dizer»¹⁰⁷.

Através deste pequeno indício da mãe de Jacinta, pode-se admitir que terá sido realmente a mais nova dos videntes, também desta vez, a primeira a revelar a notícia.

Em 1924, com a idade de 17 anos, e respondendo sob juramento, Lúcia, referindo o que acontecera a 13 de Julho, diz, na letra do relator:

«Pedi a cura de algumas pessoas recomendadas; que dentro dum ano algumas seriam curadas. Disse umas coisas e que a Senhora disse que as não devia dizer, senão ao Francisco; disse ao Francisco que prometeu guardar segredo»¹⁰⁸.

Em 1937, já com 30 anos, a Irmã Lúcia escreve, na sua *Segunda Memória*, a propósito da aparição de Julho:

«Foi este o dia em que a SS. Virgem se dignou revelar-nos o segredo»¹⁰⁹.

É pois a partir desta informação que sempre se atribui a revelação do segredo à aparição de 13 de Julho.

2.3.3 – Destinatários e recepção

Quanto aos destinatários, conhece-se uma única pergunta que nos interrogatórios tenha exclusiva e directamente incidido sobre eles. Formulou-a o Cón. Formigão a Lúcia, em 27 de Setembro de 1917, questionando a criança se o segredo dizia respeito apenas a ela ou também aos seus companheiros, ao que ela respondeu que dizia respeito aos três videntes¹¹⁰.

A 11 de Outubro seguinte, o mesmo sacerdote volta a fazer-lhe a pergunta, alargando o leque dos possíveis destinatários, mas também agora a propósito dos resultados ou fins que o segredo poderia causar. Contudo, à pergunta se o segredo é para

¹⁰⁷ DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA II 76, 77.

¹⁰⁸ DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA II, 128.

¹⁰⁹ *Memórias I* 87.

¹¹⁰ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 57.

seu bem e dos seus companheiros, se é para a sua salvação e bem espiritual e se, caso o povo o conhecesse, ficaria triste, Lúcia nada responde¹¹¹.

Por seu lado, Jacinta, no interrogatório desse mesmo dia, confirma o destinatário indicado por Lúcia, assim como o resultado ou fim do segredo, afirmando igualmente que é para bem de todos os três¹¹².

O Francisco mostra-se também de acordo, precisando que o fim do segredo é um bem espiritual, para a própria alma e para as almas de Lúcia e Jacinta. Interrogado sobre se o segredo é para bem da alma do senhor prior, responde que não sabe¹¹³.

No que toca aos resultados do segredo, aos dois videntes mais novos perguntou-se-lhes se, sabendo do conteúdo do segredo, o povo ficaria triste, ao que respondem afirmativamente¹¹⁴.

Lúcia é interrogada duas vezes a esse propósito e em ambas dá uma resposta evasiva: a 19 de Outubro de 1917, confrontada com a mesma pergunta, responde que pensa que o povo ficaria quase na mesma¹¹⁵. A 2 de Novembro seguinte, é colocada diante das declarações dos primos a este respeito:

«- Tu nunca disseste o segredo, nem mesmo disseste que o povo ficava triste se o soubesse. O Francisco e a Jacinta dizem que ficava triste. Se tu não podes dizer isso, também eles o não podiam dizer. Que te parece?
- Não sei se eles deviam ou não dizer, que o povo ficava triste. Nossa Senhora disse que não devíamos dizer nada a ninguém. Por isso, não posso dizer nada»¹¹⁶.

A questão volta noutras perguntas a Jacinta, no interrogatório de 11 de Outubro de 1917:

«- Esse segredo é para serem ricos?
- Não é.
- É para serem bons e felizes?
- É. É para bem de todos tres.
- É para irem para o Ceu?
- Não é»¹¹⁷.

¹¹¹ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 90, 91.

¹¹² Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 92.

¹¹³ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 236.

¹¹⁴ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 93, 115.

¹¹⁵ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 151.

¹¹⁶ DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 178.

¹¹⁷ DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 114, 115.

Assim, conclui-se que os destinatários, segundo os três videntes, são eles próprios e, segundo o Francisco e a Jacinta, também o povo. Os “resultados” são bons para os três e tristes para o povo.

Comparando com o que Lúcia escreveu na *Memórias* como conteúdo total, parece difícil enquadrar aí a sua resposta e a de seus primos quanto aos três como destinatários, a não ser recorrendo a uma noção mais alargada de *segredo* que trataremos mais à frente.

Quanto ao povo como destinatário e à sua tristeza, pode admitir-se que quer a visão do inferno, quer o anúncio da guerra, quer a subida ao Calvário podem considerar-se como dirigidas a todo o povo e têm elementos susceptíveis de provocar tristeza, embora uma tristeza transitória, já que no fim há uma saída positiva¹¹⁸.

2.3.4 – A revelação

A questão da revelação do segredo às outras pessoas aparece explícita e especialmente em referência aos confessores, como, porventura, possíveis auditores do respectivo conteúdo revelado¹¹⁹.

Nos interrogatórios do pároco de Fátima, há um episódio que demonstra, por um lado, a sinceridade de Lúcia e o seu respeito pela *Senhora* que lhe confiara o segredo, mas também o seu desejo de corresponder às preocupações da legítima autoridade da Igreja, que ela via colocada em dificuldade diante da autoridade civil e do povo. A cena passa-se no início da visita que o administrador do concelho de Vila Nova de Ourém, a 13 de Agosto, realiza ao pároco de Fátima, vindo acompanhado pelo prior de Porto de Mós, Pe. Manuel Carreira Poças. Conta o pároco de Fátima:

«(...) O administrador pede-me para eu as interrogar, o que fiz na sua presença. Ao interrogar a menina Lucia sobre quem lhe tinha ensinado a dizer o que tem dito; responde que foi aquella Senhora que viu na Cova da Iria. Ao dizer-lhe que vae para o inferno quem diz mentiras que causam tanto prejuízo como o que causa o que ella diz – se fôr mentira, por tanta gente vir enganada – responde, que, se quem diz mentiras vae para o inferno, ella não vae para o inferno por causa d’isso, porque não diz mentiras, mas só diz o que viu e o que Senhora lhe disse, e que se o povo vem é porque quere, que ainda não chamou ninguém. Pergunto-lhe se a Senhora lhe tinha dito algum segredo. Responde que sim; mas que m’o não diz. Feitas várias

¹¹⁸ Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 37, 38.

¹¹⁹ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 57, 58; *Memórias I* 85.

interrogações sobre eles, responde: Olhe!...se quere... vou lá cima e pergunto á Senhora se Ella me dá licença para eu dizer o segredo e se Ella me der licença, então digo-lh’o. A isto responde o administrador: São cousas sobrenaturaes... vamo-nos embora»¹²⁰.

Parece ter sido este o esforço máximo da vidente para satisfazer o desejo de quem para ela representava, segundo a catequese familiar, o próprio Deus, ou seja, a Igreja. No entanto, por fidelidade, nunca revelou o conteúdo do segredo, nem mesmo ao seu confessor¹²¹.

O segredo não seria pois objecto obrigatório de confissão, uma vez que a matéria da confissão é o pecado, conceito que aqui não se applicava¹²². Por outro lado, ao decidir-se a revelar as duas primeiras “coisas” do *segredo*, a Irmã Lúcia escreve:

«O que é o segredo? Parece-me que o posso dizer, pois que do Céu tenho já a licença. Os representantes de Deus na terra têm-me autorizado a isso várias vezes e em várias cartas, uma das quais, julgo que conserva V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}, do Senhor Padre José Bernardo Gonçalves¹²³, na em que me manda escrever ao Santo Padre. Um dos pontos que me indica é a revelação do segredo. Algo disse; mas, para não alongar mais este escrito que devia ser breve, limitei-me ao indispensável, deixando a Deus a oportunidade dum momento mais favorável»¹²⁴.

Pelo contexto, percebe-se que esta licença não lhe terá primeiro chegado através dos representantes de Deus na terra, mas sim de uma revelação do Céu.

Nas cartas anteriores a 1940, atrás citadas, a Irmã Lúcia fala já das perseguições que a Rússia vai promovendo, da sua consagração ao Imaculado Coração de Maria, e da sua conversão como triunfo do mesmo Imaculado Coração¹²⁵, refere revelações mais recentes, mas não diz que os seus conteúdos principais já vinham do segredo de 1917.

2.4 – Um “segredo” em vários segredos

¹²⁰ DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 261, 262.

¹²¹ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 57, 58; *Memórias I* 85.

¹²² Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 39.

¹²³ O Pe. José Gonçalves era um dos directores espirituais de Lúcia.

¹²⁴ *Memórias I* 120.

¹²⁵ Cf. A. M. MARTINS, *O Segredo de Fátima e o Futuro de Portugal* 178.

A Irmã Lúcia, logo na introdução à sua primeira Memória, e sem suspeitar que ela pudesse vir a ser lida por outros que não o Bispo de Leiria, escreve o seguinte sobre a ocultação do segredo:

«Apesar, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo, da minha boa vontade em obedecer, peço me concedais reservar algumas coisas que, porque também me dizem respeito, desejaria fossem lidas somente nos limiares da eternidade. V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} não estranhará que pretenda guardar segredos e leituras para a vida eterna; pois não tenho eu a Santíssima Virgem a dar-me o exemplo? Não nos diz o Sagrado Evangelho que Maria guardava todas as coisas em Seu coração? E quem melhor que este Imaculado coração nos poderia descobrir os segredos da Divina Misericórdia? No entanto, lá os levou guardados como em jardim cerrado, para o palácio do Divino Rei»¹²⁶.

Refere de seguida, no mesmo escrito, a importância do conselho de um sacerdote que lhe ensinara o que, em Moral, costuma chamar-se “restrição mental” e que vem a ser um modo subtil de ocultar a verdade às pessoas que não têm direito de sabê-la. Lúcia recordo uma máxima que um venerável sacerdote lhe deu, quando tinha apenas 11 anos. Interrogou-a acerca de um assunto do qual ela não queria falar. Depois de ter desfolhado todo o seu reportório de interrogações, sem conseguir obter uma resposta satisfatória, e compreendendo talvez que tocava um assunto demasiado melindroso, o venerável Sacerdote, abençoou-a, dizendo:

«- Faz bem, minha filhinha, porque o segredo da Filha do Rei deve permanecer oculto no fundo do seu coração.

(...)

Consultei, no entanto, um dia, um Santo Sacerdote, a respeito desta reserva, porque não sabia que responder, quando me perguntassem se a Santíssima Virgem me tinha dito mais alguma coisa. Este Senhor, que era então Vigário do Olival, disse-nos:

- Fazeis bem, meus filhinhos, em guardar para Deus e para vós o segredo das vossas almas; quando vos fizerem essa pergunta respondi: Sim, disse; mas é segredo. Se vos fizerem mais perguntas a respeito disto, pensai no segredo que vos comunicou essa Senhora e dissei: Nossa Senhora disse-nos que não disséssemos a ninguém, por isso não o dizemos. Assim guardais o vosso segredo ao abrigo da Santíssima Virgem»¹²⁷.

Este temperamento de Lúcia, fortemente inclinado à reserva, manifesta-se logo no silêncio que mantém aquando das primeiras “aparições” de uma figura que, ao ser interrogada por sua mãe, caracterizou como de “uma pessoa embrulhada em um

¹²⁶ *Memórias I* 34, 35.

¹²⁷ *Memórias I* 35.

lençol”¹²⁸. Tratando-se de um acontecimento muito insólito, seria normal, em qualquer criança de oito anos, sentir a necessidade imperiosa de contar. No entanto, a esse respeito, Lúcia escreve:

«Segundo o meu costume, tomei o partido de calar, mas as minhas companheiras, assim que chegaram a casa, contaram o sucedido às famílias»¹²⁹.

Pela leitura dos Interrogatórios e das *Memórias*, torna-se assim claro que, sob o nome de “segredo”, as crianças ocultavam não só um, mas vários episódios e ditos das aparições e mensagens celestes. Um sentido mais lato de “segredo” está assim presente na experiência sobrenatural dos Pastorinhos logo desde o início das revelações. Estes segredos incluíam, para além de algumas expressões de Nossa Senhora, também as aparições do Anjo, que Lúcia apenas menciona na Segunda Memória¹³⁰, e ainda coisas da sua própria vida e dos seus primos, sobretudo sacrifícios que faziam pela conversão dos pecadores¹³¹:

«[Jacinta] um dia perguntou:

- Por que não podemos dizer que aquela Senhora nos disse para fazermos sacrifícios pelos pecadores?
- Para que não nos perguntem que sacrifícios fazemos»¹³².

«[Francisco] por vezes, dizia:

- Esta gente fica tão contente só por a gente lhe dizer que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendêssemos a ler! O que seria se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus, no Seu Imaculado Coração, nessa luz tão grande! Mas isso é segredo, não se lhes diz. É melhor que ninguém o saiba. Desde esta aparição, começámos a dizer, quando nos perguntavam se Nossa Senhora nos não tinha dito mais nada:
 - Sim, disse, mas é segredo.
- Se nos perguntavam o motivo por que era segredo, encolhíamos os ombros e, baixando a cabeça, guardávamos silêncio. Mas, passado o dia 13 de Julho, dizíamos:
 - Nossa Senhora disse-nos que não o disséssemos a ninguém – referindo-nos, então, ao segredo imposto por Nossa Senhora»¹³³.

Estes “segredos” estão assim para além do *Segredo* propriamente dito, revelado a 13 de Julho de 1917 e posteriormente escrito como tal pela Irmã Lúcia. Além disso, o

¹²⁸ Cf. *Memórias I* 76.

¹²⁹ Cf. *Memórias I* 75.

¹³⁰ Cf. *Memórias I* 76, 77, 78, 79.

¹³¹ Cf. *Memórias I* 45, 46, 47, 48, 49, 50, 92, 93, 94.

¹³² *Memórias I* 49.

¹³³ *Memórias I* 144.

conceito de “segredo” tem, nas *Memórias*, um sentido mais vasto que o que vulgarmente se entende, e que pode muito bem ser relacionado com a noção e “mistério”. Isto porque ambos os conceitos apontam para uma instância que se situa no fundo abissal do homem, na profundidade incomunicável das suas vivências espirituais, no sentido da liberdade, do amor, dos sentimentos que dizem o modo de relação do homem com o universo no qual habita¹³⁴.

Esta evocação da relação entre ‘segredo’ e ‘mistério’ é sugerida também pela confissão da própria Lúcia de ter dificuldade em traduzir verbalmente o que viu e escutou, nomeadamente no que diz respeito à experiência do *reflexo de luz*, na aparição de 13 de Junho:

«Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus. Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus (...).

Eis, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo, ao que nos referíamos, quando dizíamos que Nossa Senhora nos tinha revelado um segredo em Junho. Nossa Senhora não nos mandou, ainda desta vez, guardar segredo, mas sentíamos que Deus a isso nos movia»¹³⁵.

No entanto, foi logo na primeira aparição, em Maio, que as crianças foram envolvidas na mesma luz, numa narração de que a de Junho parece ser apenas a confirmação. Lúcia descreve que, ao abrir pela primeira vez as mãos, a Virgem lhes comunicou uma luz muito intensa que lhes penetrou no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-os ver a si mesmos em Deus, que era essa luz, de modo mais claro que num espelho. E, impelidos, por essa luz, caíram em adoração: «Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento»¹³⁶.

Esta percepção do mistério de Deus na luz intensa que irradia das mãos de Nossa Senhora é sentida intensamente por Francisco, que exclama:

«Esta gente fica tão contente só por a gente lhe dizer que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler! O que seria se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus, no seu Imaculado Coração, nessa luz tão grande! Mas isso é segredo, não se lhes diz. É melhor que ninguém o saiba»¹³⁷.

¹³⁴ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* (Lisboa: Paulinas 2010) 66.

¹³⁵ *Memórias I* 175, 176.

¹³⁶ Cf. *Memórias I* 174.

¹³⁷ *Memórias I* 144.

Esta atmosfera sobrenatural que envolve as crianças, quer nas aparições angélicas, quer sobretudo nas aparições marianas é expressa ainda pelo mesmo Francisco com uma simplicidade e, ao mesmo tempo, profundidade espantosas:

«Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!»¹³⁸

«Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!!! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer!»¹³⁹

Podemos então afirmar que há um *segredo* de Fátima anterior ao segredo que Lúcia posteriormente escreve, em três partes, nos documentos. Isto prende-se com o seu fundamento último, com o seu núcleo essencial que constitui o seu espírito, a sua novidade, ou seja, a manifestação da presença de Deus na atmosfera do sobrenatural na qual os videntes eram envolvidos desde a aparição do Anjo, que desde logo os introduziu no mistério da Santíssima Trindade¹⁴⁰:

«A atmosfera do sobrenatural que nos envolveu era tão intensa que quase nos não dávamos conta da própria existência, por um grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração. A presença de Deus sentia-se tão intensa e íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar. No dia seguinte, sentíamos o espírito ainda envolvido por essa atmosfera que só muito lentamente foi desaparecendo»¹⁴¹.

A presença da Santíssima Trindade envolve assim os Pastorinhos, através do reflexo de luz que irradia das mãos de Nossa Senhora. A revelação do *segredo* propriamente dito é feita no contexto de uma intensíssima experiência de Deus, e é este horizonte que oferece o plano de entendimento da mensagem de Fátima no que ela tem de específico, da sua espiritualidade e da sua fecundidade pastoral para a Igreja e para o mundo¹⁴².

Importa, pois, avançar para lá do conteúdo, já conhecido, das três partes do chamado *Segredo* de Fátima. É este horizonte trinitário no qual a mensagem é proferida que permite captar, na sua dimensão mais profunda, o alcance da mediação do Coração Imaculado de Maria, que à frente abordaremos. Este tema está pois na essência do *Segredo* e está relacionado com o mistério da maternidade divina da Virgem Maria, que

¹³⁸ *Memórias I* 140.

¹³⁹ *Memórias I* 145.

¹⁴⁰ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 67.

¹⁴¹ *Memórias I* 169.

¹⁴² Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 68.

continua na história a indicar para onde a humanidade há-de caminhar ou reencaminhar-se. A Igreja e a Virgem Maria são aqui de novo apresentadas como mediação para o encontro com Deus, sendo esse o sentido da luz que sai das mãos de Nossa Senhora, penetrando no mais íntimo das crianças¹⁴³.

A presença do sobrenatural coloca Fátima no âmbito da experiência mística como total despojamento de e esquecimento de si, e que caracteriza especialmente a vivência de Francisco:

«Nas vésperas de morrer, disse-me:

- Olha, estou muito mal, já me falta pouco para ir para o Céu.

- Então vê lá: não te esqueças de lá pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre, por mim e pela Jacinta.

- Sim, eu peço. Mas olha: essas coisas pede-as à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer, quando vir Nosso Senhor! E depois antes o quero consolar»¹⁴⁴.

Aqui reside o primeiro elemento no qual é possível colher o que há de essencial em Fátima, no seu *segredo*, no seu *mistério*, que é em última instância, o despertar para a urgência de centrar radicalmente a vida em Deus, como o único que deve ser amado e adorado¹⁴⁵.

2.5 – Ocultar sem mentir

Como refere Lúcia nas *Memórias*, a mentira sempre foi para ela desde o seio familiar, algo detestável, nomeadamente por educação da parte de sua mãe:

«Ela tinha, desde o berço, infundido em seus filhos um grande horror à mentira, e castigava severamente aquele que dissesse alguma»¹⁴⁶.

Daqui, o facto compreensível de Lúcia chegar a sofrer de escrúpulos por se encontrar por vezes em conflitos de consciência, oriundos da confluência de obrigações contrárias, como podiam ser a que lhe era imposta por Nossa Senhora, que a proibira de

¹⁴³ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 68.

¹⁴⁴ *Memórias I* 162.

¹⁴⁵ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 68.

¹⁴⁶ *Memórias I* 83.

falar, e a que lhe pareciam impor os seus legítimos superiores, nomeadamente a mãe, que precisava de conhecer a realidade para se poder conduzir, e nem sempre percebia a razão das reticências da filha, até porque estava invencivelmente convencida de que ela mentia. Esta convicção de sinal contrário nas duas chegou a gerar diálogos de extrema dramaticidade, já que uma e outra estavam possuídas do mesmo absoluto moral, do mesmo amor à verdade e do mesmo horror à mentira¹⁴⁷.

Momento muito crítico para a consciência de Lúcia foi aquele de quando começou a duvidar de que o recurso ao segredo de Nossa Senhora pudesse salvaguardar a sua obrigação de dizer a verdade ou de não mentir. O problema foi de tal modo agudo que, ao contrário do que era habitual, sentiu necessidade de consultar os seus primos, por ocasião de um minucioso interrogatório:

«- Não sei – lhes disse – se estamos fazendo mal em não dizer tudo. Quando nos perguntam se Nossa Senhora nos disse alguma coisa mais, não sei se, como dizer que nos disse o segredo, não mentimos, calando o resto.

- Não sei – respondeu a Jacinta – Vê lá! Tu é que não queres que se diga.

(...)

Depois deste interrogatório, a minha dúvida aumentou e não sabia verdadeiramente que fazer. Pedia constantemente a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que me dissessem como havia de fazer:

- Ó meu Deus e minha Mãezinha do Céu, Vós sabeis que não vos quero ofender com mentiras, mas bem vedes que não é bem dizer o mais que me dissestes!

Em meio desta perplexidade, tive a felicidade de falar com o Senhor Vigário do Olival. Não sei porquê, Sua Rev.^{cia} inspirou-me confiança e expus a Sua Rev.^{cia} a minha dúvida. Já escrevi, no escrito sobre a Jacinta como Sua Rev.^{cia} nos ensinou a guardar o nosso segredo»¹⁴⁸.

As crianças recorriam ainda a outros meios, como estratagemas de ocultação: encolhiam os ombros e baixavam a cabeça¹⁴⁹, além de se esconderem, às vezes fugindo para longe¹⁵⁰. Nos interrogatórios do Dr. Formigão e do Pe. Lacerda aparecem reticências, com ou sem parêntesis curvos, para assinalar a falta de resposta a algumas perguntas¹⁵¹. Uma vez, essas faltas devem-se ao embaraço ou ignorância dos videntes em relação a determinado assunto de inquérito, outras vezes, devem-se simplesmente a uma deliberada vontade de ocultar¹⁵².

¹⁴⁷ Cf. *Memórias I* 83, 84, 85, 86, 87, 88, 94, 95.

¹⁴⁸ *Memórias I* 99.

¹⁴⁹ Cf. *Memórias I* 144.

¹⁵⁰ Cf. *Memórias I* 155.

¹⁵¹ Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I, 50, 87, 88, 91, 92, 112, 150, 336, 340.

¹⁵² Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 44.

Os documentos manifestam tentativas insistentes da parte dos interrogadores, no sentido de uma aproximação ao conteúdo que pudesse ser correspondida pelas crianças. Para além das referências aos destinatários e aos resultados nos sentimentos do povo, não aparece qualquer indício de que as crianças, e depois Lúcia adulta, se tenham descaído acerca do conteúdo do *segredo*¹⁵³.

É assim de concluir que, partindo do testemunho de Lúcia, o *Segredo de Fátima* foi entregue e imposto às crianças apenas na aparição de Julho, e por isso foi só a partir daí que as crianças fizeram notar que havia um segredo concreto revelado por Nossa Senhora e pelo qual estavam dispostas a dar a vida¹⁵⁴.

2.6 – O conteúdo do *Segredo* na mente de Lúcia

A questão da permanência do conteúdo do *Segredo* na mente de Lúcia, aquela que acaba por revelá-lo por escrito, tem importância primordial para que possa averiguar-se da identidade entre o conteúdo escrito em 1941 e 1944 e o conteúdo recebido do Céu em 1917.

«Será que podemos suspeitar de qualquer evolução mental, linguística ou conceptual, do segredo, na Irmã Lúcia?

Notemos antes de mais que três crianças não se oferecem à morte por uma convicção superficial, vaga, cuja realidade não esteja profundamente impressa em suas mentes e consciência moral. E neste caso é evidente que para os três a obrigação era sagrada, ou seja, provinha da Senhora que lhes aparecia, e que eles prezavam mais do que qualquer bem sobre a terra, mesmo a própria vida terrena, porque acreditavam que Ela vinha do Céu, portanto da parte de Deus, e que o Céu era um lugar de felicidade muito superior à da Terra»¹⁵⁵.

Assim, não será exagerado admitir que este conteúdo noético possuía a força máxima em nitidez e intensidade de gravação, pelo que não seria fácil esquecê-lo nem adulterá-lo, mesmo tendo em conta a já referida e permanente mobilidade da consciência. O facto de o *segredo* ter sido revelado a crianças muito novas, cujas aquisições mentais eram necessariamente muito simples e muito sensoriais, leva a

¹⁵³ Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 44.

¹⁵⁴ Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 44.

¹⁵⁵ L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 46.

pensar que se lhes terá gravado de modo também simples e puro, facilmente destacável de outros conteúdos, e pouco sujeito a adulterações¹⁵⁶.

Não pode deixar-se de ter em conta, nesta questão, os diversos sentidos que Lúcia e os primos já então atribuíam ao termo “segredo” e as restrições mentais que lhe eram moralmente permitidas a partir daí, e sobretudo após o encontro com o vigário do Olival, que lhes recomendara guardar o segredo «no fundo do seu coração»¹⁵⁷.

«Por outro lado parece normalíssimo em Lúcia que, entre os vários segredos quisesse preservar acima de tudo o que recebera de Nossa Senhora. Só nos parece permanecer alguma sombra no facto de os seus primos terem declarado que era para bem (dos três) mas não para irem para o Céu nem para serem ricos. Que bem teriam em mente?

Lúcia chegou a aceitar que se destinava aos três, mas não quis confirmar se era para seu bem. Certamente para mal não seria... que coisa teria em mente? E se Lúcia concorda nisso com seus primos (pelo menos quanto ao facto de se destinar aos três), podemos admitir que neste caso tomava o termo segredo no seu sentido mais alargado»¹⁵⁸.

Depois desta abordagem histórica às primeiras referências ao *segredo*, nomeadamente em textos contemporâneos das aparições, e ao modo como essa revelação interferiu com a vida dos videntes, tornando-a credível perante a Igreja e o mundo, deter-nos-emos, a seguir, em textos posteriores e mais elaborados, a fim de analisarmos a teologia inerente ao *Segredo* de Fátima.

¹⁵⁶ Cf. L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 46.

¹⁵⁷ Cf. *Memórias I* 35.

¹⁵⁸ L. GUERRA, *Segredo de Fátima, autenticidade* 46.

Capítulo Terceiro:

Análise do *Segredo* a partir dos escritos da Ir. Lúcia

Nesta terceira parte, olharemos de perto os textos escritos por Lúcia, nos quais descreve o conteúdo do *Segredo*, nas suas três partes: a visão do Inferno, a devoção ao Imaculado Coração de Maria e a consagração da Rússia, e finalmente a visão profética sobre o caminho e testemunho da Igreja no meio do mundo, ao longo do século XX. Faremos também referência às revelações posteriores a Lúcia em Tuy e Pontevedra, como complemento à segunda parte.

Tocaremos, assim, nos grandes temas presentes nestes documentos relativos ao *Segredo*, tentando descortinar algumas perspectivas de vivência espiritual preconizadas pelo mesmo.

3.1 – Estrutura do *Segredo*

Na apresentação da estrutura global do *Segredo* de Fátima, Stefano de Fiores, na obra *O Segredo de Fátima. Uma luz sobre o futuro do mundo*, elenca, demonstrando com textos originais, o conteúdo essencial de cada uma das três partes, ligadas e dependentes entre si. Apresenta também o remédio para cada um desses conteúdos, assim como os efeitos condicionados e/ou incondicionados, conforme se tratar de acontecimentos a realizarem-se apenas sob condições apresentadas pela Virgem ou de acontecimentos revelados como futuramente certos:

«Entretanto, das palavras de Lúcia notemos que é impróprio falar de “segredos” de Fátima. A vidente fala de um só “segredo” dividido em três partes. A primeira é a visão do inferno; a segunda refere-se à devoção ao Imaculado Coração de Maria; a terceira diz respeito à perseguição à Igreja da parte de governos ateus, o atentado ao Papa e o futuro do mundo»¹⁵⁹.

¹⁵⁹ S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima. Uma luz sobre o futuro do mundo* (Lisboa: Paulus 2008) 72.

Em primeiro lugar, a *visão do inferno*: «Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores». Como remédio, apresenta-se a devoção ao Imaculado Coração de Maria: «Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração». *Como efeitos condicionados*, refere-se o alcance da salvação e da paz: «Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz». *O Efeito incondicionado será* o fim da guerra: «A guerra vai acabar»¹⁶⁰.

A segunda parte do *Segredo* consiste na primeira predição condicionada de males ou acontecimentos trágicos, explicitando-se que começará outra guerra pior, com fome e perseguições à Igreja e ao Papa: «Deus [...] vai punir o mundo pelos seus crimes, por meio da guerra, da fome e das perseguições à Igreja e ao Santo Padre». O remédio para este panorama é a Consagração da Rússia e a Comunhão Reparadora: «Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Coração Imaculado e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados». Os efeitos *deste remédio serão* a conversão da Rússia e a paz: «Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz»¹⁶¹.

Finalmente, a terceira parte é uma *segunda predição condicionada de males ou acontecimentos trágicos*, como a actividade deletéria da Rússia, as guerras e as perseguições à Igreja e ao Papa, o grande número de mártires, o aniquilamento de nações: «a Rússia [...] espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo padre terá muito que sofrer, muitas nações serão aniquiladas». *O Remédio* para este quadro é também a consagração da Rússia: «O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia». Como *Efeitos incondicionados*, apresenta-se o triunfo do Imaculado Coração de Maria: «Por fim, o Meu Coração Imaculado triunfará»; ainda a conversão da Rússia e um período de paz: a Rússia converter-se-á e será concedido ao mundo algum tempo de paz»¹⁶².

¹⁶⁰ Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 72, 73.

¹⁶¹ Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 73.

¹⁶² Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 73.

3.2 – O segredo nas *Memórias*: análise das duas primeiras partes constituintes

Das seis *Memórias* de Lúcia, a terceira, escrita em 1941, é a que se debruça mais pormenorizadamente sobre o conteúdo do segredo. É escrita com a intenção de revelar ao Bispo de Leiria a primeira e segunda partes do mesmo que, segundo afirma a vidente logo no início do texto, já devem ser comunicadas, pois do Céu já tem a licença¹⁶³. Lúcia escreve assim esta memória em resposta ao pedido de D. José Alves Correia da Silva para que pense e aponte alguma coisa mais que se lembre acerca da Jacinta, para além da primeira memória, que foi precisamente sobre a mais nova dos videntes. Uma vez que Jacinta «se impressionava muito com algumas coisas reveladas no segredo», este é assim o contexto em que Lúcia revela, pela primeira vez, e logo no início do seu texto, duas das partes do mesmo segredo confiado pela Virgem Maria, na aparição de 13 de Julho de 1917.

3.2.1 – A visão do Inferno

A primeira parte do *Segredo* consta da visão do Inferno, proporcionada, por meio da Virgem Maria, às três crianças e descrita por Lúcia da seguinte forma:

«A primeira foi, pois, a vista do inferno! Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em esse fogo, os demónios e as almas. Como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas em os grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguiram-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento, e graças à nossa boa Mãe do Céu, que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu (na primeira aparição)! Se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e de pavor»¹⁶⁴.

No opúsculo *Como vejo a Mensagem, através dos tempos e dos acontecimentos*, de 1982, Lúcia escreve mais demorada e explicitamente sobre a visão do Inferno e sua interpretação, dizendo que talvez Nossa Senhora tenha desejado mostrar, a ela e aos

¹⁶³ Cf. *Memórias I* 120.

¹⁶⁴ *Memórias I* 121.

primos, o Inferno para os fazer compreender mais e melhor a necessidade de oferecer a Deus orações e sacrifícios pela conversão dos pecadores. Talvez também porque já soubesse que nos tempos vindouros, esta verdade viria a ser negada ou posta em dúvida¹⁶⁵.

Lúcia afirma que, na visão que Nossa Senhora mostrou, se via fogo, mas que não sabe que classe de fogo era. Por certo não era um fogo material, como os fogos da terra, já que na esfera do sobrenatural não existe material do qual um fogo se possa sustentar. Dá o exemplo do sol, que há tantos milhares de anos foi criado por Deus, permanecendo sempre com o mesmo calor, luz e vida, que transmite a todo o ser que vive sobre a terra. E questiona-se de que matéria se sustenta esse fogo que não se extingue e ainda se Deus terá criado outros fogos na esfera sobrenatural, com diferentes fins¹⁶⁶.

«Na obra da criação, vemos que há muitos segredos que os homens com todo o seu saber ainda não conseguiram desvendar. Diante da onipotência de Deus, não somos nada! Jesus Cristo, falando do inferno, diz que aí haverá pranto e ranger de dentes. O que parece significar o fogo da raiva, do desespero, do ódio, do espírito de vingança, etc. Seja como for, o que é certo é que o inferno existe, e é para Nossa Senhora objecto de grande preocupação»¹⁶⁷.

Já as raízes vetero-testamentárias da mensagem cristã apontavam para o desígnio divino da conversão do pecador:

«Porventura me hei-de comprazer com a morte do pecador – oráculo do Senhor Deus – e não com o facto de ele se converter e viver?
Mas se o justo se desvia da sua justiça e pratica o mal, imitando os crimes abomináveis a que se entrega o pecador, porventura viverá? A justiça que praticou não será recordada; por causa da infidelidade a que se entregou e do pecado que cometeu, morrerá.

(...)

Diz-lhes isto: “Por minha vida – oráculo do Senhor Deus – não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim na sua conversão, a fim de que tenha a vida. Converti-vos! Afastai-vos desse mau caminho que seguís; porque persistis em querer morrer, casa de Israel?”¹⁶⁸.

¹⁶⁵ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem, através dos tempos e dos acontecimentos* (Fátima: Carmelo de Coimbra / Secretariado dos Pastorinhos 2007²) 49.

¹⁶⁶ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem* 49, 50.

¹⁶⁷ IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem* 49, 50.

¹⁶⁸ Ez 18, 23; 33, 11.

O Novo Testamento revela Deus como Amor¹⁶⁹ e acentua que o Seu desejo é que todos se salvem e conheçam a verdade¹⁷⁰. Anunciar o Reino de Deus é anunciar a salvação. Em Nazaré, Jesus é contestado porque, ao citar o Profeta Isaías (6, 1-2), fá-lo omitindo a expressão «dia da vingança da parte do nosso Deus»¹⁷¹. Como mostram as parábolas de S. Lucas, Deus é misericordioso e por isso não quer a morte do pecador¹⁷²; Cristo veio para salvar e não para condenar, como acentua o Evangelho de S. João¹⁷³.

No entanto, a Sagrada Escritura, já no Antigo Testamento, considera também a possibilidade de fracasso do homem.

O Terceiro Isaías termina apresentando os pecadores como cadáveres fora dos muros da Jerusalém escatológica, atormentados pelo fogo:

«E quando saírem, verão os cadáveres dos que se revoltaram contra mim. Os seus vermes não morrem e o fogo que os devora não se apaga. Serão um objecto de horror para todos»¹⁷⁴.

O Profeta Daniel refere o horror eterno:

«Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, outros para a ignomínia, para a reprobção eterna»¹⁷⁵.

O Livro da Sabedoria descreve amplamente o destino dos ímpios:

«Os ímpios, pelo contrário, serão castigados segundo os seus pensamentos, porque desprezaram o justo e se afastaram do Senhor. Desgraçados daqueles que desprezam a sabedoria e a sua disciplina!

(...)

Depois disto, se converterão num cadáver sem honra, num objecto de opróbrio para sempre entre os mortos; pois o Senhor os precipitará de cabeça para baixo, sem poderem falar, os sacudirá nos seus fundamentos, e ficarão totalmente abalados. Viverão com amargura e a sua memória perecerá. Quando se pedir contas dos seus pecados, virão aterrorizados, e os seus pecados se levantarão contra eles para os acusar.

(...)

¹⁶⁹ Cf. 1Jo 4, 8.

¹⁷⁰ Cf. 1 Tim 2, 4.

¹⁷¹ Cf. Lc 4, 16-22.

¹⁷² Cf. Lc 15.

¹⁷³ Cf. Jo 13, 17.

¹⁷⁴ Is 66, 24.

¹⁷⁵ Dn 12, 2.

Afiará a sua ira para lhe servir de espada, e todo o universo lutará com Ele contra os insensatos. Os raios sairão como setas certeiras desferidas das nuvens, como de um arco bem distendido voarão para o alvo. Uma funda lançará uma violenta saraivada, a água do mar se enfurecerá contra eles, e os rios os arrastarão sem piedade. Um vento poderoso investirá contra eles e como um furacão os dispersará. A maldade fará de toda a terra um deserto, e a iniquidade arrasará os tronos dos poderosos!»¹⁷⁶.

O Novo Testamento refere também a possibilidade de negar aquela comunhão com Deus que constitui a bem-aventurança.

O Inferno é «perder a vida»:

«Na verdade, quem quiser salvar a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há-de perdê-la; mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há-de salvá-la. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?»¹⁷⁷.

O Evangelho refere também, em S. Mateus, a possibilidade da *Geena* («Temei antes aquele que pode fazer perecer na Geena o corpo e a alma¹⁷⁸») e de não ser reconhecido («Nunca vos conheci; afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade»¹⁷⁹). O mesmo evangelista coloca também na boca de Cristo uma descrição profética do juízo final:

«Quando o filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há-de sentar-se no seu trono de glória. Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos.

O Rei dirá, então, aos da sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo.

(...)

Em seguida dirá aos da esquerda: ‘Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e para os seus anjos!

(...)

Estes irão para o suplício eterno, e os justos, para a vida eterna»¹⁸⁰.

S. Lucas menciona a incapacidade de muitos entrarem pela porta estreita:

¹⁷⁶ Sb 3, 10; 4, 19-20; 5, 14-23.

¹⁷⁷ Mc 8, 35-36.

¹⁷⁸ Mt 10, 28.

¹⁷⁹ Mt 7, 23.

¹⁸⁰ Mt 25, 31-34. 41. 46; Cf. IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem* 49.

«Repito-vos que não sei de onde sois. Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade. Lá haverá pranto e ranger de dentes...»¹⁸¹.

Por fim, S. Paulo anuncia o risco de não «herdar o Reino»:

«Ou não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os pedófilos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os beberrões, nem os caluniadores, nem os salteadores herdarão o Reino de Deus»¹⁸².

E S. João o risco de «não ver a vida»:

«Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem se nega a crer no Filho não verá a vida, mas sobre ele pesa a ira de Deus»¹⁸³.

Na verdade, a realidade do Inferno é tão evidente como o é existirem homens que optam viver sem Deus. Negar o inferno é negar quer a possibilidade de o homem optar contra o amor, quer a própria liberdade infinita de Deus de chamar a finita liberdade humana à comunhão com Ele¹⁸⁴.

«A condenação é a imagem invertida da glória, a própria negação da vida no fogo do inferno.

(...)

O inferno é um absurdo, mas o amor redentor de Cristo não destruiu o livre arbítrio da criatura. Para haver um sim livre ao amor, tem de haver a possibilidade de um não. Tem de haver a possibilidade de chamar bem absoluto ao amor próprio, ao egoísmo, ao negar-se à comunhão com os outros, ao recusar ser Igreja de Cristo: ser comunhão de amor. O inferno é a inversão da glória divina, porque é uma auto glória sem comunhão. Odeia o Amor como peso insuportável, como fogo que seria energia de comunhão divina, mas que é recusada no tempo de pecado (...»¹⁸⁵.

Com efeito, no amor com que amou os homens até morrer por eles na cruz, Cristo revelou na história a acção trinitária. Ao assumir sobre si o pecado dos homens, tornou a humanidade livre de amar a Deus e de participar na construção da história com

¹⁸¹ Lc 13, 27 – 28.

¹⁸² 1Cor 6, 9 – 10.

¹⁸³ Jo 3, 36.

¹⁸⁴ Cf. M^a. M CARVALHO, *Os Novíssimos* in *A Pastoral de Fátima. Actas do I Encontro Nacional sobre a Pastoral de Fátima no 75º aniversário das Aparições* (Santuário de Fátima 1993) 151.

¹⁸⁵ M^a. M CARVALHO, *Os Novíssimos* 151.

sentido definitivo. Esta é de facto inundada pela própria plenitude de amor, que Deus é e difunde atractivamente em Cristo, para a comunhão eterna: «Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim»¹⁸⁶; «Se eu não morrer, o consolador não virá a vós»¹⁸⁷.

A Páscoa de Cristo abriu, assim, a eternidade do amor trinitário à humanidade pelo convite à comunhão, pelo convite a ser Sua Igreja até participar do Reino de Deus no fim dos tempos¹⁸⁸.

«O convite à comunhão não absorve a história na ressurreição de Cristo, no *eschaton*, que Ele já é, nem se impõe à história. Propõe-se em diálogo, e entrega-se num jogo de liberdades, no qual a liberdade infinita do amor divino “desce” à infinita liberdade humana e convida-a à participação. Esse, o mistério da Igreja até à Parusia, e essa, a dura batalha da história convidada a optar por ou contra o amor, a optar por Deus ou contra Deus, numa relação de liberdade.

A liberdade vivida por Cristo, a de se entregar por amor absoluto ao Pai e aos homens, partilhou-a Ele no Pão eucarístico, no céu já aberto à história. O sofrimento inerente ao amor, que Ele suportou na cruz, purificou a humanidade que n’Ele se abriu a Deus. E o Seu grito de abandono foi a solidão suprema a que a humanidade O sujeitou: “Pai, porque me abandonastes?” »¹⁸⁹.

Assim, o fogo do amor divino, que em Cristo foi trazido à terra, foi céu para quem aceitou a comunhão, partilhando o Pão da vida e acolhendo a vida eterna da entrega de Cristo na cruz; foi purificação para quem se deixou purificar pelo amor redentor e nele morreu para o pecado em dinamismo baptismal, caminhando de fé em fé, experimentando a fraqueza da liberdade pessoal e a força da comunhão, vividas na Igreja do Senhor. Esta mesma força do amor divino foi também inferno para quem O não aceita¹⁹⁰.

Hans Urs von Balthasar resume da seguinte forma o tratado dos Novíssimos do Homem:

«Deus é o “fim último” da Sua criatura. Ele é o céu para quem O contempla, o inferno para quem O perde, o juízo para quem é examinado por Ele, o purgatório para quem é purificado por Ele. Ele é Aquele para o qual morre tudo o que é mortal e que ressuscita por Ele e n’Ele. Mas é-o precisamente na

¹⁸⁶ Jo 12, 32.

¹⁸⁷ Jo 16, 7.

¹⁸⁸ Cf. M^a. M CARVALHO, *Os Novíssimos* 145.

¹⁸⁹ M^a. M CARVALHO, *Os Novíssimos* 145.

¹⁹⁰ Cf. M^a. M CARVALHO, *Os Novíssimos* 145.

medida em que é orientado para o mundo no Seu Filho Jesus Cristo, que é a revelação de Deus e, por isso, o compêndio dos “fins últimos”»¹⁹¹.

Os videntes de Fátima assumem esta perspectiva, não sobretudo pelo que disseram a este respeito, mas pelo modo como entenderam a mensagem do céu e livremente acolheram construir o fragmento da sua própria história à luz e a partir do Absoluto, o *eschaton* que acolheram numa opção definitiva, isto é, escatológica¹⁹².

É surpreendente que a revelação do inferno seja feita através do reflexo da Luz que é Deus. Segundo J. Farias, estamos aqui no âmbito da experiência mística traduzida deste modo, pois é a proximidade de Deus que proporciona o pressentimento do que representa a perdição como radical afastamento. Assim como a escuridão só é possível entender-se no horizonte da experiência da Luz, também só quem faz a experiência do mistério de Deus pode captar o que representa perder-se. O Inferno só se intui se se presente o que seja o Paraíso¹⁹³. A legitimidade desta interpretação é-nos oferecida por João Paulo II na sua encíclica sobre o Espírito Santo, *Dominum et Vivificantem*, de 18 de Maio de 1986.

Depois de, na primeira parte, apresentar uma síntese admirável da teologia trinitária do Espírito Santo, consagra a segunda e a terceira precisamente ao discernimento que é possibilitado precisamente pelo Mistério do Espírito Santo, no qual se revela não só a profundidade infável do Mistério de Deus e do Homem que n’Ele se reflecte, mas também do fundo abissal do pecado e da iniquidade, só percebido por quem presente a voz do Espírito no seu ser:

«Diante do mistério do pecado, é preciso prescrutar ‘as profundezas de Deus’ até onde for possível. Não basta perscrutar a consciência humana, como mistério íntimo do homem; mas é imprescindível penetrar no mistério íntimo de Deus, naquelas ‘profundezas de Deus’ que se resumem na síntese: ‘ao Pai – no Filho – por meio do Espírito Santo’. É exactamente o Espírito Santo que as ‘perscruta’; e a elas vai buscar a *resposta de Deus* ao pecado do homem. Com essa resposta encerra-se o processo de ‘convencer quanto ao pecado’, como acontecimento do Pentecostes põe em evidência»¹⁹⁴.

¹⁹¹ H. U. VON BALTHASAR, *Eschatologie* in *Questions Théologiques Aujourd’hui II. Dogmatique* (Paris: Desclée de Brouwer 1965) 277.

¹⁹² Cf. M^a. M CARVALHO, *Os Novíssimos* 145, 146.

¹⁹³ Cf. J. FARIAS, *A revelação da 3ª parte do “Segredo” de Fátima: breves considerações teológicas*, in L. GUERRA (Org.), *O “Segredo” de Fátima* (Fátima: Reitoria do Santuário de Fátima 2004) 6.

¹⁹⁴ JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem* 32, in *Acta Apostolicae Sedis* 78 (1986) 844.

O Papa refere ainda que, graças à comunicação divina, o espírito humano, que conhece os segredos do homem, encontra-se com o «Espírito que perscruta as profundezas do próprio Deus»¹⁹⁵. É neste Espírito, Dom eterno, que o Deus uno e trino se abre ao homem, ao espírito humano. O sopro recôndito do Espírito divino faz com que o espírito humano, por sua vez, se abra diante de Deus, que se abre para ele com desígnio salvífico e santificante¹⁹⁶.

O *Catecismo da Igreja Católica* reafirma que a pena principal do Inferno consiste na separação eterna de Deus e que o ensinamento sobre o Inferno constitui um apelo à responsabilidade com a qual o homem deve utilizar a própria liberdade, tendo como horizonte o seu destino eterno¹⁹⁷.

A teologia, por sua vez, advoga que tudo o que a Sagrada Escritura diz do Inferno «deve ler-se segundo o carácter escatológico do discurso, não como uma *reportagem* antecipada... mas como revelação da situação na qual o homem está verdadeiramente»¹⁹⁸. O Inferno é assim um apelo permanente aos homens para que regulem a sua vida e façam as suas opções com extrema seriedade, já que se encontram perante a possibilidade real de condenação eterna.

À teologia não é pois possível especificar o número de condenados e o tipo de pena, como desejaria porventura uma legítima curiosidade, uma vez que os Evangelhos se recusam a responder a essas perguntas.

«Não se deve portanto tomar em consideração aqueles teólogos para os quais o inferno está vazio, nem os que o vêem demasiado cheio de condenados. A revelação não entra nestas determinações. Certamente nem sequer Nossa Senhora de Fátima.

De facto, é preciso ultrapassar a impressão de que a própria Senhora de Fátima queria completar os dados da Revelação ao mostrar o inferno aos pastorinhos durante de 13 de Julho de 1917. Com esta terrificante visão, Nossa Senhora não pretendeu dar novas informações acerca do inferno como um *filme colorido do além*, mas propôs-se sacudir as consciências para provoca-las à salvação»¹⁹⁹.

Com esta visão, coloca-se a questão fundamental da salvação dos pecadores. Deus e Maria desejam que os homens sejam salvos, ou seja, que não sigam obstinadamente o caminho da ofensa a Deus, preparando a sua condenação eterna. O

¹⁹⁵ 1Cor 2, 10-11.

¹⁹⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem* 58 in *Acta Apostolicae Sedis* 78 (1986) 883, 884.

¹⁹⁷ Cf. *Catecismo da Igreja Católica* (Gráfica de Coimbra 2000²) 1935 – 1936.

¹⁹⁸ K. RAHNER, *Hölle*, in *Sacramentum mundi – Theologisches Lexikon für die Praxis* (Freiburg: Editiones Herder 1968) 735.

¹⁹⁹ S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 52.

remédio não é a simples observância dos mandamentos, mas uma forma de espiritualidade em sintonia com o Imaculado Coração de Maria, dócil ao Espírito de amor e voltada para a meditação dos mistérios de Cristo. Na prática, a salvação consiste numa cada vez maior identificação de cada cristão com o Coração de Maria, no cumprimento da vontade do Deus da nova aliança²⁰⁰.

Na Mensagem de Fátima, encontramos assim uma profunda convergência entre as palavras do Filho e as da Mãe sobre a realidade do Inferno. Os dois pretendem impedir que os pecadores avancem no caminho da perdição e façam uso da liberdade apoiando-se em Cristo e nos seus ensinamentos que conduzem à vida eterna²⁰¹.

3.2.2 – A devoção ao Imaculado Coração de Maria e a consagração da Rússia

A segunda parte do *segredo* é de seguida revelada aos pastorinhos, como remédio de salvação para os homens, mergulhados no pecado, que os conduz a este estado infernal de afastamento de Deus, não só a nível escatológico, mas já presente neste mundo e na história da humanidade. É pois da própria boca da Virgem Maria que saem as seguintes palavras:

«Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior²⁰². Quando virdes uma noite, alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá²⁰³ de que vai punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o Meu Imaculado triunfará. O Santo Padre consagrar-me-à a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal, se conservará sempre o dogma da Fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo»²⁰⁴.

²⁰⁰ Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 53.

²⁰¹ Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 53.

²⁰² Esta veio a ser a *Segunda Guerra Mundial* (1939-1945).

²⁰³ Lúcia aceitou a «extraordinária» aurora boreal da noite de 25 para 26 de Janeiro como o sinal de Deus para o começo da guerra.

²⁰⁴ *Memórias I* 177.

Lúcia coloca a pergunta: «Porque, para salvar os pobres pecadores, Nossa Senhora pede a devoção ao Seu Imaculado Coração?»²⁰⁵. A resposta é a vontade de Deus, como refere própria Virgem: «Para as salvar Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração». A intercessão de Maria junto de Deus alcança a graça do perdão para aqueles que sinceramente arrependidos o supliquem, assim como também a graça da conversão. O Seu Imaculado Coração é símbolo e receptáculo do amor de Deus, que em Jesus Cristo redime os homens. Na verdade, foi Ele que, do alto da cruz, os confiou aos cuidados de Maria: «Mulher, eis aí o teu filho»²⁰⁶.

Nos seus *Apelos*, a vidente detém-se na reflexão acerca daquele que considera o décimo primeiro apelo da Mensagem de Fátima, precisamente a devoção ao Coração Imaculado de Maria²⁰⁷. Estabelecer no mundo esta devoção significa pois levar as pessoas a uma plena consagração e conversão a Deus. O refúgio que o Coração de Maria traz para a humanidade é anunciado por Deus depois da queda de Adão e Eva, através das palavras que dirige à serpente: «Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar»²⁰⁸.

A nova geração que nascerá desta mulher anunciada por Deus, a Virgem Maria, há-de assim triunfar na luta contra a geração de Satanás. É no *fiat* de Maria, momento em que o ser de Cristo se une estreitamente ao seu, que Deus inicia a obra da Redenção: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra»²⁰⁹; «E o Verbo fez-Se homem e habitou entre nós»²¹⁰.

3.2.2.1 – O Imaculado Coração na fé católica e na Mensagem de Fátima

A mensagem de Fátima convoca, assim, à veneração da Mãe de Deus de duas formas: primeiro, em geral, pela recomendação da oração do terço e, em seguida, de modo particular, pela exortação à devoção ao Coração Imaculado de Maria. De facto,

²⁰⁵ IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem* 51.

²⁰⁶ Jo 19, 26.

²⁰⁷ Cf. IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima* (Carmelo de Coimbra e Santuário de Fátima 2007⁴) 135.

²⁰⁸ Gn 3, 15.

²⁰⁹ Lc 1, 38.

²¹⁰ Jo 1, 38.

muitas palavras da mensagem de Fátima confluem no convite da Mãe de Deus à veneração do seu Coração Imaculado.

Segundo muitas interpretações, o objectivo principal do acontecimento de Fátima reside precisamente nesta devoção. A mensagem chama pois à reparação que o homem oferece não só ao próprio Deus e a Cristo, o Senhor mas também ao coração Imaculado de Maria²¹¹.

Durante um instante terrível, as três crianças viram no inferno a queda das «almas dos pobres pecadores». Depois, foi-lhes comunicado o motivo pelo qual tiveram que passar por esse instante: «para as salvar», para mostrar um caminho de salvação. A esse mesmo caminho faz alusão a Primeira Carta de Pedro: «Estais certos de obter, como prémio da vossa fé, a salvação das almas»²¹². Para se chegar a tal objectivo, é indicado, de modo surpreendente no ambiente cultural anglo-saxónico e germânico, a devoção ao Imaculado Coração de Maria.

O termo “coração”, na linguagem da Bíblia, significa o centro da existência humana, uma confluência de razão, vontade, temperamento e sensibilidade, onde a pessoa encontra a sua unidade e orientação interior. O “coração imaculado” é, segundo o Evangelho de Mateus, um coração que, a partir de Deus, chegou a uma perfeita unidade interior e consequentemente «vê a Deus»²¹³.

Portanto, “devoção” ao Imaculado Coração de Maria é aproximar-se desta atitude do coração, na qual o *fiat* – “seja feita a vossa vontade” – se torna o centro conformador de toda a existência. Se porventura alguém objectasse que não se deve interpor um ser humano entre nós e Cristo, lembremos de que Paulo não tem medo de dizer às suas comunidades: “Imitai-me” (cf. 1Cor 4, 16; Fil 3, 17; 1Tes 1, 6; 2Tes 3, 7.9). No Apóstolo, elas podem verificar concretamente o que significa seguir Cristo. Mas, com quem poderemos nós aprender sempre melhor do que com a Mãe do Senhor?»²¹⁴.

No centro deste apelo da Mensagem de Fátima, encontra-se pois o próprio mistério de Maria, na figura viva da Virgem-Mãe. Ela surge como profetiza e medianeira de todos os mistérios da fé cristã, inclusive dos mistérios da salvação e da reprovação do homem²¹⁵. Como medianeira, não traz apenas a Palavra de Deus,

²¹¹ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 296.

²¹² 1Pe 1, 9.

²¹³ Cf. Mt 5, 8.

²¹⁴ J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, in CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* in IRMÃ LÚCIA, *Memórias I – Apêndice III (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2006¹²)* 227, 228.

²¹⁵ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima*, in *Mensagem de Esperança para o Mundo: Acontecimento e Significado de Fátima* (Santuário de Fátima 2012) 295.

destinada à nossa época, sobre a paz, a reconciliação e a redenção mediante a expiação, mas espera também a resposta dos homens para a transmitir a Cristo²¹⁶.

Logo na primeira aparição, a Virgem Maria faz aos pequenos videntes a pergunta:

«Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»²¹⁷.

O que aqui se mantém em forma interrogativa e se enuncia como oferta apresenta-se, na segunda aparição, de modo mais determinado e designa-se como a vontade de Cristo a respeito de Lúcia e do mundo:

«Jesus quer servir-se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no Mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. A quem a abraçar, prometo a salvação, e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a adornar o Seu trono»²¹⁸.

Nesta aparição, a 13 de Junho de 1917, as crianças contemplam também o coração cercado de espinhos, interpretados como sinais do desejo de Maria de reparação:

«À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação»²¹⁹.

Na terceira aparição, que dada a revelação do *Segredo* é a mais rica de conteúdo, o significado deste mesmo Coração põe-se ainda numa ligação mais estreita com a situação da época e as suas calamidades, sendo elevado precisamente um meio e instrumento de salvação²²⁰:

²¹⁶ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 295.

²¹⁷ *Memórias I* 82, 173, 174.

²¹⁸ *Memórias I* 192.

²¹⁹ *Memórias I* 175, 176.

²²⁰ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 296.

«Se fizerem o que eu disser salvar-se-ão muitas almas e terão paz [...] por fim o meu Imaculado Coração triunfará»²²¹.

A tradição católica familiarizou-se com o símbolo do coração, sobretudo a partir da devoção ao Coração de Jesus, da qual se aproxima em parte a devoção ao Coração de Maria. Em cada caso, entende-se o coração não como músculo corporal, que mantém em movimento a circulação sanguínea, mas, partindo da linguagem bíblica, como sinal e símbolo da mais profunda interioridade do homem anímico-corporal, na qual se enredam o espírito e a vontade, o ânimo e os afectos. Por isso, “coração” é e permanece uma palavra originária e um “símbolo do homem de todos os tempos que pensa, poetiza e ora” (H. Rahner). É sobretudo o símbolo do amor que, em comparação com o entendimento construtivo, constitui a força mais profunda, mais viva e mais peculiar que existe no homem. Na referência a Jesus Cristo, o coração aponta para o amor único e divino-humano do Redentor, que ardeu no mais íntimo da sua humanidade e jorrou para toda a humanidade, através do lado aberto:

«Um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança e logo saiu sangue e água»²²².

Aplicado a Maria, o símbolo do coração significa a mais profunda e íntima união da Mãe de Cristo com a graça e com o amor de Deus, e também a mais intensa entrega e dedicação da tão singularmente amada a Deus e aos homens, aos quais foi por Cristo dada como Mãe, do alto da cruz²²³:

«Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: “Mulher, eis o teu filho!” Depois, disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E, desde aquela hora, o discípulo colheu-a como sua»²²⁴.

Diferentemente do Coração de Jesus e da sua devoção, o específico do símbolo “Coração de Maria” pode esbater-se. Na verdade, o Coração de Jesus é de imediato o

²²¹ *Memórias I* 121, 177, 208.

²²² Jo 19, 34.

²²³ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 297.

²²⁴ Jo 19, 26 – 27.

símbolo do amor divino do Filho de Deus ao Pai e aos homens; mas por outro lado e em particular, é também o símbolo do amor criatural da humanidade de Jesus, que se exerce de dois modos: como força sobrenatural e espiritual e também como emoção e movimento sensível do “irmão Jesus” aos seus irmãos. O Coração de Jesus é, desta forma, símbolo de um tríplice amor.

Por sua vez, o Coração de Maria só pode ser símbolo de um duplo amor: do amor sobrenatural-espiritual, com que ela foi amada por Deus e com que amou Deus e os homens, e ainda do amor maternal-natural, com que ela se dedicou e com que permanece votada ao seu Filho e aos homens. Por isso, assim como no Coração de Jesus se condensa todo o mistério de Cristo, assim também no coração de Maria se encerra todo o mistério mariano²²⁵. Os dois mistérios inserem-se, ambos, na ordem da redenção, estando o segundo inserido e subordinado ao primeiro, tal como o amor e o sofrimento de Maria estiveram inseridos e subordinados ao amor e ao sofrimento de Cristo²²⁶.

O símbolo do Coração de Maria é apenas uma outra expressão para a pessoa de Maria, mas captada a partir da sua fundura mais íntima e do seu centro unitário. O Coração de Maria é, pois, em primeiro lugar, um símbolo de que a Mãe de Jesus concebeu e aceitou o seu Filho em total amor e entrega, no seu *fiat* sem reservas: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.»²²⁷

Como afirma a tradição patrística, Maria concebeu mais com o coração do que no corpo. Isto pretende mostrar a profundidade, a totalidade, a radicalidade e a interioridade do laço entre a Mãe e o Filho, que se fez presente, não apenas no nascimento, mas persistiu até aos pés da cruz²²⁸. Por isso, o coração simboliza ainda o sacrifício que Maria, na sua vida, ofereceu a Cristo e que se inseriu no sacrifício de Cristo. A profundidade e a intensidade da união de Maria com Cristo e com a sua obra no coração da Mãe de Deus esclarecem também a noção de que Maria pôde ser afectada pelas injúrias e afrontas feitas ao seu Filho²²⁹.

As palavras de Simeão a Maria, de que uma espada de dor trespassaria a sua alma²³⁰, e que se cumpriram aos pés da cruz, afirmam que a unidade de Maria com o Filho não era só a do mais profundo amor mas que se mostrava e se confirmava também no sofrimento. Ao contemplar este coração amoroso e sofredor da Mãe, pode

²²⁵ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima*, 298.

²²⁶ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima*, 298.

²²⁷ Lc 1, 38.

²²⁸ Cf. Jo 19, 25ss.

²²⁹ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 298.

²³⁰ Cf. Lc 2, 34 – 35.

compreender-se o que Pio XII afirma sobre o papel da Virgem Maria na obra da redenção:

«Foi vontade de Deus que, na obra da redenção humana, a Santíssima Virgem Maria estivesse inseparavelmente unida a Jesus Cristo; tanto que a nossa salvação é fruto da caridade de Jesus Cristo e dos seus padecimentos, aos quais foram intimamente associados o amor e as dores de sua Mãe»²³¹.

A Mensagem de Fátima e a precedente e subsequente liturgia juntam e acentuam expressamente o Coração de Maria com a característica de “Imaculado”. Refere-se, com efeito, a devoção ao “Coração Imaculado de Maria”.

Esta propriedade confere ao símbolo do coração um novo significado, que se conjuga mais com a virgindade de Maria do que com a sua maternidade²³². O ser imaculado aponta para a intocabilidade virginal, para a ausência original de mácula e para a profunda pureza da disposição íntima de Maria. A tradição da época patrística equiparou a virgindade à imperturbabilidade e integridade da verdadeira fé, de tal forma que Maria, com Virgem Imaculada, era tida como protótipo e modelo de fé imperturbável, inequívoca e sem extravio. O mesmo aconteceu com a própria Igreja, que foi caracterizada com virgem e esposa devido à sua pureza e incontaminação, manifestada na verdadeira fé. Fé como firmeza inquebrantável na verdade, mas também como concomitante disposição interior de obediência, de fidelidade e de confiança²³³.

Por isso, enquanto o coração amoroso nos fala da profundidade, da totalidade e da radicalidade do vínculo entre Cristo e sua Mãe no ser e na acção, o ser imaculado aponta para a limpidez mais íntima, para a pureza graciosa e para a fidelidade incólume e inocente deste vínculo. Unem-se pois os dois elementos como origem e desdobramento, como fonte da luz e irradiação luminosa²³⁴.

A Mensagem de Fátima, no seu conjunto e no *Segredo* em particular, ao recomendar a veneração do Coração Imaculado de Maria, encaminha-nos para o cerne e a essência do mistério de Cristo e do mistério mariano e para a íntima conexão entre ambos. Esta devoção não é, assim, mais uma entre as outras de cariz mariano, já que o apelo que parte deste Coração e há-de ser respondido por outro coração introduz na

²³¹ PIO XII, *Haurietis Aquas* 74 in *Actae Apostolicae Sedis* 48 (1956) 352.

²³² Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 299.

²³³ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 299.

²³⁴ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 299.

devoção mariana novos elementos, novas cores e matizes, equipando-os, por assim dizer, de “tons cordiais”²³⁵.

Esta devoção ganha, por isso, uma nova força de interioridade, de disposição interior e de veracidade, em contraste com os exercícios meramente externos nos quais muitas devoções marianas correm frequente mente o risco de cair. Onde o homem responde à abertura do Coração de Maria, esta resposta deve também nascer do seu coração, ou seja, há-de provir da essência do homem, crescer a partir da convicção mais íntima e expandir-se na disposição mais pura²³⁶.

«Se a resposta “vem do coração”, então “dirigir-se-á também ao coração”, ou seja, ao coração de Maria. Mas isto indica que a veneração da Mãe de Deus pelos cristãos deve ir ao essencial do mistério mariano e do mistério de Cristo. Não se fixará no secundário e no acessório, também não se dirigirá exclusivamente à satisfação de desejos pessoais (embora a petição correcta pertença sempre à devoção religiosa). Endereçada ao Coração de Maria, a devoção mariana ater-se-á, antes de mais, ao que encheu o coração da própria Mãe de Deus: a glorificação de Deus pelo serviço e empenho na redenção da humanidade»²³⁷.

A verdadeira devoção mariana aponta, desta forma, para a celebração e exaltação do mistério do amor de Deus e do amor dos homens. Só uma devoção assim, em espírito e verdade, suscitará no cristão um espírito de pureza interior, de veracidade e de sinceridade, adquirirá, objectiva e exteriormente, um movimento seguro e entrará num caminho recto, em direcção ao centro²³⁸.

A devoção mariana não consiste pois na autorrealização do homem, posta em primeiro plano e de forma unilateral, que com facilidade se pode transformar num egoísmo refinado. É antes uma autoalienação e um abandono de si no amor que se dirige ao coração de Maria e, por fim, ao Coração do Redentor²³⁹.

A Mensagem de Fátima fortifica este amor a Maria, que de si mesmo se desapropria, já a mesma realça o factor real do sofrimento e da dor. Os espinhos que o rodeiam, perceptíveis na visão de 13 de Junho²⁴⁰, são símbolo de um amor abnegado indissolivelmente ligado à dor e ao sofrimento. O coração entende-se, com efeito, como

²³⁵ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 300.

²³⁶ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 300.

²³⁷ L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 300.

²³⁸ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 300, 301.

²³⁹ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 301.

²⁴⁰ Cf. *Memórias I* 175, 176.

o órgão da sensibilidade mais fina pelo sofrimento e da capacidade mais íntima de sofrer. Todo o amor verdadeiro, proveniente do coração, deve ser pois um amor muito sofrido, como o foi em Maria, que trinfou com a espada no coração. “Ser amado por Deus e amar Deus é sofrer”, afirmava Kierkegaard; um sofrimento que não se busca a si mesmo numa mística do sofrimento, mas antes se aceita como elemento do sacrifício e da expiação. O sofrimento aceite no coração e por amor, como acontece em Cristo e em Maria, pode reparar os pecados, ou seja, inverte-los e transformá-los em graça²⁴¹.

«Por isso, a “mensagem do coração”, própria de Fátima, acaba por se unir à “mensagem da reparação”, que brota deste “lugar universal de reparação”»²⁴².

3.2.2.2 – A atitude de reparação pedida no Segredo

Para além destas ideias profundas da fé sobre o significado da expiação, realizável precisamente no culto da Coração Imaculado de Maria, a Mensagem de Fátima, especificamente partindo da terceira aparição, contém também instruções sobre a realização concreta deste culto na vida religiosa dos crentes. São eles a comunhão reparadora no primeiro Sábado de cada mês e o acto particular de Consagração da Rússia ao mesmo Coração²⁴³. As aparições a Lúcia posteriores a 1917, que formam o denominado *ciclo cordi-mariano* de aparições, recomendam o complemento destas formas pela prática dos *cinco primeiros sábados*, posta em relevo por meio da penitência e da comunhão, da recitação do terço e da meditação dos mistérios do Rosário.

Denominado por *Texto da grande promessa do Coração de Maria*, o documento que de seguida apresentamos numa das suas partes foi escrito por Lúcia, em Pontevedra, nos finais de 1927, por ordem do seu director espiritual. Pouco tempo depois de ter tido uma aparição da Virgem e do Menino Jesus, no dia 10 de Dezembro de 1925, redigiu um primeiro escrito, depois destruído por ela própria. O texto que transcrevemos constitui portanto parte da segunda redacção, exactamente igual à primeira, com excepção do parágrafo introdutório, não transcrito, referente a 17 de Dezembro de 1927

²⁴¹ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 302.

²⁴² L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 302.

²⁴³ *Memórias I* 177.

e no qual a vidente explica como recebeu autorização do Céu para dar a conhecer parte do *Segredo*.

Nesse documento, a descrição da aparição de 10 de Outubro de 1925 menciona a Virgem pondo no ombro do Menino Jesus a sua mão e mostrando na outra um coração cercado de espinhos:

«Em seguida, disse a SS. Virgem:

- Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me consolar e diz que todos aqueles que durante 5 meses, ao 1º sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando os 15 mistérios do Rosário, com o fim de Me desagrar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas»²⁴⁴.

Surge aqui a noção de que se há-de levar a cabo a reparação pelos sofrimentos causados a Maria, que aparece como a primeira endereçada dessa satisfação, por meio do qual o devoto mariano afectuará uma reparação à honra ferida de Maria. Importa pois esclarecer que a devoção mariana não se detém em Maria, mas se estende a Cristo e a Deus, sobretudo no que diz respeito às acções de satisfação e de reparação. Com efeito «dirige-se ao Senhor o que se consagra à serva; extravasa para o Filho o que se dispensa à Mãe»²⁴⁵. Isto acontece especialmente na reparação das ofensas feitas a Maria. Como pecados, elas dirigem-se, em última análise, contra Jesus Cristo e contra Deus, que fez de Maria a imagem mais perfeita da sua santidade e da sua graça entre os filhos de Adão e a chamou a ser colaboradora da redenção.

Desta forma, também a reparação dirigida a Maria, como é o caso, se encaminha ultimamente para Deus e para o seu Filho humanado, tal como resulta e é realizada por Cristo e pela sua obra redentora. O homem, apenas com as suas próprias forças, não pode reparar e satisfazer pelos pecados, mas só no assentimento à obra redentora de Jesus Cristo e bebendo nesta obra a sua força. Assim, a acção reparadora perante Maria leva-se a cabo através da aceitação do sofrimento redentor de Cristo, e visa, por sua vez, uma conformidade mais íntima com Cristo para a intensificação da sua obra redentora no mundo, sempre através da mediação de Maria e com a solicitação da sua posição de medianeira perante o Filho²⁴⁶.

²⁴⁴ *Memórias I* 191, 192.

²⁴⁵ ILDEFONSO DE TOLEDO, *De virginitate perpetua sanctae Mariae adversus tres infideles*, 12 cit. por L. SCHEFFCZYK, 302, 303.

²⁴⁶ Cf. L. SCHEFFCZYK, *A mensagem de paz de Fátima* 303.

Neste texto em que Lúcia recorda e transcreve o pedido da Virgem e a *grande promessa*, nota-se uma pedagogia de santidade, através de um método extremamente simples e universal, sem aristocracias. Indica-se cuidadosamente o método, os objectivos, as condições e os meios para os alcançar, que são apenas e só reparar, num acto de pura gratuidade e de puro amor²⁴⁷. Esta gratuidade pura dos objectivos torna assim este método eficaz, pois não pretendem alcançar nenhuma graça ou favor, mas simplesmente desagravar.

A celebração dos cinco primeiros sábados é expressão desta pedagogia da simplicidade, na indicação de um caminho simples para a santidade, como forma de alcançar e de praticar, através de exercícios muito acessíveis, o puro amor, onde reside deveras a condição e a novidade fundamentais da reparação. Este dar sem medida e sem nada esperar em troca, a não ser a felicidade da gratuidade de quem se dá e de quem verdadeiramente ama, é a essência da reparação e do desagravo, da consolação de Deus, pedida pelo Anjo²⁴⁸.

Em última análise, a reparação não consiste propriamente em aplacar um Deus irado e pronto a castigar, porque «Deus é amor»²⁴⁹, a sua justiça consiste em acolher misericordiosamente todos os pecadores para os introduzir numa comunhão de amor com Ele²⁵⁰. Tal realidade não impede contudo que os fiéis, seguindo a Cristo Redentor, se tornem disponíveis a reparar, impelidos pelo amor, criando um “contrapeso” à força do mal, como refere o Papa Bento XVI:

«Parece-me que devemos ir ao fundo da questão, chegar ao próprio Senhor que ofereceu a reparação pelo pecado do mundo e procurar reparar: digamos, colocar equilíbrio entre o *plus* do mal e o *plus* do bem. Assim, na balança do mundo, não devemos deixar este grande *plus* no negativo, mas fornecer um peso pelo menos equivalente ao bem. Esta ideia fundamental apoia-se sobretudo no que Cristo fez. Este, pelo que posso entender, é o sentido do sacrifício eucarístico.

Contra este grande peso do mal que existe no mundo e que o lança para baixo, o Senhor coloca um outro peso maior, o do amor infinito que entra neste mundo. Este é o ponto importante: Deus é sempre o bem absoluto, mas este bem absoluto entra mesmo no jogo da história; Cristo torna-se presente aqui e sofre o mal até ao fim, criando assim um contrapeso de valor absoluto.

²⁴⁷ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* (Lisboa: Paulinas 2010) 76.

²⁴⁸ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 76, 77.

²⁴⁹ 1Jo 4, 8. 16.

²⁵⁰ Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 53.

O *plus* do mal, que existe sempre se virmos só empiricamente as proporções, é superado pelo *plus* imenso do bem, do sofrimento do Filho de Deus. Neste sentido, existe a reparação, que é necessária»²⁵¹.

Ao consolar Deus, Jesus e Maria, recorde-se que são Eles, cada um no seu nível, os consoladores da humanidade; por isso, os fiéis podem compadecer-se e consolar com a consolação que eles mesmos recebem de Deus²⁵². Com efeito, a Igreja é reparadora enquanto chamada a desempenhar um papel reparador. É de capital importância, a este respeito, uma passagem da carta aos Colossenses em que S. Paulo descreve a sua missão de servo da Palavra, que aceita sofrer com alegria pela comunidade eclesial:

«Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja»²⁵³.

O Apóstolo não pretende aqui acrescentar alguma coisa ao valor propriamente redentor da cruz, a que nada poderia faltar, já que Cristo cumpriu o acto redentor dos homens de modo perfeito²⁵⁴. No entanto, associa-se aos padecimentos ligados ao «sangue da cruz» e à «morte do seu corpo de carne», pelo que Santo Agostinho pôde afirmar que Jesus sofreu para estabelecer o Reino de Deus e todos aqueles que estão comprometidos na sua obra devem partilhar os seus sofrimentos²⁵⁵.

Sendo incompreensível fora da perspectiva cristológica da qual assume valor salvífico, é necessário desligar a reparação de um contexto simplesmente devocional, que a vive como um acto de generosidade. Actualmente, a antropologia, superando a visão egocêntrica da pessoa, abre-se ao relacional, isto é, à relação necessária com os outros numa atitude de solidariedade e de subsidiariedade. A reparação do mal que se encontra na conduta humana é um comportamento consequencial dos seres humanos intimamente unidos entre si²⁵⁶.

«Neste contexto os pastorinhos de Fátima, pela coerência com que fizeram a vontade da branca Senhora e se sacrificaram heroicamente pelos pecadores, mostram-se como protótipos de uma humanidade que não gira sobre si

²⁵¹ BENTO XVI, *Ad parochos et ad clerum Romanae diocesis, die 22 Februarii 2007*, in *Actae Apostolicae Sedis* 99 (2007) 279.

²⁵² Cf. 2Cor 1, 4.

²⁵³ Cl 1, 24.

²⁵⁴ Cf. Cl 1, 14. 20. 22; Ef 1, 7. 14 – 18; Hb 7, 27.

²⁵⁵ Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 55.

²⁵⁶ Cf. S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima*. 55, 56.

mesma, mas que alcança a sua verdadeira estatura na preexistência. Lúcia, Francisco e Jacinta solidarizam-se com os outros, especialmente com os mais infelizes e pecadores, e tomam sobre si os seus limites e pecados, por amor. Sim, o amor é necessário, senão cai-se no dolorismo. Mas não é o caso dos pastorinhos, que se sacrificam pelos pecados movidos pelo amor a Jesus e por eles. Não se pode compreender as suas mortificações e penitências fora do espírito de *reparação*, que por sua vez pressupõe a vida como *ser-para-os-outros*»²⁵⁷.

3.2.2.3 – Consagração da Rússia

«Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração...»²⁵⁸.

É este o pedido da Virgem em relação àquela nação, com vista à conversão dos seus erros, seguindo-se então a paz no mundo, como efeito condicionado.

Lúcia escreve ainda acerca das revelações recebidas em Tuy, Espanha, a 13 de Junho de 1929, nas quais a Virgem, numa visão em que aparece intimamente associada ao mistério da Santíssima Trindade²⁵⁹, lhe indica o momento propício para a consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração:

«Depois Nossa Senhora disse-me:

- É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os Bispos do mundo, a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, prometendo salvá-la por este meio. São tantas as almas que a Justiça de Deus condena por pecados contra Mim cometidos que venho pedir reparação: sacrifica-te por esta intensão e ora.

Dei conta disto ao Confessor que me mandou escrever o que Nossa Senhora queria que fizesse, queixando-se:

- Não quiseram atender ao meu pedido!... Como o rei de França, arrepende-se-ão e fá-la-ão, mas será tarde. A Rússia terá já espalhado os seus erros pelo mundo, provocando guerras, perseguições à Igreja: O Santo Padre terá muito que sofrer»²⁶⁰.

São estes os textos fundamentais onde aparece referida a Rússia. Escritos tantos anos mais tarde, é legítimo perguntar se os acontecimentos contemporâneos da escrita não influenciaram a narração do que guardava no seu coração das palavras da Virgem. É de facto muito natural que os acontecimentos históricos recentes tenham ajudado a

²⁵⁷ S. DE FIORES, *O Segredo de Fátima* 56.

²⁵⁸ Cf. *Memórias I* 122, 177.

²⁵⁹ Cf. *Memórias I* 195.

²⁶⁰ *Memórias I* 195, 196.

compreender e a reinterpretar a mensagem interior gravada no coração. Contudo, é notória uma coerência e fidelidade ao essencial da mensagem por parte de Lúcia, nas diversas descrições que vai fazendo²⁶¹.

Um dos aspectos mais interessantes da Mensagem de Fátima é pois o apelo à coresponsabilidade cristã face a uma situação de perigo extremo para a humanidade. A menção explícita da Rússia, como objecto principal da consagração, não permite qualquer leitura reducionista ou política:

«Fátima não pode ser bandeira arvorada contra ninguém. Também o livro do Apocalipse fala de Roma sob as imagens da prostituta e da besta, porque os judeus viam no imperador romano a expressão do poder do Maligno. Hoje sabemos que o Império Romano, seu sistema económico e político. Era símbolo de todas as opressões que podem vexar o Povo de Deus. Além do comunismo ateu, outros males afligem a Igreja e contrariam o projecto de Deus sobre a Humanidade»²⁶².

Uma consagração colectiva funda-se na índole comunitária da salvação e na mediação dos responsáveis. Na Igreja, vigora o princípio da solidariedade que une entre si os homens. Ao querer os homens como seres sociais, Deus aceita que uns representem os outros, o que possibilita que o Papa e os sucessores dos Apóstolos tomem iniciativas oportunas para bem dos fiéis²⁶³. Assim, a consagração do mundo pelo Papa, de uma diocese pelo seu bispo, de uma nação pelos seus magistrados, de uma criança pelos seus pais, faz-se pela mediação de pessoas que têm um “poder”, uma responsabilidade face àqueles que consagram. Este poder, em última instância conferido por Deus, exercem-no como um serviço àqueles que lhes foram confiados. Com efeito, o melhor serviço é este reconhecimento da pertença dessas pessoas ou do mundo inteiro a Deus, mediante o acto de consagração²⁶⁴.

Feita pelos pastores da Igreja, a consagração significa também o reconhecimento do valor universal da Redenção, de que toda a criatura foi remida e orientada para Deus e para a Igreja. Nesta óptica, a consagração é um auxílio que se presta aos membros

²⁶¹ J. POLICARPO, *Fátima, a Paz e a Rússia* in *Fátima e a Paz. Actas do Congresso Internacional sobre Fátima e a Paz no 75º aniversário das aparições* (Santuário de Fátima 1993) 119.

²⁶² A. P. RIBEIRO, *Consagração ao Coração de Maria: uma proposta pastoral à luz de Fátima* in *A Pastoral de Fátima. Actas do I Encontro Internacional sobre a Pastoral de Fátima no 75º aniversário das aparições* (Santuário de Fátima 1993) 189.

²⁶³ Cf. A. P. RIBEIRO, *Consagração ao Coração de Maria* 191.

²⁶⁴ Cf. A. P. RIBEIRO, *Consagração ao Coração de Maria* 191.

efectivos ou aos membros possíveis da comunidade eclesial para viverem com Maria a própria consagração ou vinculação essencial a Deus²⁶⁵.

Além disso, a consagração constitui ainda uma forma de intercessão, um apelo ao dom infinitamente generoso de Cristo que se consagrou a Si mesmo para consagrar consigo todos os homens. Como declarou o Papa João Paulo II, a 25 de março de 1984, «a força desta consagração permanece por todos os tempos e abraça todos os homens, os povos e as nações»²⁶⁶. Intercedendo pelos demais, o orante funciona como representante daqueles a quem está unido na preocupação e no amor. Este gesto de consagração à Virgem Maria pretende invocar sobre os crentes, e também sobre as criaturas inconscientes ou hostis à fé, a graça de viverem a referência a Deus. Não há porque levar a mal que se reze por si próprio, já que a intercessão respeita sempre a liberdade pessoal, e a graça que se implora respeita-a igualmente²⁶⁷.

O compromisso que a consagração reclama é tomado em nome e para bem daqueles que são consagrados e é tomado por aqueles a cujos cuidados pastorais essas pessoas foram entregues: o Papa, os sucessores dos Apóstolos e seus colaboradores. Ao consagrar a Deus o seu rebanho, empenham-se em fazê-lo viver esta consagração, orientando-o pelos caminhos do Evangelho. Esta consagração dos pastores colhe o seu sentido na afirmação de Jesus: «Consagro-me a mim próprio por eles»²⁶⁸.

Assim, quando uma Conferência Episcopal, um bispo ou um pároco consagram um País, uma diocese ou uma paróquia ao Coração Imaculado de Maria, empenham-se, por esse facto, a conduzir os fiéis pelos caminhos da santificação através do Coração da Mãe da Igreja²⁶⁹.

O mesmo acontece com a consagração do mundo, no qual os cristãos, uma vez consagrados, são impelidos, não apenas a santificarem-se a si próprios no mundo, mas também a santificar o próprio mundo. Esta santificação do mundo é, inclusive, uma das componentes essenciais do esforço dos cristãos por se santificarem a si próprios. Toda a santificação parte, com efeito, de uma consagração inicial. O mundo, criado por Deus e consagrado para a Sua glória, deve ser também consagrado pela actividade da Igreja e dos cristãos. Assim, na base desta actividade, actos solenes de consagração aparecem plenamente legítimos. Consagrar é implorar a graça de Deus sobre aquilo que lhe

²⁶⁵ Cf. A. P. RIBEIRO, *Consagração ao Coração de Maria* 191.

²⁶⁶ JOÃO PAULO II, *Acto de Entrega a Nossa Senhora de Fátima* in *L'Osservatoire Romano*, Anno CXXIV, N.72 (37.564).

²⁶⁷ Cf. A. P. RIBEIRO, *Consagração ao Coração de Maria* 191.

²⁶⁸ Jo 17, 19.

²⁶⁹ Cf. A. P. RIBEIRO, *Consagração ao Coração de Maria* 191.

pertence, confessar o Seu domínio soberano sobre as pessoas e confiá-las à sua infinita misericórdia, o que já é glorificá-lo. Trata-se, então, de entregar o mundo às energias santificantes do Espírito Santo e fecundar a acção que os homens aí desenvolvem para o oferecerem e encaminharem a Deus.

Consagrações colectivas, como este caso particular da Rússia, são, desta forma, altamente desejáveis, podendo mesmo ser exigidas pelo próprio Deus, como necessárias à efusão da Sua misericórdia. Tal como em Fátima, esta exigência poderá chegar por via profética²⁷⁰.

Detemo-nos agora no conteúdo essencial da mensagem acerca da Rússia.

O contexto é o da desgraça moral do mundo, através do pecado. Ou haverá uma renovação espiritual e o mundo se volta para Deus, ou Deus castigará o mundo pelos seus pecados. A guerra, a fome e as perseguições à Igreja e ao Santo Padre são concretizações desse castigo de Deus.

O Imaculado Coração de Maria é o meio através do qual Deus deseja realizar essa renovação espiritual do mundo, que trará a paz.

A Rússia aparece, na mensagem, ligada ao castigo e à promessa de salvação. Se a consagração não se realizar, ela espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Quando for consagrada ao Imaculado Coração de Maria, ela converter-se-á e haverá paz e será o triunfo do Imaculado Coração. Parece estar sugerido que a paz não é, aqui, apenas o fim da guerra, mas a instauração do Reino de Deus, ou seja, anuncia-se a paz messiânica e escatológica²⁷¹.

A consagração pedida é concebida através da forma mais solene de Magistério e de colegialidade: o Papa e todos os Bispos católicos com ele, envolvendo, portanto, na sua forma mais solene e mais empenhativa, a Igreja Universal.

Esta solenidade do meio sugere a universalidade planetária do que está em questão, isto é, a salvação do mundo no seu todo. Com efeito, no acto do Colégio Apostólico afirma-se, não apenas a sua autoridade de Magistério sobre os católicos, mas o universal poder salvífico da Igreja sobre a humanidade inteira. Parece claro que o que está em questão na mensagem da Virgem é o destino da humanidade, para a qual a Igreja é sacramento de salvação²⁷².

²⁷⁰ Cf. A. P. RIBEIRO, *Consagração ao Coração de Maria* 191, 192.

²⁷¹ Cf. J. POLICARPO, *Fátima, a Paz e a Rússia* 120.

²⁷² Cf. J. POLICARPO, *Fátima, a Paz e a Rússia* 119, 120.

Importa, à partida, esclarecer que a palavra “Rússia”, no *Segredo*, é tomada não tanto como sistema económico ou político, mas antes como grandeza espiritual, na medida em que aquele sistema faz profissão do ateísmo. É uma espécie de *Civitas Diaboli*:

«As palavras da Virgem, “A Rússia espalhará seus erros pelo mundo” e a convergência dos acontecimentos – em Outubro de 1917 Lenine toma definitivamente o poder, instaurando um sistema materialista ateu – indicam-nos o sentido da palavra “Rússia” na mensagem de Nossa Senhora. Trata-se do sistema doutrinal e político, que inspira o Estado Soviético e que aparece com vocação de universalidade. (...) pela primeira vez na história da humanidade se ergue um sistema ideológico de perversão total das referências culturais e religiosas do homem e da história. Tendo como pano de fundo, como seu contrário, o horizonte bíblico-cristão da compreensão do homem e da história, o marxismo é, na sua génese, a perversão do cristianismo»²⁷³.

Isto porque ao poder criador de Deus e à força do espírito, se contrapõe o dinamismo evolutivo da matéria. O materialismo dialéctico do comunismo é a tentativa absurda de transferir para a matéria as prerrogativas divinas da eternidade, da perfeição infinita e da força criadora. À história da salvação, contrapõe-se então a dialéctica histórica da luta de classes. À mensagem doutrinal e dogmática decantada pela Tradição e interpretada pelo Magistério, contrapõe-se a interpretação contínua da revolução, feita pelo partido dirigente, que passa a definir o dogma e a ser a única instância de Magistério infalível. A um paraíso escatológico, de «novos céus e nova terra»²⁷⁴, que será a nova criação de Deus para além deste tempo e desta história, contrapõe-se uma “sociedade sem classes”, apenas fruto da dialéctica revolucionária e da própria luta de classes²⁷⁵.

«Ao longo da história da humanidade sempre houve quem não acreditasse em Deus: já o salmista se lamenta que “o ímpio diz no seu coração: Deus não existe”. Mas um ateísmo sistemático e pretensamente científico, que não se limita à negação pontual de Deus, propõe a alteração radical do próprio sentido do homem, da sociedade e da história, concebidos sem Deus, nunca a humanidade se tinha, até então, confrontado com tal ousadia. É a perversão radical da história da salvação e das estruturas culturais que deram sentido à história da humanidade»²⁷⁶.

²⁷³ J. POLICARPO, *Fátima, a Paz e a Rússia* 121.

²⁷⁴ 2Pe, 3, 13.

²⁷⁵ Cf. J. POLICARPO, *Fátima, a Paz e a Rússia* 121, 122.

²⁷⁶ J. POLICARPO, *Fátima, a Paz e a Rússia* 122.

Esta ousadia ateia e materialista traduz-se em estrutura de Estado na Rússia a partir de Outubro de 1917, e apresenta-se com vocação de universalidade, subjugando o próprio povo russo a esse projecto da revolução universal. É esta “Rússia” que se refere Nossa Senhora na Cova da Iria, e que tem pouco a ver com o povo russo, com as Igrejas russas. A esta “Rússia”, espécie de “Leviathan”, pertencem todos aqueles que aderiram a esse sistema perverso ou que por ele se deixaram corromper.

Com efeito, a Virgem em Fátima nunca fala em “comunismo” mas apenas em “Rússia”. O que Ela denuncia profeticamente nesse país são os seus erros e as nefastas consequências do seu ateísmo, isto é, as suas perseguições religiosas e o seu expansionismo ideológico-espiritual. Perante esta potência espiritual, chamada “Rússia”, Maria fala, não de destruição, mas de conversão, apelando a que não odeiem nem combatam esse país, mas o entreguem ao seu Coração maternal.

É assim impossível acusar Fátima de induzir a uma “cruzada” anti-comunista, que seria contraditória com o espírito central da sua mensagem, que recomenda o amor sacrificial e a intercessão insistente em favor dos pecadores. Tal posição pode ser constatada logo na primeira aparição:

«Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele vos quiser enviar, em acto de reparação pelos pecadores com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»²⁷⁷.

A mesma atitude de compaixão se manifesta na quarta aparição, de 19 de Agosto de 1917, em que a Virgem insiste:

«Rezai, rezai muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas»²⁷⁸.

Compreende-se então que Fátima se situa a um nível histórico-salvífico e não histórico-político:

«O discurso aqui é evidentemente religioso, não político. Portanto, *prima facie*, “Rússia” aparece como realidade espiritual, concretamente, uma entidade materialista e ateia. Tais seriam os seus “erros”, erros que ela busca «espalhar pelo mundo» através de “guerras e perseguições à Igreja”. E é disso que ela deve “converter-se”; tal é a leitura à primeira vista mais serena

²⁷⁷ *Memórias I* 173, 174.

²⁷⁸ *Memórias I* 179.

da mensagem profética. Aqui, “Rússia” = Comunismo = Ateísmo; portanto, Fátima = Anti-ateísmo»²⁷⁹.

Toda a questão, em teologia, é saber qual a interpretação legítima de Fátima e qual a puramente ideológica, isto é, manipulada. Neste sentido a Igreja assumiu uma posição legítima, respeitando a mensagem religiosa originária no seu critério. Pelo contrário, as interpretações sociais que passam ao largo da mensagem espiritual fontal, são evidentemente manipuladoras e, portanto, ilegítimas. Este foi o uso ideológico, ou melhor, o abuso que sofreu Fátima, seja nas mãos das forças que a ela apelavam para defender o capitalismo, seja nas mãos dos que, caindo no engodo dos primeiros, a acusavam de ser anticomunista²⁸⁰.

3.2.2.4 – *Portugal no Segredo*

A referência da Mensagem a Portugal é difícil de esclarecer. O tema aponta, no entanto, para uma missão histórica de tipo profético e missionário, nomeadamente no que diz respeito à presença do catolicismo como elemento fundamental e constitutivo da nação portuguesa: «Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé».

Alheio a este tema não está pois a questão da alegada “laicidade do Estado”, que assume tons claramente persecutórios, pelo menos a partir dos finais do século XX, com renovada intensidade em França, e igual invasão nos países latinos, de tradição essencialmente católica.

Na perspectiva de J. Farias, esta referência a Portugal no *Segredo* representa assim uma promessa de esperança, uma interpelação a uma vocação missionária, indicando à partida a lógica do sacrifício, da provação e da cruz, com uma nota especificamente reparadora²⁸¹. Esta acentuação está explicitamente presente no tipo de orações ensinadas pelo Anjo de Portugal aos Pastorinhos, *Meu Deus, eu creio...*²⁸² e *Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo...*²⁸³, onde está bem presente uma atitude de reparação e de pedido de perdão.

²⁷⁹ CL. BOFF, *Fátima: a mais política das aparições marianas in Mensagem de Esperança para o Mundo: Acontecimento e Significado de Fátima* (Santuário de Fátima 2012) 196.

²⁸⁰ Cf. CL. BOFF, *Fátima: a mais política das aparições marianas* 196, 197.

²⁸¹ Cf. J. FARIAS, *Segredo*, in C. AZEVEDO – L. CRISTINO (coord.), *Enciclopédia de Fátima* (Estoril: Principia 2007) 526.

²⁸² Cf. *Memórias I* 169.

²⁸³ Cf. *Memórias I* 170, 171.

Esta consciência profética e de missão estará assim inscrita na história do povo português em especial, e deve relevar-se em tempos de crise como os do passado e os actuais. Esta vocação revela-se então como uma graça, mas também como uma grande responsabilidade, sempre a ser rezada e reflectida²⁸⁴.

Estão intimamente ligados o triunfo do Coração Imaculado de Maria, a que faz referência a Mensagem, e o sentido de uma missão como comunidade ou comunidades cristãs que devem fermentar a consciência cristã e missionária de um povo. Na verdade, o triunfo deste Coração Imaculado há-de ser acima de tudo um triunfo nos corações, que depois irradiará como fermentação de um novo modo de ser e de estar, renovando por dentro a sociedade, portuguesa ou outra, nas suas dimensões cívica, económica e política²⁸⁵.

3.3 – A terceira parte do *Segredo*

Revelada ao mundo a 13 de Maio de 2000, nas celebrações da peregrinação aniversária e da Beatificação de Francisco e Jacinta presididas por João Paulo II, no Santuário da Cova da Iria, a terceira parte do *Segredo* de Fátima fora escrita em Tuy por Lúcia a 3 de Janeiro de 1944, a pedido do Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva.

Existe apenas um manuscrito com a descrição desta visão, que primeiramente foi selado em envelope e guardado pelo Bispo de Leiria. Para melhor se tutelar, o texto foi posteriormente entregue ao Arquivo Secreto do Santo Ofício, no dia 4 de Abril de 1957, tendo o Papa João XXIII tomado conhecimento e decidido não revelar o conteúdo. A mesma decisão tomou Paulo VI.

João Paulo II, por sua vez, pediu o envelope após o atentado de 13 de Maio de 1981, que caracterizou como «grande prova divina»²⁸⁶, e pensou imediatamente na consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, compondo ele mesmo uma oração para o designado *Acto de entrega*. Este viria a ser explicitamente realizado a 13

²⁸⁴ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 80.

²⁸⁵ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 80, 81.

²⁸⁶ JOÃO PAULO II, *Audiência Geral de 14 de Outubro de 1981* in *L'Osservatore Romano*, Anno CXXI, N.238 (36.822) 1.

de Maio de 1982 em Fátima²⁸⁷, durante o Ano Santo da Redenção, e a 25 de Março de 1984, em união espiritual com todos os Bispos do mundo precedentemente convocados²⁸⁸. Esta última consagração foi pessoalmente confirmada por Lúcia como definitiva.

A 27 de Abril de 2000, em colóquio com o cardeal Tarcisio Bertone, então Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, à qual ficou confiada a interpretação e publicação do documento, Lúcia mostra o seu acordo com a interpretação segundo a qual a terceira parte do *Segredo* consiste numa visão profética, comparável às da história sagrada. Reafirma ainda a sua convicção de que a visão de Fátima se refere sobretudo à luta do comunismo ateu contra a Igreja e os cristãos e descreve o imane sofrimento das vítimas da fé no século XX²⁸⁹.

3.3.1 – A visão profética

O texto que em seguida transcrevemos, denominado de “terceira parte do *Segredo* de Fátima”, constitui uma visão profética comparável às da Sagrada Escritura, que não descrevem de forma fotográfica os detalhes dos acontecimentos futuros, mas sintetizam e condensam sobre a mesma linha de fundo factos que se prolongam no tempo numa sucessão e duração e duração não especificadas. Em consequência, a chave de leitura do texto só pode ser de carácter simbólico²⁹⁰.

A descrição feita por Lúcia da visão apresentada pela Virgem é a seguinte:

«Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda, ao centilar, despedia chamas que parecia iam encendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos n’uma luz emensa que é Deus: “algo semelhante a como se vêem as pessoas n’um espelho quando lhe passam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro

²⁸⁷ JOÃO PAULO II, *Acto de Entrega a Nossa Senhora de Fátima* in *L’Osservatoire Romano*, Anno CXXII, N.111 (36.996) 2.

²⁸⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *Acto de Entrega a Nossa Senhora de Fátima* in *L’Osservatoire Romano*, Anno CXXIV, N.72 (37.564) 6.

²⁸⁹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* in IRMÃ LÚCIA, *Memórias I – Apêndice III (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2006¹²)* 216.

²⁹⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* 218.

com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dôr e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de juelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'êles recolhiam o sangue dos Martires e com êle regavam as almas que se aproximavam de Deus»²⁹¹.

Neste quadro, está pois patente a “via-sacra” sem fim da Igreja, guiada pelos Papas do século XX. O «Bispo vestido de branco», que reza por todos os fiéis, é o Papa, que caminhando penosamente para a cruz por entre os cadáveres dos martirizados (bispos, sacerdotes, religiosos e várias pessoas seculares), cai por terra sob os tiros de uma arma de fogo²⁹².

Este martírio descrito, como interpreta Lúcia em 1982²⁹³, tem relação com as palavras da Virgem:

«Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas (...)»²⁹⁴.

Para a vidente, é claro que, por não se ter atendido a este apelo da Mensagem, se verifica que a mesma se tem cumprido: a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros e a consumação deste cenário parece estar cada vez mais próxima, se o mundo não recuar no caminho do pecado, do ódio, da vingança, da injustiça, atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência. No exercício da sua liberdade, os homens são responsáveis pelos seus erros, preparando eles próprios o castigo de Deus²⁹⁵.

Como refere J. Farias, a advertência aqui presente assume especial seriedade e gravidade:

«O risco para a humanidade no seu todo que o materialismo ateu, assumido como sistema político, social, moral e económico, representava e representa,

²⁹¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* 213.

²⁹² Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* 218.

²⁹³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* 203.

²⁹⁴ *Memórias I* 122.

²⁹⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* 203.

e o alerta, a chamada muito séria de atenção para as consciências, que o sucesso da própria existência não está à partida garantido, e o homem – quer acredite quer não – não deve esquecer que, em última instância, será confrontado com o único que é juiz da história, e que, portanto, quem decide o que é bem ou que é mal, o que seja a vida e a morte, não é o homem, mas Deus»²⁹⁶.

Este alerta continua bem pertinente nos nossos dias. Na verdade, os ataques contra a Igreja e o sofrimento que eles provocam ainda não cessaram. Embora os acontecimentos a que esta terceira parte do *Segredo* faz referência pareçam pertencer já ao passado, o apelo à conversão e à penitência, manifestado por Nossa Senhora no início do século passado, conserva ainda hoje uma estimulante actualidade, como afirma João Paulo II:

«A Senhora da Mensagem parece ler com uma perspicácia singular os sinais dos tempos, os sinais do nosso tempo. (...) O convite insistente de Maria Santíssima à penitência não é senão a manifestação da sua solicitude materna pelos destinos da família humana, necessitada de conversão e de perdão»²⁹⁷.

Neste sentido, Fátima revela-se uma grande graça, pelo apelo premente à conversão e à penitência, «mas também é juízo para quem não lhe prestar atenção, porque o sentido último da nossa existência não está nas nossas mãos e pouco adianta fechar os olhos ou enterrar a cabeça na areia, segundo a lógica da avestruz: o risco de perdição total para cada um de nós e para a sociedade, no seu conjunto, é muito real, como é real do ponto de vista político, económico e social, nestes dias que correm»²⁹⁸.

3.3.2 – *Interpretação da Igreja*

Aquando da sua revelação, o texto da terceira parte do *Segredo* é teologicamente analisado pelo então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal Joseph Ratzinger, tendo como assegurada a plena concordância de Lúcia.

Depois de uma breve referência às duas partes anteriores, o cardeal afirma que, do mesmo modo que se tinha identificado, como palavras-chave das outras partes, a expressão “salvar as almas”, agora é o tríplice grito “Penitência, Penitência, Penitência”

²⁹⁶ J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 48, 49.

²⁹⁷ JOÃO PAULO II, *Mensagem para o V Dia Mundial do Enfermo (11 de Fevereiro de 1997)* in *L'Osservatoire Romano*, Anno CXXXVI, N.252 (41.391) 10.

²⁹⁸ J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 49.

que aparece como palavra-chave. Uma verdadeira percepção dos sinais dos tempos leva necessariamente a uma compreensão da urgência da penitência, da conversão e da fé, numa época caracterizada por grandes perigos, delineados nas sucessivas imagens da visão.

De facto, como considera J. Farias, o texto do *Segredo*, pertence ao género literário profético-apocalíptico, cuja relação estrutural e matricial com a linguagem do Apocalipse joanino é impressionantemente sugestiva:

«Ele oferece-nos uma leitura profética da trajectória dramática deste século, o mais sangrento da história da humanidade, como subida à montanha do calvário, os “infernos” da história, onde tem sido derramado o sangue dos inocentes, multidão incontável formada por filhos da Igreja e por homens de todas as condições, inclusive um homem vestido de branco, que é baleado. O facto de ter sido escrito nos anos da maturidade da vidente não significa que não seja autêntico, mas sim resultado de um processo da memória espiritual como interiorização de uma vivência, que ocorre precisamente no início dos acontecimentos (...)»²⁹⁹.

As diversas imagens surgidas na visão remetem com efeito para o Apocalipse, nomeadamente o anjo com a espada de fogo à esquerda da Mãe de Deus. Ele representa a ameaça do juízo que pende sobre o mundo, já não tão longe do cenário de devastação, uma vez que o homem preparou, ele próprio, a espada de fogo.

De seguida, a visão mostra a força que se opõe ao poder da destruição: o brilho da Mãe de Deus e, de certo modo proveniente do mesmo, o apelo à penitência. Sublinha-se assim, na óptica de J. Ratzinger, a importância da liberdade do homem, cujo futuro não está determinado imutavelmente:

«Na realidade, toda a visão acontece só para chamar em campo a liberdade e orientá-la numa direcção positiva. O sentido da visão não é portanto, o de mostrar um filme sobre o futuro, já fixo irremediavelmente; mas exactamente o contrário: o seu sentido é mobilizar as forças da mudança em bem. (...) A visão fala sobretudo de perigos e do caminho para salvar-se deles»³⁰⁰.

A confirmar o carácter simbólico da visão, vêm as frases seguintes do texto do *Segredo*, que dão conta da «luz imensa que é Deus» e que está para além de qualquer

²⁹⁹ J. FARIAS, *A revelação da 3ª parte do “Segredo” de Fátima: breves considerações teológicas*, in L. GUERRA (Org.), *O “Segredo” de Fátima* (Fátima: Reitoria do Santuário de Fátima 2004) 9.

³⁰⁰ J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, in CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* in IRMÃ LÚCIA, *Memórias I – Apêndice III* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2006¹²) 229.

visão humana. As pessoas são vistas como que «num espelho de maneira confusa»³⁰¹, na natural limitação inerente à visão, cujos confins se indicam explicitamente.

O lugar da acção é seguidamente descrito com três símbolos: uma montanha íngreme, uma grande cidade meia em ruínas e finalmente uma grande cruz de troncos toscos:

«A montanha e a cidade simbolizam o lugar da história humana: a história como árdua subida para o alto, a história como lugar da criatividade e convivência humana e simultaneamente de destruições pelas quais o homem aniquila a obra do seu próprio trabalho. A cidade pode ser lugar de comunhão e progresso, mas também lugar do perigo e de ameaça mais extrema. No cimo desta montanha está a cruz: meta e ponto de orientação da história. Na cruz, a destruição é transformada em salvação; ergue-se como sinal da miséria da história e como promessa para a mesma»³⁰².

Quanto às pessoas presentes na visão, o «Bispo vestido de Branco» (o Papa), outros bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas e, finalmente, homens e mulheres de todas as classes sociais, mostram na visão o caminho da Igreja como uma “via-sacra”, como um caminho num tempo de violência, destruições e perseguições, onde pode ver-se representada a história do século XX, o século dos mártires, das guerras mundiais e locais, de novas formas de crueldade. No «espelho» da visão, vemos assim passar as testemunhas da fé de decénios³⁰³:

«Na visão, podemos reconhecer o século vinte como o século dos mártires, como século dos sofrimentos e perseguições à Igreja, como o século das guerras mundiais e de muitas guerras locais que ocuparam toda a segunda metade do mesmo, tendo feito experimentar novas formas de crueldade»³⁰⁴.

A referência do *Segredo* à figura do Papa evoca, na realidade, a importância que os diversos Papas tiveram no evoluir dos acontecimentos históricos ao longo do século passado, e por isso o cardeal J. Ratzinger considera perfeitamente razoável que João Paulo II tenha visto no *Segredo* uma referência a si mesmo:

«Na visão, também o Papa é morto na estrada dos mártires. Não era razoável que o Santo Padre, quando, depois do atentado de 13 de Maio de 1981, mandou trazer o texto da terceira parte do “segredo”, tivesse lá identificado o seu próprio destino? Esteve muito perto da fonte da morte, tendo ele

³⁰¹ 1Cor 13, 12.

³⁰² J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, 229.

³⁰³ Cf. J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, 230.

³⁰⁴ J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, 230.

mesmo explicado a sua salvação com as palavras seguintes: “Foi uma mão materna que guiou a trajetória da bala e o Papa agonizante deteve-se no limiar da morte”. O facto de ter havido lá uma “mão materna” que desviou a bala mortífera demonstra uma vez mais que não existe um destino imutável, que a fé e a oração são forças que podem influir na história e que, em última análise, a oração é mais forte que as balas, a fé mais poderosa que os exércitos»³⁰⁵.

Como conclusão da visão, aparecem na imagem «Anjos que recolhem, sob os braços da cruz, o sangue dos mártires e com ele regam as almas que se aproximam de Deus»³⁰⁶, o que evoca que, «tal como nasceu a Igreja da morte de Cristo, assim também a morte das testemunhas é fecunda para a vida futura da Igreja»³⁰⁷.

«É uma visão consoladora, que quer tornar permeável à força santificante de Deus uma história de sangue e de lágrimas. (...) O sangue de Cristo e o sangue dos mártires são vistos aqui juntos: o sangue dos mártires escorre dos braços da cruz. O seu martírio realiza-se solidariamente com a paixão de Cristo, identificando-se com ela. Eles completam em favor do corpo de Cristo o que ainda falta aos seus sofrimentos (cf. Col 1, 24). A sua própria vida tornou-se eucaristia, inserindo-se no mistério do grão de trigo que morre e se torna fecundo. O sangue dos mártires é semente de cristãos (...)»³⁰⁸.

E assim a conclusão do *Segredo*, que iniciara de um modo tão angustiante, termina numa imagem de esperança, mostrando que nenhum sofrimento é vão e uma Igreja dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca para Deus. Do sofrimento das testemunhas, deriva uma força de purificação e renascimento, porque é a actualização do próprio sofrimento de Cristo e transmite ao tempo presente a sua eficácia salvífica.

Segundo J. Ratzinger, o essencial do *Segredo* consiste, assim, como já o havia dito ao início, na «exortação à oração como caminho para a “salvação das almas”, e, no mesmo sentido, no apelo à penitência e à conversão»³⁰⁹.

Esta terceira parte do *Segredo* completa desta forma as outras duas, revelando-se como séria advertência para os ainda actuais “infernos da história” e como insistente chamamento à devoção ao Imaculado Coração de Maria. Os calvários da história que a visão descreve, numa clara alusão ao percurso da Igreja no Século XX, não deixaram de

³⁰⁵ J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, 231.

³⁰⁶ J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, 231.

³⁰⁷ J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, 231.

³⁰⁸ J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, 231.

³⁰⁹ J. RATZINGER, *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, 232.

existir e continua urgente uma permanente elucidação ao povo cristão para atravessar esse “monte” guiado pelo brilho da luz que irradia das mãos abertas de Nossa Senhora.

As seguintes palavras de J. Farias resumem bem a importância desta mediação do Coração de Maria que o *Segredo* pressupõe e, simultaneamente, preconiza:

«O horizonte trinitário no qual a mensagem é proferida permite-nos captar, na sua dimensão mais profunda o alcance da mediação do Coração Imaculado de Maria, a qual pertence à essência do segredo, e que tem a ver com o mistério da sua maternidade divina. Como Mãe de Deus ela continua na história a indicar para onde a humanidade há-de caminhar ou reencaminhar-se. A Igreja e a Virgem Maria são aqui de novo apresentadas como *mediação* para o encontro com Deus, sendo esse o sentido da luz intenso que, partindo das mãos de Nossa Senhora, penetra no íntimo dos Videntes, os quais se vêem reflectidos como no melhor dos espelhos»³¹⁰.

Essa luz que, logo na primeira aparição, emana da Virgem Maria para as três crianças e lhes é colocada no peito, é o próprio Deus, no qual as crianças se vêem imersas³¹¹. O Mistério inefável da Santíssima Trindade que envolve as revelações de Fátima é a chave que permite aos Pastorinhos captar o sentido de tudo o resto, é o pressuposto e o horizonte do *Segredo* como revelação e profecia. Para Francisco, o *Segredo*, mais que um conjunto de visões com determinado significado, diz respeito sobretudo a esta atmosfera sobrenatural que experienciava. O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, na luz imensa que lhes penetrava no mais íntimo da alma³¹².

Refere ainda J. Farias a este propósito:

«Portanto, a espiritualidade do Francisco, mas na qual todos participavam, faz-nos descobrir uma dimensão do *segredo*, anterior ao segredo, como revelação e profecia, e que lhe oferece como que o seu pressuposto e o seu horizonte, ou seja, a experiência de Deus como experiência trinitária, revelada no reflexo de Luz, e na forte atmosfera do sobrenatural, na qual os videntes se sentiam mergulhados»³¹³.

Esta é a experiência das três crianças: «Parece que tenho um lume no peito, mas não me queimo»³¹⁴, diz Jacinta; «Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era»³¹⁵, diz Francisco.

³¹⁰ J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 68.

³¹¹ Cf. *Memórias I* 174.

³¹² Cf. *Memórias I* 141.

³¹³ J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 52.

³¹⁴ *Memórias I* 56.

³¹⁵ *Memórias I* 140.

Conta Lúcia acerca da primeira aparição do Anjo:

«A atmosfera do sobrenatural que nos envolveu era tão intensa, que quase não nos dávamos conta da própria existência, por uma grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração. A presença de Deus sentia-se tão intensa e íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar. (...) Era tão íntima que não era fácil pronunciar sobre ela a menor palavra»³¹⁶.

Assim se percebe a visão do Inferno como consequência desta proximidade de Deus³¹⁷: apenas quem faz a experiência profunda deste Mistério pode perceber realmente o que representa a perdição como radical afastamento de Deus. Como referia João Paulo II na homilia da Missa de Beatificação de Francisco e Jacinta³¹⁸, se em Francisco, o que mais sobressai é a interioridade e ao mesmo tempo o maravilhamento na experiência do Transcendente, em Jacinta, a tônica é a do amor pela Igreja e pelo Imaculado Coração de Maria e a da compaixão pelos outros, pelos que sofrem, em especial pelo Santo Padre, e pelos pecadores, nomeadamente os que vão para o Inferno.

Vislumbra-se assim, na espiritualidade destas duas crianças, o essencial do *Segredo* e também de toda a vida cristã: a contemplação, através da mediação da Virgem Maria, do Mistério da Santíssima Trindade e o seu reconhecimento naqueles que sofrem. Esta vivência conduz a uma caridade intensa que leva à comunhão e à entrega de si mesmo no sacrifício, pela salvação das almas «que mais precisarem».

³¹⁶ *Memórias I* 169.

³¹⁷ Cf. *Memórias I* 176.

³¹⁸ JOÃO PAULO II, *Homilia ante templum sanctuarium Fatimen. in beatificatione Francisci et Hyacinthae Marto*, in *Actae Apostolicae Sedis* 92 (2000) 708 - 712.

Conclusão

No termo desta análise, há a destacar algo que até antes nos passava despercebido: o conceito de *segredo*, entendido como mistério e não apenas como um conteúdo que não pode ser revelado. Mais do que uma série de palavras e imagens que guardavam na memória, as três crianças de Fátima experimentaram, no reflexo daquela luz, a presença viva e verdadeira de Deus, de uma forma absolutamente sobrenatural, de modo que a não conseguiam exprimir por palavras. E foi a essa experiência que desde logo chamaram *segredo*, ainda que só em Julho o segredo, propriamente dito, lhes fosse comunicado por Nossa Senhora.

É no contexto da intensíssima experiência de Deus que esta revelação acontece e é também este horizonte «que oferece o plano de entendimento da mensagem de Fátima no que ela tem de específico, da sua espiritualidade e da sua fecundidade pastoral para a Igreja e para o mundo»³¹⁹.

Em Francisco, é particularmente notório o deslumbramento e, ao mesmo tempo, a interioridade desta vivência de imersão em Deus Trindade. O seu exemplo é um convite a centrar radicalmente a existência em Deus, como Senhor da vida e da morte, o único que deve ser amado e adorado. A sua glória extravasa o círculo fechado da Trindade Imanente e manifesta-se na misericórdia para com o homem³²⁰. «Por isso, o *sufrimento* de Deus e a sua ofensa pelo pecado atingem a *glória e a santidade* de Deus, porque o pecado prejudica a sua obra, que é por excelência, o homem e a sua felicidade, a sua radical beatitude, que só em Deus se encontra»³²¹.

A devoção ao Imaculado Coração de Maria constitui um caminho seguro para que este encontro com Deus aconteça, como mostra a luz que a Virgem comunica aos videntes. Só colocando-se perante Deus, o homem descobre quem é e toma consciência do seu pecado. Encontrando no amor maternal de Maria a proximidade do perdão e da graça, que o convida a não fechar o seu coração, o homem pecador vê-se reconduzido até Deus, com o qual e reconcilia.

A grande preocupação inerente à primeira parte do *segredo* é precisamente o afastamento de Deus, isto é, o *Inferno*. Para «salvar as almas», levá-las a reencontrar Deus, é preciso *Penitência*, como apela o Anjo por três vezes, na terceira parte. Se a

³¹⁹ J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 68.

³²⁰ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 69.

³²¹ J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 69.

devoção ao Imaculado Coração de Maria é imagem do amor maternal da Igreja pelos seus filhos, a imprescindível corresponsabilidade de cada membro pela salvação dos outros, seus irmãos, representa uma das principais realizações deste amor maternal a actuar no Corpo de Cristo.

Por isso se torna necessária a oração e os sacrifícios «pela conversão dos pecadores», como pede a Virgem: «Rezai, rezai muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas»³²². Ao atender este pedido, os Pastorinhos tomam consciência que neles e através deles, é Cristo que ora e sofre pela redenção do mundo, para «atrair todos a Si»³²³.

A Consagração do mundo e da Rússia ao Imaculado Coração de Maria está, de forma muito explícita, presente no *segredo*, como desejo concreto da Virgem Maria para salvar a humanidade dos seus próprios erros. A este tipo de consagração, acrescentamos naturalmente, como suposição, a consagração pessoal e eclesial, como decisão firme de adesão ao plano de Deus, abrindo-lhe o coração para que, pela mão de Maria, se deixe moldar à Imagem do Homem Novo, Jesus Cristo.

A prática da comunhão reparadora nos primeiros sábados, muito presente como pedido nas posteriores revelações de Tuy e Pontevedra, constitui uma prática concreta de devoção ao Imaculado Coração de Maria. Primando por uma pedagogia da simplicidade e da santidade, este exercício faz-nos levar os problemas da humanidade actual aos Corações de Jesus e Maria, problemas esses que, na Europa, já não se restringem só nem principalmente ao perigo eminente da eclosão de guerras entre os povos, mas que se prendem sobretudo com o abandono progressivo dos princípios fundamentais que erigiram a cultura cristã ocidental.

É de facto preocupante a situação moral e espiritual do Velho Continente onde, no último milénio, a fé cristã floresceu e “transbordou” para o resto do mundo. No meio de crises aparentemente intermináveis, é na falta de confiança no futuro e no cansaço moral e espiritual do homem contemporâneo que residem os actuais *infernos da história*. Nada melhor para os evitar que a tradicional trilogia que perpassa toda a Mensagem de Fátima: *oração, conversão e reparação*.

Esta mensagem, como grande graça que constitui para o mundo, é também uma séria advertência, que só pode interpelar todo aquele que esteja disponível e seja capaz

³²² *Memórias I* 179.

³²³ Cf. Jo 12, 32.

de escutar³²⁴. O ambiente de *mistério* que cada peregrino experimenta nos locais santos de Fátima e que compõe o essencial do seu *segredo* revela-se uma importante forma de consolação e graça para se ser apóstolo da Mensagem de Maria às três humildes crianças de Fátima. Mensagem que nada mais é que o Evangelho de Cristo, «Convertei-vos e acreditai na Boa Nova»³²⁵, só ele capaz de mudar o mundo.

³²⁴ Cf. J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima* 63.

³²⁵ Mc 1, 15.

Bibliografia

1. Bibliografia principal

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* in IRMÃ LÚCIA, *Memórias I* – Apêndice III (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2006¹²).

DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA I. INTERROGATÓRIOS AOS VIDENTES - 1917 (Santuário de Fátima 1992).

DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA II. PROCESSO CANÓNICO DIOCESANO (1922 -1930) (Santuário de Fátima 1992).

IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem, através dos tempos e dos acontecimentos* (Fátima: Carmelo de Coimbra / Secretariado dos Pastorinhos 2007²).

IRMÃ LÚCIA, *Memórias I* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2006¹²).

IRMÃ LÚCIA, *Memórias II* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2005⁵).

2. Bibliografia secundária

ANGENOT, M., *Glossário da Crítica Contemporânea* (Lisboa: Editorial Comunicação 1984).

BALTHASAR, H. U. von, *Eschatologie* in *Questions Théologiques Aujourd'hui II. Dogmatique* (Paris: Desclée de Brower 1965) 276 – 278.

BENTO XVI, *Ad parochos et ad clerum Romanae diocesis, die 22 Februarii 2007* in *Actae Apostolicae Sedis* 99 (2007).

BOFF, Cl., *Fátima: a mais política das aparições marianas* in *Mensagem de Esperança para o Mundo: Acontecimento e Significado de Fátima* (Santuário de Fátima 2012) 167 – 237.

CARVALHO, M^a. M., *Os Novíssimos* in *A Pastoral de Fátima. Actas do I Encontro Nacional sobre a Pastoral de Fátima no 75º aniversário das Aparições* (Santuário de Fátima 1993) 143 – 153.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (Gráfica de Coimbra 2000²).

D'ARMADA, F. – J. FERNANDES, *Fátima, nos Bastidores do Segredo* (Lisboa: Âncora Editora 2002).

DE FIORES, S., *O Segredo de Fátima. Uma luz sobre o futuro do mundo* (Lisboa: Paulus 2008).

ESPÍRITO SANTO, M., *Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima*, (Universidade Nova de Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões 1995).

FARIAS, J., *Segredo*, in AZEVEDO, C. – CRISTINO, L. (coord.), *Enciclopédia de Fátima* (Estoril: Principia 2007) 523 – 528.

---, *A revelação da 3ª parte do “Segredo” de Fátima: breves considerações teológicas*, in GUERRA, L. (Org.), *O “Segredo” de Fátima* (Fátima: Reitoria do Santuário de Fátima 2004) 5 – 16.

---, *Um fogo que arde, mas não queima* (Lisboa: Paulinas 2010).

FERRAZ, M^a. L. A., *A linguagem verbal das aparições. Uma aproximação à mensagem de Fátima do ponto de vista da literatura* in *Fenomenologia e Teologia das Aparições. Actas do Congresso Internacional de Fátima* (Santuário de Fátima 1998) 441 – 452.

GUERRA, L., *Segredo de Fátima, autenticidade* in GUERRA, L. (Org.), *O “Segredo” de Fátima* (Fátima: Reitoria do Santuário de Fátima 2004) 27- 46.

ILHARCO, J., *Fátima Desmascarada* (Coimbra: 1971).

IRMÃ LÚCIA, *Apelos da Mensagem de Fátima* (Carmelo de Coimbra e Santuário de Fátima 2007⁴).

JOÃO PAULO II, *Acto de Entrega a Nossa Senhora de Fátima* in *L'Osservatoire Romano*, Anno CXXII, N.111 (36.996) 2.

---, *Acto de Entrega a Nossa Senhora de Fátima* in *L'Osservatoire Romano*, Anno CXXIV, N.72 (37.564) 1, 6.

---, *Audiência Geral de 14 de Outubro de 1981* in *L'Osservatoire Romano*, Anno CXXI, N.238 (36.822) 1.

---, *Dominum et Vivificantem*, in *Actae Apostolicae Sedis* 78 (1986) 809 – 900.

---, *Homilia ante templum sanctuarium Fatimen. in beatificatione Francisci et Hyacinthae Marto*, in *Actae Apostolicae Sedis* 92 (2000) 708 – 712.

LOPES, A., *Videntes e Confidentes. Um estudo sobre as aparições de Fátima* (Chamusca: Edições Cosmos 2009).

MARTINS, A. M., *O Segredo de Fátima e o Futuro de Portugal nos Escritos da Irmã Lúcia* (Porto: Simão Guimarães 1974).

OLIVEIRA, M., *Fátima Nunca Mais* (Porto: Campo das Letras 1999).

PIO XII, *Haurietis Aquas* in *Actae Apostolicae Sedis* 48 (1956) 309 – 353.

POLICARPO, J., *Fátima, a Paz e a Rússia* in *Fátima e a Paz. Actas do Congresso Internacional sobre Fátima e a Paz no 75º aniversário das aparições* (Santuário de Fátima 1993) 117 – 129.

RAHNER, K., *Hölle*, in *Sacramentum mundi – Theologisches Lexikon für die Praxis* (Freiburg: Editiones Herder 1968) 735 – 737.

RATZINGER, R., *Comentário Teológico à Terceira Parte do Segredo de Fátima*, in CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* in IRMÃ LÚCIA, *Memórias I – Apêndice III* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2006¹²) 220-232.

RIBEIRO, A. P., *Consagração ao Coração de Maria: uma proposta pastoral à luz de Fátima* in *A Pastoral de Fátima. Actas do I Encontro Internacional sobre a Pastoral de Fátima no 75º aniversário das aparições* (Santuário de Fátima 1993).

SCHEFFCZYK, L., *A mensagem de paz de Fátima*, in *Mensagem de Esperança para o Mundo: Acontecimento e Significado de Fátima* (Santuário de Fátima 2012) 243 – 315.

Índice

Introdução.....	2
Capítulo Primeiro:.....	4
A problemática do <i>Segredo</i> de Fátima	4
1.1 – A crítica anti-fatimida.....	4
1.1.1 – João Ilharco	4
1.1.2. – Moisés Espírito Santo.....	7
1.1.3 – Pe. Mário de Oliveira	9
1.1.4 – Fina d’Armada e Joaquim Fernandes	14
1.1.5 – Aurélio Lopes	15
1.2 – A Mensagem de Fátima, como “construção” literária	19
1.2.1 – A “esquematisação” da linguagem na Mensagem de Fátima	19
1.2.2 – Da memória oral à fixação escrita nas Memórias	23
Capítulo Segundo:.....	29
A credibilidade do <i>Segredo</i>	29
2.1 – O <i>Segredo</i> como texto escrito	29
2.1.1 – Um único <i>Segredo</i> em três partes	30
2.1.2 – Antecedentes da redacção do <i>Segredo</i>	30
2.2 – Uma versão oral anterior.....	32
2.3 – Aspectos históricos do surgimento do <i>segredo</i>	35
2.3.1 – A primeira notícia	35
2.3.2 – O primeiro divulgador	36
2.3.3 – Destinatários e recepção	37
2.3.4 – A revelação.....	39
2.4 – Um “segredo” em vários segredos	40
2.5 – Ocultar sem mentir	45
2.6 – O conteúdo do <i>Segredo</i> na mente de Lúcia.....	47
Capítulo Terceiro:	49
Análise do <i>Segredo</i> a partir dos escritos da Ir. Lúcia.....	49
3.1 – Estrutura do <i>Segredo</i>	49
3.2 – O <i>segredo</i> nas <i>Memórias</i> : análise das duas primeiras partes constituintes	51
3.2.1 – A visão do Inferno.....	51
3.2.2 – A devoção ao Imaculado Coração de Maria e a consagração da Rússia	59
3.2.2.1 – O Imaculado Coração na fé católica e na Mensagem de Fátima	60
3.2.2.2 – A atitude de reparação pedida no <i>Segredo</i>	67
3.2.2.3 – Consagração da Rússia	71
3.2.2.4 – Portugal no <i>Segredo</i>	77
3.3 – A terceira parte do <i>Segredo</i>	78

3.3.1 – A visão profética	79
3.3.2 – Interpretação da Igreja.....	81
Conclusão	87
Bibliografia.....	90
1. Bibliografia principal.....	90
2. Bibliografia secundária	90